Programação disponível em: http://www.literatura.ufes.br/
Secretaria do evento: sala 301, prédio Wallace Corradi Viana (perto da Cantina do CCHN)
E-mail: xixcel.mulheres@gmail.com /// Whats app: (27) 9-9918-3460

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PROGRAMAÇÃO GERAL
&
RESUMOS

XIX CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: LITERATURA E ARTES, TEORIA E CRÍTICA FEITAS POR MULHERES
&
I CONGRESSO DE LIBRAS: LITERATURA, ARTE E TRADUÇÃO

20 e 21/11/2017

SUMÁRIO

/4/ Apresentação

/5/ Conferências

/6/ Comunicações do dia 20/11, segunda-feira
MESAS 1 a 10

/16/ Comunicações do dia 21/11, terça-feira
MESAS 11 a 20

/26/ Resumos (das conferências e das comunicações)

/79/ Informações relativas a transporte, hospedagem e alimentação

/81/ Normas para envio do artigo

/81/ AVISOS IMPORTANTES

/82/ Créditos

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) organiza a XIX edição do Congresso de Estudos Literários e o I Congresso de Libras, a se realizarem **nos dias 20 e 21 de novembro de 2017** no Campus de Goiabeiras da Ufes, em Vitória.

Baseado em uma das linhas de pesquisa do PPGL, "Literatura, alteridade e sociedade" (LAS), cuja ementa implica o estudo e pesquisa de questões de classe, gênero e étnico-raciais, os eventos pretendem reunir professores, pesquisadores e estudiosos, de modo a favorecer discussões atualizadas sobre as múltiplas formas de produção, publicação, circulação, recepção e apropriação da literatura e da arte, da teoria e da crítica **feitas por mulheres**, a partir de diferentes abordagens, recortes e metodologias.

O objetivo é colocar em debate e dar visibilidade a um fato que se perpetua, com maior ou menor intensidade conforme o tempo e o contexto, ao longo dos séculos: o abafamento, o silenciamento, a opressão da escrita e da criação **da mulher** – e, portanto, de sua voz, de seu pensamento, de seu modo de interpretar o mundo, seja em termos crítico-teóricos, seja em termos artísticos. Se, no presente, essa condição parece se atenuar ou mesmo, em alguns lugares, desaparecer, forçoso é reconhecer que ainda hoje (e muito mais se retroagimos no tempo) tal condição prevalece.

Desenvolver perguntas, dúvidas e respostas é o que se espera desse encontro de pesquisadores que procuram investigar e propor leituras acerca da vastíssima produção literária, artística, crítica e teórica feita por mulheres, no Brasil e no mundo, contemporânea ou não. No conjunto, os eventos poderão contribuir trazendo elementos e informações que esclareçam como foi, tem sido e poderá ser o lugar da mulher na história e na cultura no Brasil e no mundo. Num país em que um presidente recentemente declarou que, "para não quebrar, um governo precisa ter marido", todo esclarecimento será bem-vindo na luta contra a misoginia e o obscurantismo.

Aos congressistas e demais participantes, damos as nossas cordiais boas-vindas!

A Comissão Organizadora.

CONFERÊNCIAS

(local: sempre no Auditório do IC-2 / CCHN)

***** Segunda-feira, 20 de novembro, 9h às 11h30min *****

REGINA DALCASTAGNÉ (UNB) → O lugar das mulheres no campo literário brasileiro
ADELIA MIGLIEVICH (UFES) → Entre Virgínia Woolf e bell hooks: cânones, manutenção e subversão

***** Segunda-feira, 20 de novembro, 19h às 21h30min *****

TANIA SARMENTO-PANTOJA (UFPA) → Lugares contigentes: o corpo, o rio e a cidade como locus poético em Samantha de Sousa e Nathália Cruz
MARIA MIRTIS CASER (UFES) → A violência política em quatro contos de *Aqui pasan cosas raras* de Luisa Valenzuela
MARIA APARECIDA RIBEIRO (UNIV. COIMBRA) → Rachel de Queiroz para crianças: *docere cum delectare*

***** Terça-feira, 21 de novembro, 9h às 11h30min *****

FERNANDA MACHADO → Antologia da poética de língua de sinais brasileira: tradução comentada
RACHEL SUTON-SPENCE (UFSC) → Literatura em Libras feita por mulheres

***** Terça-feira, 21 de novembro, 19h às 21h30min *****

MARIA FERNANDA GARBERO (UFRRJ) → Sem pena e sem dó: nos subsolos de Ana Paula Maia
MARIA AMÉLIA DALVI (UFES) → Mulheres de palavra, nas letras da Universidade Federal do Espírito Santo
NEIDE REZENDE (USP) → De Cecília Meireles a Graça Ramos: a imagem na literatura infantil

COMUNICAÇÕES

Segunda-feira, 20 de novembro de 2017

13h30 às 18h

Mesa 1
Simpósio 6 - Teoria e crítica feitas por mulheres no mundo
Local: Sala 1, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: MARIA CLARA PIVATO BIAJOLI e ADRIANA FALQUETO LEMOS

ADRIANA FALQUETO LEMOS (IFES Santa Teresa)
IMAGENS FEMININAS NA PÓS-MODERNIDADE: *THE POLITICS OF POSTMODERNISM* (2000), DE LINDA HUTCHEON

CAMILA GOOS DAMM (UNESP)
RHIANNON E O SAGRADO FEMININO

LUCIMAR SIMON (UFES)
ENTRE ESTIGMAS E REPRESENTAÇÕES: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E ROMÂNTICA DA PERSONAGEM RAHEL VARNHAGEN EM *RAHEL VARNHAGEN: A VIDA DE UMA JUDIA ALEMÃ NA ÉPOCA DO ROMANTISMO*

MARIA CLARA PIVATO BIAJOLI (Centro Universitário Anchieta)
JANE AUSTEN E O GÊNERO DO ROMANCE MODERNO: DA VISÃO DA UMA AUTORA PARA A CRÍTICA DO SÉCULO XX.

PAULO MUNIZ DA SILVA (UFES)
O MURO SOB O OLHAR FEMININO DE ÉVELYNE PÉRÉ-CHRISTIN

RAYANA ABRAHÃO NETTO FRANKLIN (UFES)
POR TRÁS DA MUTILAÇÃO FEMININA EM ÁFRICA: SE A CULTURA FERE O SEU CORPO, POR QUE PRESERVÁ-LA?

CINTHIA BELONIA (UFF)
A MEMÓRIA PRIVADA DA GUERRA COLONIAL PORTUGUESA

Mesa 2
Simpósio 5 - Teoria e crítica feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 2, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES e ANGELI ROSE

ANGELI ROSE (UAB / CEDERJ)
NOTAS, REFLEXÕES E UMA ENTREVISTA DE VALOR

DANIELLA BERTOCCHI MOREIRA (UFES)
GONZAGUINHA E AS MULHERES – A CRÍTICA FEMININA DESCOBRE O MOLEQUE

ESTELA CORREA SILVA (FEBF / UERJ)
LUCIANO MARQUES DA SILVA (UFRRJ)
MAIZA DA SILVA FRANCISCO (UFRRJ)
MÔNICA DA SILVA FRANCISCO (UFRRJ)
INTELECTUAIS NEGRAS E A CONTRIBUIÇÃO PARA AS MOVIMENTAÇÕES E DECOLONIALIDADES EDUCATIVAS

FABIANI RODRIGUES TAYLOR COSTA (SEDU)
ARA: O ANJO DE HAMBURGO QUE DEU VOZ ÀS LETRAS DO SERTÃO

GABRIEL CAIO CORREA BORGES (UFRJ / CNPq)
SANTUZA CAMBRAIA NAVES E A CANÇÃO CRÍTICA

GABRIELA BRAHIM CORREA BORGES (UFES)
MULHERES LEEM *SÃO BERNARDO*: ANÁLISE DE LEITURAS FEMININAS DO ROMANCE DE GRACILIANO RAMOS

LARISSA O'HARA (UFES/FAPES)
ESTUDO DE *O IMPÉRIO DA CORTESÃ: LUCÍOLA, UM PERFIL DE ALENCAR*, DE VALÉRIA DE MARCO

LUÍS RICARDO SOARES WENCESLAU (UEMG)
FERNANDA ABREU GUALHANO (UEMG)
LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/ FACIG)
DO PATRIARCADO À MODERNIDADE: UM ESTUDO SOBRE A POSIÇÃO SOCIOESPACIAL DA MULHER BRASILEIRA

Mesa 3
Simpósio 1 - Literatura e artes feitas por mulheres no Espírito Santo
Local: Sala 3, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA e GISELE BARBOSA RIBEIRO

ALINE MARIA DIAS (UFES)
GABRIELA SANTOS ALVES (UFES)
GISELE BARBOSA RIBEIRO (UFES)
CELAS E O CASAMENTO

ANA CAROLINA ROCHA DE SOUZA RAMOS (FDV/CNPq)
YUMI MARIA HELENA MIYAMOTO (FDV/CNPq)
MAIS LUZ: AS CONTRIBUIÇÕES DE LUZ DEL FUEGO PARA O PROCESSO DE LIBERTAÇÃO DA MULHER

ANDRÉ LUIZ NEVES JACINTHO (IFES)
ZEITGEIST: O CRONOTOPO DA EXISTÊNCIA NAS CRÔNICAS DE JEANNE BILICH

ANNA CATHARINA IZOTON (University of New Mexico)
NOVAS NOÇÕES GEOGRÁFICAS E PERFORMÁTICAS NA PEÇA *TODAS AS RUAS TÊM NOME DE HOMEM*

CAROLINNE QUINTANILHA ORNELLAS (UFES)
DO RASTRO E DO APAGAMENTO DO CRIME: A VIOLÊNCIA URBANA EM "COMEÇAR A MORRER" DE ANDREIA DELMASCHIO

DÉBORA SANTOS COUTO (UFES)
CONTADORAS DE HISTÓRIAS: A PRESENÇA DA MULHER DENTRO DO PROJETO VIAGEM PELA LITERATURA

ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA (UFES)
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO TEATRO CAPIXABA PARA O MUNDO INFANTO/JUVENIL EM OBRAS DE SHIRLEY SALIBA E VERA VIANA.

ISABELA MACHADO BREDA (UFES/CNPq)
LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER

Mesa 4
Simpósio 3 - Literatura e artes feitas por mulheres no mundo
Local: Sala 4, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: ROSE MARY ABRÃO NASCIF e ROSEANE VARGAS ROHR

AMANDA ANAVLIS COSTA (UFES)
FABRÍCIO BRAGANÇA (UFES)
GUSTAVO DE OLIVEIRA ANDRADE (IFES)
HIATA ANDERSON DO NASCIMENTO (IFES)
ROSEANE VARGAS ROHR (UFES)
REFLEXÕES SOBRE ALTERIDADE E SOFRIMENTO NA ARTE E VIDA DE FRIDA KAHLO

FERNANDA MAFFEI MOREIRA (PUC Minas)
FRIDA KAHLO E O SURREALISMO: UMA ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS SURREALISTAS EM SUA OBRA

LUCIANO PRADO DA SILVA (UFRJ)
O PROJETO *LAS SINSOMBRERO* E A RECUPERAÇÃO DAS VOZES FEMININAS DA GERAÇÃO ESPANHOLA DE 1927: UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO CONTRA A MISOGINIA

RIVANA ZACHÉ BYLAARDT (IFES São Mateus)
AMOR, ESCRITA, SUBVERSÃO: A PROBLEMÁTICA DO CASAMENTO NOS CONTOS DE EMILIA PARDO BAZÁN

ROSE MARY ABRÃO NASCIF (UFJF)
IMAGENS DISTORCIDAS DA MULHER PELO VIÉS MASCULINO EM *CINE PRADO*, DE ELENA PONIATOWSKA

MUNAH MALEQUE FELICIO (UERJ)
CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM *CARTAS PARA MINHA MÃE* DE TERESA CÁRDENAS

FLÁVIA PAIS DE AGUIAR (UFF)
OS RIOS E AFLUENTES NA ESCRITA FEMININA: UMA ESTÉTICA DA INSTABILIDADE

Mesa 5
Simpósio 3 - Literatura e artes feitas por mulheres no mundo
Local: Sala 5, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadores: LINO MACHADO e JUNIA ZAIDAN

JUNIA ZAIDAN (UFES)
TRADUÇÃO E TRANSLINGUAJAMENTO EM *O MINISTÉRIO DA FELICIDADE ABSOLUTA*, DE ARUNDHATI ROY

MARCOS VINÍCIUS FERREIRA DE OLIVEIRA (UFJF)
NARCISOS SEM ESPELHOS – DILEMAS DA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA EM DOIS CONTOS DE LÍDIA JORGE

ROBERTA NUNES ANDRIÃO (UERJ)
PERSPECTIVA FEMININA SOBRE A MEMÓRIA DO COLONIALISMO PORTUGUÊS EM *A COSTA DOS MURMÚRIOS* DE LÍDIA JORGE

GABRIELA FERNANDES (UFBA)
KATIANE MARTINS (UNEB)
UM JOGO BASTANTE PERIGOSO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM ADÍLIA LOPES E PAULA RÊGO

VALCI VIEIRA DOS SANTOS (UNEB)
O UNIVERSO TRÁGICO MODERNO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE FLORBELA ESPANCA

LINO MACHADO (UFES)
NÃO: UMA PALAVRA TAMBÉM FEMININA

VANDA LUIZA DE SOUZA NETTO (UFES)
AS *CARTAS PORTUGUESAS* E AS QUESTÕES DO FEMININO, 300 ANOS DEPOIS

MARCELLA GAVA GRILLO (UFV)
A INTERTEXTUALIDADE EM NOVAS CARTAS PORTUGUESAS: A PRESENÇA DE MARIANA ALCOFORADO NA RELEITURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Mesa 6
Simpósio 3 - Literatura e artes feitas por mulheres no mundo
Local: Sala 104, prédio Bárbara Weinberg
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: MÔNICA GAMA e VIVIANE ARAÚJO ALVES DA COSTA PEREIRA

ÊUDMA POLIANA MEDEIROS ELISBON (UFES)
ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS (UFES)
SANDRINA WANDEL REI DE MORAES (UFES)
A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO DE FADAS A REVOLTA DAS PRINCESAS, DE LISBETH RENARDY E CÉLINE LAMOUR-CROCHET

GRACE ALVES DA PAIXÃO (UFES)
REFLEXÕES SOBRE AUTORIA FEMININA E FORMAÇÃO DO CÂNONE NA LITERATURA FRANCESA

IRENE DE PAULA (UFF)
SUBVERSÕES IMAGINÁRIAS EM "EU, TITUBA, FEITICEIRA NEGRA DE SALEM" DE MARYSE CONDÉ

MORGANA MAFRA (CEFET-MG)
ORLAN: MULHERES A RE-EXISTIR

VIVIANE ARAÚJO ALVES DA COSTA PEREIRA (UFPR)
CHAHDORTT DJAVANN E VIRGINIE DESPENTES: VOZES FEMININAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA FRANCESA

MÔNICA GAMA (UFOP)
A FASCINAÇÃO: O DESEJO PELO DESCONHECIDO NA NARRATIVA FEMININA

THIAGO LEONELLO ANDREUZZI (Unicamp)
DESAFIANDO O CONCEITO DE "MONSTRO": *FRANKENSTEIN* E A "MONSTRIFICAÇÃO" DOS *OUTSIDERS*

Mesa 7
Simpósio 2 - Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 304, prédio Bárbara Weinberg
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: NÍCEA HELENA NOGUEIRA e ADRIANA PIN

ADRIANA PIN (IFES)
ESTRANHAMENTO NA ESTREIA DE CLARICE LISPECTOR NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DA OBRA PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM PELA CRÍTICA E PELO LEITOR

FABIANE VERTEMATI DO AMARAL SECCHES (USP)
CLARICE LISPECTOR E ELENA FERRANTE: UM ENCONTRO PARA ALÉM DAS MARGENS

JULIANE OSCAR DE SOUZA MOURA (UNEMAT/ Sinop)
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NO ROMANCE *A HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR

LETÍCIA DA SILVA ZARBIETTI COÊLHO (UEMG)
LUCIANO MAGNO ROCHA (Univ. Metropolitana de Santos)
LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG)
REPRESENTAÇÕES DE CLARICE: A MULHER NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE

LUCIANA FREESZ (UFJF)
A CULPA É MINHA: CLARICE LISPECTOR E A VALORIZAÇÃO DA PESSOA EM *A HORA DA ESTRELA*

MARCELA RIBEIRO PACHECO PAIVA (UFES/Capes)
UMA ANÁLISE SOBRE O DESEJO NO CONTO "OS DESASTRES DE SOFIA" DE CLARICE LISPECTOR

NÍCEA HELENA NOGUEIRA (UFJF)
"COISAS ESTRITAMENTE FEMININAS": A CRÍTICA FEMINISTA NA LEITURA DAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

GISELLE LEITE TAVARES VEIGA (UFF)
DO SILÊNCIO IMPOSTO À VOZ POTENTE: UMA LEITURA DE *A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO*, DE MARTHA BATALHA

ELISA DOMINGUES COELHO (UNESP/ FCLAr)
O QUINZE E *MARIA LUIZA*: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO PAPEL DA RELIGIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA

MARIA DA LUZ PINHEIRO DE CRISTO (UFES)
A CONSTRUÇÃO DO PONTO DE VISTA EM *QUARENTA DIAS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

JULIA RAISA XIMENES FIGUEIRÊDO (UNEMAT / SINOP)
A FIGURA FEMININA NO CONTO "GREGÓRIA NA JANELA", DA ESCRITORA MATO-GROSSENSE TEREZA ALBUES

Mesa 8
Simpósio 2 - Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 308, prédio Bárbara Weinberg
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: EUDMA POLIANA MEDEIROS ELISBON e GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA

ELIS REGINA CASTRO (UFG)
JAMESSON BUARQUE (UFG)
A EXPERIÊNCIA DE LEITURA DE POEMAS DE AUTORIA FEMININA EM UM CURSINHO POPULAR

EUDMA POLIANA MEDEIROS ELISBON (UFES/Capes)
A MULHER E A MATERNIDADE NA LITERATURA: EM CENA O LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO

FERNANDA CAVALCANTI DE MELLO (UFRJ / UNIRIO / CEDERJ)
SORRISOS E SEGREDOS - INSTALAÇÃO PERFORMÁTICA

LEIDIANE EZEQUIEL DE SOUZA (UEMG)
LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG)
IVETE MONTEIRO DE AZEVEDO (UFF)
GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (UEMG)
MULHERES ARTESÃS TOMBENSES, A ARTE SUPERANDO A DOR

LEONARDO BORGES LELÉ (UFES)
LIRA MARQUE: O BARRO, AS CANÇÕES E A HISTÓRIA

MARCELO CALDERARI MIGUEL (UFES)
ANA CLAUDIA BORGES CAMPOS (UFES)
ROGÉRIO ZANON DA SILVEIRA (UFES)
PRÁTICAS EMPREENDEDORAS PRESENTES NA SECA: NOVOS OLHARES, POSSIBILIDADES E DIÁLOGOS SOBRE A PERCEPÇÃO DO TRABALHO CERAMISTA FEMININO NO VALE DO JEQUITINHONHA

NATHALIA DE OLIVEIRA SOUZA (UEMG)
BRUNA DAMAZO EVANGELISTA DE MORAES (FADILESTE)
LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG / FACIG)
LEONARDO GOMES DE SOUZA (UEMG)
GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (UEMG)
A VIDA TECIDA PELAS MULHERES DE MANHUMIRIM E MANHUAÇU

TAILANE DA SILVA SANTOS (UEMG)
LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/ FACIG)
GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (UEMG)
A MULHER E A SOCIEDADE: A INFLUÊNCIA DO SOCIAL NAS PRODUÇÕES DAS ARTESÃS DE DIVINO

MARCELO CALDERARI MIGUEL (UFES)
ROGÉRIO ZANON DA SILVEIRA (UFES)
ANA CLAUDIA BORGES CAMPOS (UFES)
ENTRE LABIRINTOS E FILÉ, TRAMAM-SE FIOS E VIDAS: A PERCEPÇÃO DE QUALIDADE DOS PRODUTOS E A VISIBILIDADE DO TRABALHO DAS MULHERES RENDEIRAS DE MARECHAL DEODORO

Mesa 9
Simpósio 2 - Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 313, prédio Bárbara Weinberg
Horário: 13h30-18h

Coordenadores: LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO e VITOR CEI

ANDRESSA DA COSTA FARIAS (UFSC)
A LITERATURA FEITA POR MULHER NO BRASIL

VITOR CEI (UNIR)
NOTÍCIA DA ATUAL LITERATURA BRASILEIRA FEITA POR MULHERES: ANÁLISE DE ENTREVISTAS

VANESSA FERNANDES DIAS (UEMG)
LIDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG)
GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (EST Brasil)
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA ATRAVÉS DA ARTE

TATYANA RODRIGUES BARCELOS (IFES)
LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO (IFES)
A SUBVERSÃO FEMININA SOB A ÓTICA DA CARNAVALIZAÇÃO

MÁRCIA MOREIRA CUSTÓDIO (UFES)
A ESCRITA *IN PROGRESS* DE MAURA LOPES CANÇADO

MARCELLO AMORIM VIEIRA (UFES/UVV)
NARA: A EXPRESSÃO CRÍTICA DE UMA CAPIXABA DE OPINIÃO

LUCIANA RODRIGUES DO NASCIMENTO (UFES)
OLHOS DA (DES)MEMÓRIA

JULIANA GALVÃO MINAS (UFES)
APRECIAÇÃO DA OBRA DE DÉA TRANCOSO

ROGÉRIO SOARES (UFES)
A MULHER EM O *ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA*: UMA VOZ COLETIVA NO "PAÍS DA ARCÁDIA"

JOSINEIA SOUSA DA SILVA (UFES)
A VOZ DA MULHER EM *ÉRAMOS SEIS*, DE MARIA JOSÉ DUPRÉ: ENTRE LIVROS E SUPLEMENTOS DE LEITURA

Mesa 10
Simpósio 7 - Libras: literatura, arte & tradução
Local: Auditório do IC-2 / CCHN
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: ARLENE BATISTA DA SILVA E LUCYENNE MATTOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO

MARCELLE BITTENCOURT XAVIER ALMEIDA (UESB)
MARCUS ANTÔNIO ASSIS LIMA (UESB)
FRANCISCO DOS SANTOS CARVALHO (UESB)
TRADUÇÃO ADAPTADA DE OBRAS LITERÁRIAS INFANTO-JUVENIS PARA A LÍNGUA DE SINAIS: A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DA LITERATURA SURDA NA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL

JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFES)
KLÍCIA ARAÚJO CAMPOS (UFSC)
CENTRO E PERIFERIA NO SISTEMA LITERÁRIO EM LÍNGUAS DE SINAIS: A LITERATURA TRADUZIDA PARA LIBRAS

DANIELA GOMES GUMIERO (UFES)
RELAÇÕES DO IMAGINÁRIO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A TRADUÇÃO PARA LIBRAS PELO SISTEMA SIGNWRITING

CLARA MARQUES BODART (UFES)
ANDERSON BRUNO M. B. DE ANDRADE (UFES)
RENAN GUILHERME SOARES (UFES)
RECRIAÇÃO LITERÁRIA: EXPERIÊNCIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS PARA CRIANÇAS SURDAS

ELIETE FURTADO DE MIRANDA (UFES)
PERCEPÇÕES DOS SURDOS SOBRE MÚSICAS EM LIBRAS

RENATA CRISTINA ALVES DO CARMO JANTORNO (UFES)
PIADAS EM LIBRAS: O USO DA EXPRESSIVIDADE E DA PERFORMANCE NA PRODUÇÃO DO HUMOR SURDO

SAMUEL DE OLIVEIRA MORAIS (UFES)
JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFES)
A PERFORMANCE DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM PEÇAS TEATRAIS

AMÁBELE CRISTINE MIRANDA AZEVEDO DE ARAÚJO (UFES)
A PERFORMANCE DO TRADUTOR-INTÉRPRETE EM CANÇÕES CRISTÃS

COMUNICAÇÕES

Terça-feira, 21 de novembro de 2017

13h30 às 18h

Mesa 11
Simpósio 1 - Literatura e artes feitas por mulheres no Espírito Santo
Local: Sala 1, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: PRISCILA CHISTÉ e RENATA BOMFIM

JÉSSICA RIBEIRO SPADÊTO (IFES)
PRISCILA CHISTÉ (IFES)
DILZA CÔCO (IFES)
VIOLÊNCIA CONTRA MULHER, GRAFFITI E EDUCAÇÃO

MARIANA BATISTA DE JESUS (UFES/Capes)
A CIDADE DELAS - ARTE URBANA PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

PEDRO DORNELES DA SILVA FILHO (UFF)
A POÉTICA DE ELISA LUCINDA: ATRAVESSAMENTOS, CONEXÕES E COERÊNCIA

RENATA BOMFIM (UFES)
O "TINTILAR DOS ROSÁRIOS": UM OLHAR SOBRE OS CONTOS "SÓROR MATHA" DE GUILLY FURTADO BANDEIRA E "AS ORAÇÕES DE SÓROR MARIA DA PUREZA", DE FLORBELA ESPANCA

THIARA CRUZ DE OLIVEIRA (UFES)
A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA EM *CIÇA* E *CIÇA E A RAINHA*, DE NEUSA JORDEM POSSATTI

ROSÂNGELA APARECIDA REIS COSTA (UFES)
AS DUAS FACES DO SACRISTÃO NO CONTO "O DOURADO E O NEGRO"

MARCELO CALDERARI MIGUEL (UFES)
ANA CLAUDIA BORGES CAMPOS (UFES)
SANDRA MARIA SOUZA DE CARVALHO (UFES)
MULHERES QUE TRANSFORMAM A FOLIA: UM PERCURSO EMPREENDEDOR, UMA TRAJETÓRIA ENTRE EMPODERAMENTO, REFLEXÕES E TENDÊNCIAS

KARINA DE REZENDE-FOHRINGER (Universidade de Viena)
ENSAIO SOBRE *ONDE AS CERTEZAS MORAM*, DE SONIA RITA SANCIO LANDRITH

Mesa 12
Simpósio 3 - Literatura e artes feitas por mulheres no mundo
Local: Sala 3, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: LAURA RIBEIRO DA SILVEIRA e SARA NOVAES RODRIGUES

SARA NOVAES RODRIGUES (CESV)
UM PROFESSOR E SUA ALUNA: A VISÃO FEMINISTA DE CHARLOTTE BRONTË

ANA CAROLINA ROCHA DE SOUZA RAMOS (FDV/ Cnpq)
ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGUER (FDV)
SILENCIAMENTO DE UMA POETISA EM VIDA: EMILY DICKINSON E ECO DO SEU LEGADO

BRANCA ALBUQUERQUE DE BARROS (UFF)
A FORÇA FEMININA DE ISRAEL NÃO MENTE NEM SE ARREPENDE: NILI E A CRÍTICA ECOFEMINISTA EM *HE, SHE & IT* DE MARGE PIERCY

ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGUER (FDV)
RENATA BRAVO DOS SANTOS (FDV)
THE HANDMAID'S TALE E UM FUTURO MUITO PRESENTE

LAURA RIBEIRO DA SILVEIRA (UFES)
CONTOS DE AUTORIA FEMININA EM LÍNGUA INGLESA: UMA PRÁTICA DO *READING CLUB*

MARIA ISABEL FRANCO DE ABREU FALCÃO (UFF)
O TRABALHO AUTOBIOGRÁFICO DE ALINE KOMINSKY-CRUMB: EXPERIÊNCIAS FEMININAS EM QUADRINHOS

MARIA TEREZA AIGNER MENEZES (UFES)
O CORPO QUE PROVOCA

MARIANA PASSOS RAMALHETE (UFES)
SAMIRA DA COSTA STEN (UFES)
LITERATURA JUVENIL E A CRÍTICA AO ETERNO FEMININO: UMA LEITURA DE *ANNE DE GREEN GABLES*, DE LUCY MAUD MONTGOMERY

RAYANA ABRAHÃO NETTO FRANKLIN (UFES)
ANNE DE GREEN GABLES E O SEU PROTAGONISMO DESMISTIFICANDO O IDEAL FEMININO IMPOSTO

Mesa 13
Simpósio 3 - Literatura e artes feitas por mulheres no mundo
Local: Sala 5, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: FERNANDA SANTOS e MARIA CRISTINA CHAVES DE CARVALHO

FERNANDA SANTOS (Unifap)
NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE: PROCESSOS DE AUTONOMIA DA MULHER NUMA SOCIEDADE PATRIARCAL

LUCIENE ROCHA DOS SANTOS CRUZ (UFF)
VENTOS DO APOCALIPSE: ENTRE A MEMÓRIA, A HISTÓRIA E A FICÇÃO

MARIA CRISTINA CHAVES DE CARVALHO (UFES/FAPES)
A PROSA LITERÁRIA FEMININA EM CABO VERDE: DINA SALÚSTIO

MEIRE LUCY CUNHA ARAUJO (UFF)
A POESIA DÁ O TOM: A DUPLA DESCOLONIZAÇÃO DO FEMININO GUINEENSE EM SEIS POEMAS

NATHÁLIA CUNHA DE MELO NOBRE (UFF)
O CANTO DE RESISTÊNCIA NA POESIA DE NOÉMIA DE SOUSA

REJIANE DOS SANTOS TEIXEIRA (UFES)
AS MULHERES MOÇAMBICANAS E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL POR MEIO DOS RITOS DE INICIAÇÃO FEMININOS EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA DE PAULINA CHIZIANE

CARLA PEREIRA LIMA (UFF)
RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIA REPRESENTADAS NOS CONTOS DE "NINGUÉM MATOU SUHURA" E "OS OLHOS DA COBRA VERDE", DA ESCRITORA MOÇAMBICANA LILIA MOMPLÉ

LUANA CAETANO THIBES (UESC)
(DES)AMARRANDO CONCEITOS: RAÇA, ETNIA E GÊNERO NAS OBRAS DE CHIMAMANDA ADICHIE

ELISÂNGELA DE LANA COSTA (PUC MINAS)
O PROCESSO DE ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ

Mesa 14
Simpósio 2 - Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 7, IC-3
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: ANA LÚCIA BRANCO e ADRIANA MARIA DE ABREU BARBOSA

SABRINA CRISTINA DOS SANTOS (UFJF)
O EROTISMO EM RITA LEE: UMA ANÁLISE DE SUA LÍRICA EM UM CONTEXTO DE LUTA POR ABERTURA POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO SOCIAL DA MULHER

SAYONARA BESSA CIDRACK (UFC)
EDILENE RIBEIRO BATISTA (UFC)
O FAZER LITERÁRIO DE ANA EURÍDICE EUFROSINA DE BARANDAS COM A TEMÁTICA DO AMOR EM "EUGÊNIA OU A FILÓSOFA APAIXONADA"

ANA LÚCIA BRANCO (USP)
O EROTISMO "FÁLICO" DE LE TÍCIA CONDE À LUZ DA CRÍTICA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA

SUZANE MORAIS DA VEIGA SILVEIRA (UFF)
UMA POÉTICA À SAFO: O EROTISMO, O CORPO E O FEMININO EM GILKA MACHADO

SÔNIA MARIA FERREIRA DE MATOS (UFJF)
REALIZAÇÕES AMOROSAS: TEMPO DE TORNAR-SE MULHER

ADRIANA MARIA DE ABREU BARBOSA (UESB)
POESIA DE MULHER: ESCREVER NO FEMININO EM TEMPOS PÓS-FEMINISTAS

ACSA OLIVEIRA FERNANDES (UEMG)
LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/ FACIG)
GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (EST Brasil**)**
ESTUDOS DE GÊNERO: A MULHER E A SOCIEDADE ATUAL

ANDRÉA ANDRADE OLIVEIRA PRADO (UESB)
GÊNERO, HISTÓRIA E CULTURA NUMA SÓ TANGERINA

LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG)
LEONARDO GOMES DE SOUZA (UEMG)
GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (UEMG)
MARIA QUITÉRIA NAZARÉ ALVES LOPES (UFOP)
ESTUDOS DE GÊNERO E ETNIA E SUA REPERCUSSÃO NA LITERATURA E NA SOCIEDADE

MARISTELA RODRIGUES LOPES (UESC)
CARMEN DA SILVA: PERCURSOS LITERÁRIOS DE UMA JORNALISTA-FEMINISTA

Mesa 15
Simpósio 2 - Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 104, prédio Bárbara Weinberg
Horário: 13h30-18h

Coordenadores: PEDRO ANTÔNIO FREIRE e ALINE PRÚCOLI DE SOUZA

ALCIONE CANDIDO DA SILVA (CES-JF / PM Itaperuna)
ANA CRISTINA CESAR: A MARGINALIDADE À FLOR DA PELE

ERICA MARTINELLI MUNHOZ (Unicamp)
LEITURA FEMININA EM ANA CRISTINA CESAR: O DESEJO INVENTADO NO TIRANO

FERNANDO CRESPIM ZORRER DA SILVA (USP/UFES)
CENAS DE ABRIL, DE ANA CRISTINA CESAR, E O DIÁLOGO COM O MUNDO HELÊNICO

ALINE PRÚCOLI DE SOUZA (UFES)
IMAGENS (INTRA)DIZÍVEIS EM *DA MORTE, ODES MÍNIMAS*, DE HILDA HILST

PEDRO ANTÔNIO FREIRE (UFES)
HILDA HILST: PARRICIDA E PARRESIÁSTICA

SILVANA PINHEIRO (UFES)
INTERSEÇÕES DE TEMPOS NA POESIA DE ADÉLIA PRADO

WILBERTH SALGUEIRO (UFES / CNPq-Fapes)
CORPOS CORTADOS: LEITURA DO POEMA "NESTE MESMO MUNDO" (2015), DE ADRIANA LISBOA

BRUNA KALIL OTHERO FERNANDES (UFMG)
O CORPOEMA FEMININO CONTEMPORÂNEO DE ANA MARTINS MARQUES

YASMIN ZANDOMENICO (UFES)
PAIXÃO CHINESA PELO PARTICULAR – ANÁLISE DE "MULHER DE POSSES", DE ANGÉLICA FREITAS

ISABELA DE SOUZA DANTAS (IFES)
A MORTE EM *A OBSCENA SENHORA D*

Mesa 16
Simpósio 2 - Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 204, prédio Bárbara Weinberg
Horário: 13h30-18h

Coordenadores: LUCIANA MARQUESINI e PAULO DUTRA

YAN PATRICK BRANDEMBURG SIQUEIRA (UFES)
A AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM *OLHOS D'ÁGUA*

ROSANA CARVALHO DIAS VALTÃO (IFES Alegre)
ESSAS MULHERES: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

MARIA FERNANDA BRITO DE ARAUJO (UFES)
OLHOS D'ÁGUA: A DOR E A BELEZA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

APARECIDA GOMES OLIVEIRA (UEMG)
LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG)
KEHINDE E PONCIÁ, DUAS MULHERES E UM DESAFIO: CONQUISTAR SEU ESPAÇO NA SOCIEDADE

PAULO DUTRA (Stephen F Austin State University)
ASPECTOS DA CRÍTICA CONTEMPORÂNEA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

DENISE DE LIMA SANTIAGO FIGUEIREDO (UESC)
A LITERATURA E A MÚSICA DA MARANHENSE MARIA FIRMINA DOS REIS

ALEXSANDRO ROSA SOARES (CESJF / FAETERJ)
A DIALÉTICA DA MARGINALIDADE NO *DIÁRIO DE BITITA*: A VOZ E A VEZ DE UMA PRECURSORA

LUCIANA MARQUESINI MONGIM (UFES)
POÉTICAS AFRO-MARGINAL/PERIFÉRICAS: A ANCESTRALIDADE E O FEMININO NO LIVRO *ÁGUAS DA CABAÇA*, DE ELIZANDRA SOUZA

MARTANÉZIA RODRIGUES PAGANINI (UFES)
LUGARES DA MEMÓRIA E DA EXPERIÊNCIA: EM *BECOS DA MEMÓRIA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

JORGE NASCIMENTO (UFES)
O RITUAL EM "ANA DAVENGA", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Mesa 17
Simpósio 2 - Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 208, prédio Bárbara Weinberg
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: EDILENE RIBEIRO BATISTA e MARIA MIRTIS CASER

ANDRESSA ESTRELA LIMA (UnB)
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

ANGELI ROSE (UAB / CEDERJ)
ESCRITA DE SI E EMPODERAMENTO: A AMEAÇA DE CARTAS NA MESA

ESTHER MARINHO SANTANA (Unicamp)
A OFÉLIA INCENDIÁRIA: REFLEXÕES SOBRE *À FLOR DA PELE* (1969), DE CONSUELO DE CASTRO

EDILENE RIBEIRO BATISTA (UFC) A TRANSGRESSÃO DO MITO DA DONZELA GUERREIRA EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA*, DE RACHEL DE QUEIROZ

FERNANDA ROBERTA RODRIGUES QUEIROZ (UFJF)
OS ANOS 40, DE RACHEL JARDIM: UMA ABORDAGEM MEMORIALÍSTICA

GABRIELA ROCHA RODRIGUES (UFRGS)
AS FACES DA MELANCOLIA EM *O QUARTO FECHADO*, DE LYA LUFT

ISIS CRISTINA MARINS PEREIRA (IFES)
DOIS TERÇOS DE TIGRE E UM TERÇO DE MULHER: O DUPLO NO CONTO "TIGRELA" DE LYGIA FAGUNDES TELLES

MARIA MIRTIS CASER (UFES)
LETÍCIA MACIEIRA MOROSINI (UFES)
TRADIÇÃO E RUPTURA EM *AS MENINAS,* DE LYGIA FAGUNDES TELLES

MARCELA OLIVEIRA DE PAULA (UFES)
CLASSE MÉDIA E MÍDIA EM "SOBREVIVIDOS", DE LEILAH ASSUNÇÃO

ANA CATARINA DE MORAES OLIVEIRA (UFC)
EDILENE RIBEIRO BATISTA (UFC)
UM ESTUDO SOBRE VIOLÊNCIAS FÍSICA E SIMBÓLICA NA OBRA *ANATOMIA DO PARAÍSO*, DE BEATRIZ BRACHER

Mesa 18
Simpósio 2 - Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil
Local: Sala 308, prédio Bárbara Weinberg
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: ROSÂNGELA DO SOCORRO NOGUEIRA DE SOUSA e AUGUSTO SARMENTO-PANTOJA

JULIANA MARÍLIA COLI (UFES)
AS VOZES DA DOR NAS PERFORMANCES DE CANTORAS DE RÁDIO DAS DÉCADAS DE 1950/1960

DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA (UFES)
REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: UMA ANÁLISE DE PERSONAGENS FEMININAS DE LYGIA BOJUNGA NUNES

LISIANE ANDRIOLLI DANIELI (FURG)
A IMITAÇÃO DA LINGUAGEM INFANTIL EM *O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY*

FERNANDA ABREU GUALHANO (UEMG)
LUÍS RICARDO SOARES WENCESLAU (UEMG)
LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/ FACIG)
MULHERES EMPODERADAS: A NÃO SEGMENTAÇÃO DO PATRIARCALISMO

GIOVANNA CARROZZINO WERNECK (IFES)
PRISCILA DE SOUZA CHISTÉ LEITE (IFES)
AS ILUSTRAÇÕES FEMINISTAS DE CAROL ROSSETTI: VISIBILIDADE, EMPODERAMENTO E RELAÇÕES DIALÓGICAS

AUGUSTO SARMENTO-PANTOJA (UFPA)
DO CÁRCERE À CENA: O TESTEMUNHO EM *QUE BOM TE VER VIVA*!, DE LÚCIA MURAT

ORNELLA ERDÓS DAPUZZO (FURG)
O CARÁTER MÚLTIPLO DA NARRADORA EM *HOSPÍCIO É DEUS*: DIÁRIO I, DE MAURA LOPES CANÇADO

RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES (UFPA)
ROSÂNGELA DO SOCORRO NOGUEIRA DE SOUSA (UFPA)
ABUSOS DE PODER E SUBVERSÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS CONTOS *VELAS. POR QUEM?* E *CHUVAS E TROVOADAS*

EDIMILSON MOREIRA RODRIGUES (UFMA)
JACQUELINE ALMEIDA BRANDÃO SANTOS (UFMA)
PERTENCIMENTO E DESTERRITORIALIZAÇÃO: *MAIS AO SUL*, DE PALOMA VIDAL E *O PINTOR QUE ESCREVIA AMOR E PECADO*, DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI

CARLOS HENRIQUE VIEIRA (Unicamp)
CLARA AVERBUCK E AS NOVAS POSSIBILIDADES DE ESCRITA, DIVULGAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA FIGURA AUTORAL

Mesa 19
Simpósio 7 - Libras: literatura, arte & tradução
Local: Auditório do IC-2 / CCHN
Horário: 13h30-18h

Coordenadoras: ARLENE BATISTA DA SILVA E LUCYENNE MATTOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO

DÉBORA FEZER MARTINS
LETÍCIA DE MATOS LACERDA
HIATA ANDERSON SILVA DO NASCIMENTO (IFES)
LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA MACHADO (UFES)
ROSEANE VARGAS ROHR MARCELLE BITTENCOURT XAVIER ALMEIDA (UFES)
NECESSIDADES DE SAÚDE DE TRABALHADORES SURDOS

JUBILEIA MENDES DE MATOS COELHO (UFMT)
IDENTIDADES SURDAS: SER OUVINTE SENDO SURDA

ERIVANIA N.C. MAJESKI (UFES)
A ORAÇÃO DO PAI NOSSO, ANALISE TRADUTORIA SEGUNDO AS PERSPECTIVAS DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

ELIANA FIRMINO BURGARELLI RIBEIRO (UFES)
ARLENE BATISTA DA SILVA (UFES)
OS 10 MANDAMENTOS EM LIBRAS ATRAVESSADO POR DIFERENTES VOZES

JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFES)
NATÁLIA SCHLEDER RIGO (UFSC)
ENSINO E FORMAÇÃO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS: TEXTOS E CONTEXTOS ARTÍSTICO-CULTURAIS E LITERÁRIOS EM FOCO

LEANDRO ALVES WANZELER (UFES)
SAMUEL DE OLIVEIRA MORAIS (UFES)
AS ESCOLHAS TRADUTÓRIAS E INTERPRETATIVAS DE NARRATIVAS INFANTIS PARA OS SUJEITOS SURDOS "REAIS" EM PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA LIBRAS

MARIA APARECIDA SCARDUA (UFES)
ARLENE BATISTA DA SILVA (UFES)
PRÁTICAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO COM SURDOCEGOS EM DIFERENTES CONTEXTOS

ANA CARLA KRUGER LEITE (UFES)
JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFES)
A TRADUÇÃO, A INTERPRETAÇÃO E A MEDIAÇÃO PORTUGUÊS/LIBRAS EM ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS ARTÍSTICOS: EXPERIÊNCIAS, SABERES E FAZERES EM CONSTRUÇÃO

RUTILEIA GUSMÃO PINHEIRO (SEDU)
LEANDRO ALVES WANZELER (SEDI)
OS ENFRENTAMENTOS DOS PRECONCEITOS LINGUISTICOS SOCIAIS DA MULHER POBRE SURDA E NEGRA

Mesa 20
Simpósio 8 – PROCAD (Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional)
Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente
Local: Sala 101, prédio Wallace Corradi
Horário: 13h30-18h

Coordenadora: MARIA AMÉLIA DALVI

ARLENE BATISTA DA SILVA (UFES)
DOS CÂNONES AO MANGÁ: INDICAÇÕES DE LEITURA DOS ESTUDANTES DE LETRAS E PEDAGOGIA

ARNON TRAGINO (UFES / FAPES)
ENTRE A LITERATURA BRASILEIRA E A LITERATURA JOVEM-ADULTA: UM PERFIL DE LEITURA DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS INGRESSANTES

DAIANE FRANCIS FERNANDES FERREIRA (UFES)
MARIANA PASSOS RAMALHETE (UFES)
LEITURA LITERÁRIA: O QUE DESVELAM AS ESCOLHAS ESPONTÂNEAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL?

DAIANI PIGNATON SOUZA SILVA (UFES)
LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA UNIVERSIDADE: AS LEITURAS NAS LICENCIATURAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA DOCÊNCIA

DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA (UFES)
MARIA FERNANDA BRITO DE ARAUJO (UFES)
VIVIAN JACIARA VIANA (UFES)
OS SUJEITOS E AS PRÁTICAS SIGNIFICANTES NA FORMAÇÃO DO LEITOR: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS DADOS DO PROCAD

RESUMOS
das CONFERÊNCIAS
&
das COMUNICAÇÕES

NOME (INSTITUIÇÃO) / e-mail / Dia, hora. Mesa ou Conferência. Local

ACSA OLIVEIRA FERNANDES (UEMG), LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/ FACIG), GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (EST Brasil) / acsaoliveira29@gmail.com, lidianazare@hotmail.com, hottislyra@ig.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

ESTUDOS DE GÊNERO: A MULHER E A SOCIEDADE ATUAL

Este artigo tem como premissa o Projeto de Pesquisa "Estudos de gênero na literatura e sua repercussão na sociedade" em desenvolvimento neste ano de 2017, na UEMG - Unidade de Carangola, sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e Coordenação da professora Msc. Glauciene Januário Hottis Lyra. Objetiva-se, com esta pesquisa, analisar histórias de vida de mulheres que manifestam algum tipo de arte, explorando o perfil, suas funções sociais e o contexto em que vivem, a fim de averiguar se essa produção artística é proveniente de uma cultura imposta a elas ou se é algo natural e específico do lugar do qual se originam. Para uma melhor fundamentação teórica far-se-á uso dos estudos de Antônio Cândido (2006) e Mary Del Priore (1997), visto que a discussão dos mesmos leva em consideração as lutas enfrentadas pelos grupos minoritários e a consequente subversão ao sistema. Este trabalho será relevante e justifica-se pelo fato de que promoverá reflexões acerca da construção do que é "diferente" e por levar aos futuros estudantes de Letras, e a qualquer um que se interesse pelo assunto, novas informações sobre o lugar que a mulher ocupa na sociedade atual.

ADELIA MIGLIEVICH (UFES) / miglievich@gmail.com / Dia 20-11, 9h-11h30. Conferência. Audit. IC-2.

ENTRE VIRGÍNIA WOOLF E BELL HOOKS: CÂNONES, MANUTENÇÃO E SUBVERSÃO

O tema "Mulher e Literatura" impôs-se academicamente com a proliferação de pesquisas sobre a produção intelectual de mulheres em diversos âmbitos. É curiosa, a partir desta, a polêmica sobre a existência ou não de uma escritura tipicamente feminina. Não haveria, para tal questão, respostas consensuais em virtude da diversidade de mulheres, experiências, contextos e do esforço contínuo dos feminismos contra qualquer tentativa de "essencialização" da feminilidade, algo que se mostra ainda mais inverossímil quando se atenta à realidade da "racialização" e das especificidades das vivências das escritoras negras. Instigada pela escrita confessional de Virgínia Woolf (séculos XIX e XX) em *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* e bell hooks (séculos XX e XXI) em *Intelectuais negras*, proponho uma reflexão acerca das condições objetivas e intersubjetivas que levam a escritura de mulheres a corroborar ou subverter cânones.

ADRIANA FALQUETO LEMOS (IFES Santa Teresa) / flemos.adriana@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 1. Sala 1, IC-3.

IMAGENS FEMININAS NA PÓS-MODERNIDADE: *THE POLITICS OF POSTMODERNISM* (2000), DE LINDA HUTCHEON

O poder das imagens no capitalismo global é um dos assuntos discutidos por Linda Hutcheon, em *The politics of Postmodernism* (2000). Essa excessiva exploração imagética, típica do pós-modernismo, oferece um retorno à figuração nas artes e na ficção. Segundo a autora, um dos sinais mais expressivos da pós-modernidade é a representação: por um lado, a representação é vista como um reflexo da realidade (e não como componente constitutivo da mesma); por outro, a representação tem como o *homem* como seu centro. A crítica pós-moderna se faz difícil, segundo a autora, porque é preciso sair das representações para observá-las, inclusive porque tais cristalizações não são politicamente imparciais. Mesmo o olho por trás da imagem da câmera tem gênero. Este texto tem por objetivo discutir as imagens femininas e as representações narrativas na crítica pós-moderna a partir da leitura de Huntcheon.

ADRIANA MARIA DE ABREU BARBOSA (UESB) / amabarbosa@uesb.edu.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3.

POESIA DE MULHER: ESCREVER NO FEMININO EM TEMPOS PÓS-FEMINISTAS

Este trabalho propõe ler, numa perspectiva feminista, quatro poemas de quatro autoras brasileiras, a saber Adélia Prado (Licença Poética); Suzana Vargas (Fio fátuo); Cristiane Sobral (Não vou mais lavar os pratos) e Conceição Evaristo (Vozes-mulheres). Motivam esta proposta de leitura a discussão sobre o conceito de autoria feminina.

Apoiadas em Lauretis (1994) tomamos a literatura como tecnologia de gênero e insistimos no papel das escritoras como vetores culturais importantes na reedição, contestação e reformulação das identidades e dos papéis de gênero. Ana Cristina César (1999) reedita a discussão iniciada por Woolf (1928) sobre o conceito de literatura feminina. Toril Moi (1985) se inquieta com o fato de os estudos feministas pós década de 80 tentarem abolir as palavras *mulher* e *feminino* de suas análises e as substituírem completamente pela categoria gênero como artifício de suposta neutralidade científica. Desse modo, propõe-se perscrutar na poesia dessas escritoras formações discursivas feministas que reivindicam que essa literatura seja lida, partindo de uma certa expectativa/horizonte de leitura que toma a evidência de ser uma mulher quem escreve determinante de certa estética e abordagem temática.

ADRIANA PIN (IFES) / adrianapin@ifes.edu.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

ESTRANHAMENTO NA ESTREIA DE CLARICE LISPECTOR NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DA OBRA PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM PELA CRÍTICA E PELO LEITOR

Este estudo tem como objetivo discutir a recepção da obra *Perto do coração selvagem* de Clarice Lispector pela crítica e pelo leitor, considerando o estranhamento provocado pela sua primeira edição, em 1944, no Brasil. Nesse contexto, predomina o romance regionalista de 30, apresentando um enredo linear, com uma estrutura narrativa bem definida. A publicação de *Perto do coração selvagem* surpreende, naquele momento, provocando incompreensão e indiferença por boa parte da crítica brasileira, revelando um certo "desaparelhamento" desta para se aproximar daquele novo universo romanesco, como aponta Olga de Sá. Em contrapartida, a atuação das faculdades de Filosofia na vida intelectual brasileira; o surgimento de novas editoras e a consolidação de outras fortalecendo a indústria do livro; e o poder de comunicação do rádio, do cinema e da televisão contribui para o acesso do público à obra de Clarice Lispector, cujo leitor se localiza em uma categoria mais culta. Começa, assim, uma das mais significativas expressões na nossa literatura, exigindo um novo olhar crítico, diante da voz da escritora (Clarice) que ecoa na sua criatura (Joana), ouvida/lida pelo público-leitor. Em seus estudos sobre a Estética da Recepção, Jauss considera inaceitável a estrutura autossuficiente do texto literário, que se basta na sua organização interna, desconsiderando o sujeito-leitor, havendo, portanto, a necessidade de valorizar a posição do leitor no contexto sócio-histórico no qual está inserido, considerando sua experiência estética no ato da leitura realizado em um determinado tempo e espaço.

ALCIONE CANDIDO DA SILVA (CES-JF / PM Itaperuna) / cione.candido@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

ANA CRISTINA CESAR: A MARGINALIDADE À FLOR DA PELE

O presente artigo objetiva analisar recortes de poemas de Ana Cristina Cesar na obra *A teus pés* (2016) e suas características dando atenção especial à estética confessional e ao jogo de linguagem da autora. Essa mulher, carioca, poeta, jornalista, tradutora e crítica literária que surgiu na literatura brasileira na década de 70 foi uma das principais representantes do movimento literário conhecido como Geração Mimeógrafo com sua poesia marginal. Enfrentou a censura imposta pelo momento político no Brasil: a ditadura militar, não deixando de imprimir a sua marca dando valor ao coloquialismo e a experiência vivida no cotidiano que contrariava todas as regras e tradições da sociedade naquela época. Para a análise será utilizado o melhor entendimento de Antônio Candido sobre a dialética da marginalidade e de Paulo Lins permitindo aqui ancorar a obra da poetisa na medida em que seus escritos se mostram como um enfrentamento a um silêncio imposto aos oprimidos socialmente, mais ainda em se tratando de uma mulher à frente do seu tempo.

ALEXSANDRO ROSA SOARES (CESJF / FAETERJ) / alexsandro.soares@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

A DIALÉTICA DA MARGINALIDADE NO *DIÁRIO DE BITITA*: A VOZ E A VEZ DE UMA PRECURSORA

Partindo do conceito estabelecido por João César de Castro Rocha (2007) de que a Dialética da Marginalidade visa dar voz àqueles que culturalmente estão colocados à margem de uma sociedade, almejando superar a desigualdade social mediante o confronto; e de Alexandre Faria, João Camilo Penna e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (2015) de que não há uma oposição entre malandragem e marginalidade, mas sim linhas de continuidade e transformação entre estas duas tradições, que confluem e se diferenciam, o presente artigo tem como objetivo elucidar os aspectos da Dialética da Marginalidade e da Malandragem na obra autodiegética *Diário de Bitita* (1986) da escritora Carolina Maria de Jesus. No livro, autora do famoso *Quarto de despejo* narra sua luta cotidiana, rompendo com os padrões convencionais sociais e literários, ecoando a visão feminina em um universo permeado por um olhar masculinizado. Mulher, mineira, negra e favelada, ela é uma precursora da cena literária brasileira quando o assunto é marginalidade. No seu diário apresenta aspectos políticos e culturais de um povo à margem da sociedade.

ALINE MARIA DIAS (UFES), GABRIELA SANTOS ALVES (UFES), GISELE BARBOSA RIBEIRO (UFES) / alinemdias@hotmail.com, gabrielaalves@terra.com.br, giseleribei@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 3. Sala 3, IC-3

CELAS E O CASAMENTO

A proposta compreende a apresentação integral de fragmentos dos trabalhos "O Casamento de Clarice e

Bataille", 2017, videoinstalação das artistas Aline Dias e Julia Amaral e do documentário "(C)elas, 2017, de Gabriela Santos Alves. "O casamento" tem como ponto de partida uma aproximação conceitual/ficcional entre os escritores Clarice Lispector e Georges Bataille. Nas imagens, o casal constrói um espaço-tempo singular, imersos em gestos e ambientes estranhamente familiares. O vídeo constrói a relação entre os protagonistas, sem que os personagens contracenem, embora ocupem os mesmo espaços. Sem encontros ou diálogos, são abordados os desejos e (im)possibilidades de contato, complexificando o termo que o intitula: o casamento, aqui, excede o contrato social, amoroso ou físico, pensado como tentativa de partilha da experiência literária/artística/fílmica (Trailer: https://www.youtube.com/watch?v=khO6QcyKZrI). Já "(C)elas" é um documentário de curta metragem gravado em 2016 na ala materno infantil da Penitenciária Feminina de Cariacica (PFC), única do Espírito Santo que recebe mulheres nos meses finais da gravidez e/ou com filhos recém nascidos. Trata das experiências dessas mães durante o período em que a equipe de set do filme, composta exclusivamente por mulheres, esteve na penitenciária - setembro de 2016. Sinopse: Os meses finais da gravidez e os primeiros após o nascimento de um bebê são experiências únicas na vida de uma mulher. E quando esse cotidiano é vivido dentro de uma penitenciária? (Trailer: https://vimeo.com/225175912/74ed968c83). A partir do relato sobre as pesquisas e os processos de realização dos vídeos apresentados, propõe-se um debate, com mediação de Gisele Ribeiro, sobre a relação entre feminismo, arte e cinema, interrogando o modo como a produção audiovisual destas mulheres constrói as imagens de outras mulheres nestes trabalhos.

ALINE PRÚCOLI DE SOUZA (UFES) / alineprucolisouza@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

IMAGENS (INTRA)DIZÍVEIS EM *DA MORTE, ODES MÍNIMAS*, DE HILDA HILST

Com base na obra *Da morte, odes mínimas* (1980), de Hilda Hilst, objetivamos analisar a relação que se estabelece entre a série de pequenos poemas que dá início ao livro e as aquarelas que foram pintadas pela própria escritora e pensadas especialmente para cada uma das seis poesias. Apesar de não ser possível traduzir perfeitamente línguas e linguagens consideradas distintas, acreditamos que o resultado dessa relação pode ser pensado a partir do que Antonin Artaud chamou de Subjétil. Com base neste conceito, desenvolvido posteriormente por Jacques Derrida no livro *Enlouquecer o Subjétil* (1986), pretendemos entender de que maneira os textos e os desenhos se constituem enquanto experiência de tradução (e, portanto, traição) verbo-imagética. Nossa análise fundamentar-se-á especialmente nos escritos de Jacques Derrida, mas também nas discussões feitas por pensadores que trabalham a/na fronteira entre a Literatura e as Artes Plásticas, tais como Didi-Huberman e Anne-Marie Christin. A pesquisa pretende esclarecer, em suma, que a (re)integração de duas áreas artísticas possibilita não apenas o enriquecimento semântico dos objetos artísticos, mas também, e sobretudo, a intensificação da capacidade interpretativa daquele que esteticamente os recepciona.

AMÁBELE CRISTINE MIRANDA AZEVEDO DE ARAÚJO (UFES) / amabelecristine@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 10. Audit. IC-2

A PERFORMANCE DO TRADUTOR-INTÉRPRETE EM CANÇÕES CRISTÃS

Este trabalho está relacionado à metodologia de tradução de canções cristãs para língua sinais. Trata-se de uma pesquisa documental e de campo, cuja principal fonte são registros audiovisuais disponíveis na plataforma *Youtube* e entrevistas dos tradutores/sinalizadores. Tomamos como referencial teórico os estudos de Paul Zumthor (2006) acerca da Performance poética articulado aos estudos da tradução literária (BRITTO, 2012) e intersemiótica (PLAZA, 2003). Partindo da premissa de que a tradução de canções para Libras é uma atividade intersemiótica, que promove a transcriação da linguagem musical em expressividade corporal, emotiva e imagética, buscamos compreender quais as estratégias de tradução usadas pelos tradutores/intérpretes na tradução/recriação de canções em Libras. Por meio da análise das entrevistas, foi possível perceber que os sinalizadores suprem a falta do som em canções com a inserção de elementos emotivos, expressivos, transmitidos com os sinais não-manuais. Além disso, a formação dos tradutores/intérpretes, seu envolvimento com o grupo cristão e o contato com comunidade surda influencia o processo de tradução das canções cristãs.

AMANDA ANAVLIS COSTA (UFES), FABRÍCIO BRAGANÇA (UFES), GUSTAVO DE OLIVEIRA ANDRADE (IFES), HIATA ANDERSON DO NASCIMENTO (IFES), ROSEANE VARGAS ROHR (UFES) / anavliscseagle@gmail.com, ferreiro_castelo@hotmail.com, andrade.goliveira@gmail.com, hiata@terra.com.br, roseane.ufes@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 4. Sala 4, IC-3

REFLEXÕES SOBRE ALTERIDADE E SOFRIMENTO NA ARTE E VIDA DE FRIDA KAHLO

O objeto deste trabalho é o uso da arte com recurso pedagógico na compreensão de questões relacionadas à saúde. Trata-se do relato da mostra cultural sobre a arte e vida de Frida Kahlo, nascida em 1907 em Coyoacán, México, na conhecida “Casa Azul”. Sua trajetória foi marcada por sofrimento e superação, e ao analisar textos que discorrem sobre a artista, estabelecendo um diálogo visual com suas obras, seu diário e fatos que marcaram sua vida, compreende-se que Frida utilizou a pintura como estratégia de enfrentamento do sofrimento, evidenciando também sua identidade, fortemente associada às raízes com o México. O projeto de extensão Imagens da Vida: o desenho, a pintura e a fotografia revelando a saúde na história (siex ufes 400031) realiza mostras culturais utilizando a arte

como recurso pedagógico na compreensão crítica e reflexiva sobre questões ligadas à saúde. A mostra Imagens revelando o sofrimento de Frida Kahlo foi aberta ao público de 30/11 a 2/12/2015, no Departamento de Enfermagem da Ufes, e reuniu 14 autoretratos de Kahlo por meio do banco de imagens WikiArt (Visual Art Encyclopedia) apoiando-se também em pesquisas bibliográficas sobre as obras selecionadas e o que elas representam ou representaram no contexto retratado. As imagens incitaram a percepção crítica e reflexiva dos visitantes. "Muito me emocionei ao ver as telas...ao me ver em muitas delas...sofrimento comum da alma humana. Todavia, por entre tantos cenários de dor, angústia e sofrimento, percebi (nela e em mim) o espectro da esperança, com tonalidades ora frágeis, tomadas pela forte tonalidade do desespero, ora intensa, excedendo qualquer angústia ou sofrimento." Kahlo, uma mulher à frente de seu tempo, e que teve sua existência transformada após grave acidente, retratou a experiência obscura das dores, sofrimentos e perdas; retratou-nos sua arte e vida, num mosaico de vulnerabilidade e alteridade.

ANA CARLA KRUGER LEITE (UFES), JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFES) / kruger-leite@hotmail.com, jefferson_lsb@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

A TRADUÇÃO, A INTERPRETAÇÃO E A MEDIAÇÃO PORTUGUÊS/LIBRAS EM ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS ARTÍSTICOS: EXPERIÊNCIAS, SABERES E FAZERES EM CONSTRUÇÃO

O museu arte é um dispositivo para a experiência estética e educativa, sendo que o usufruto da admiração e da percepção das obras é um ato de apropriação, o qual mobiliza as nossas significações e representações de um ambiente transmissor de conhecimento, por meio desse pressuposto e das legislações que propõem e trazem uma série de exigências em relação acessibilidade de pessoas surdas nos espaços sociais, em destaque o acesso à cultura e à arte. A lei 13.146/15 potencializa o acesso dos surdos à arte e à cultura. Esta pesquisa tem como objetivo discutir a função do tradutor, do intérprete e do mediador do par linguístico Português /Libras nos espaços museológicos artísticos (museus e galerias de arte), à luz dos estudos da tradução e da interpretação das Línguas de Sinais (Rodrigues, 2013; Santos, 2013; Metzger 2010), a partir da análise e das perspectivas metodológicas utilizadas em projetos da formação de tradutores, de intérpretes e de mediadores Português/Libras que atuam neste ambiente, por meio de um ponto de vista reflexivo acerca dos sujeitos em questão, compreendendo tal prática enquanto estratégia formativa que apoia de um lado a formação profissional e de outro contribui com as situações locais em que se insere. O estudo visa apresentar as experiências e vivências nos museus de arte da Região Sudeste, em especial, nos três estados: Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, ao avaliar a natureza das iniciativas de implementação de serviços de tradução e de interpretação de Português/Libras e da contratação de mediadores com fluência e competência linguística e tradutória para atuar nesta esfera, por exemplo, a vinculação dessas ações as instituições governamentais, contudo algumas funcionam por meio de projetos de extensão universitária, de acesso a arte-educação em espaços não formais vinculado ao Estado, editais de apoio as manifestações culturais e artísticas.

ANA CAROLINA ROCHA DE SOUZA RAMOS (FDV/ Cnpq), ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGUER (FDV) / anacarolinarsr@gmail.com, elda.cab@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

SILENCIAMENTO DE UMA POETISA EM VIDA: EMILY DICKINSON E ECO DO SEU LEGADO

Emily Elizabeth Dickinson nasceu em Massachusetts, U.S.A., em dezembro de 1830 e teve uma vida reclusa até sua morte, em maio de 1886. Apesar de uma curta trajetória, produziu obras – cerca de mil e oitocentos poemas – que impõem o seu reconhecimento, na atualidade, como uma das mais importantes poetas americanas do século XIX, ao lado de seu contemporâneo Walt Whitman. Em vida, teve pouquíssimos poemas publicados, cujos conteúdos foram sistematicamente alterados por editores. Sua primeira coletânea é póstuma e também essencialmente alterada, publicada em 1890. Somente em 1955, o lançamento da obra *The Poems of Emily Dickinson* desvelou a magnitude da sua coleção e, pela primeira vez, praticamente inalterada. A rotina da poetisa, retratada no filme *A Quiet Passion* (2016), induz à percepção de ter sido uma mulher dedicada à vida doméstica e recolhida ao ambiente familiar, muito embora sensível às assimetrias de poder experimentadas por homens e mulheres na sociedade, bem como profundamente amargurada pela ausência de reconhecimento atribuída à sua produção. Injustiças históricas, como esta, são compreendidas como fruto do processo de naturalização da distinção entre papeis dos homens e das mulheres na sociedade, agravado pela dicotomia entre espaços públicos e privados. Este trabalho objetiva analisar em que medida a produção literária de Emily Dickinson foi invisibilizada como resultado de um processo de dominação patriarcal. Trata-se de proposta de pesquisa qualitativa a ser executada por meio da aplicação da técnica teórico-bibliográfica – com a finalidade de conhecer a realidade na qual estava inserida a poetisa, bem como da adoção do materialismo histórico-dialético marxista enquanto metodologia, por ser o adequado para decompor determinado evento ou fenômeno em sua integralidade e expor as suas contradições.

ANA CAROLINA ROCHA DE SOUZA RAMOS (FDV/CNPq), YUMI MARIA HELENA MIYAMOTO (FDV/CNPq) / anacarolinarsr@gmail.com, yumi_mhmiyamoto@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 3. Sala 3, IC-3.

MAIS LUZ: AS CONTRIBUIÇÕES DE LUZ DEL FUEGO PARA O PROCESSO DE LIBERTAÇÃO DA MULHER

Em 21 de fevereiro de 1927, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim - ES, nasceu Dora Vivacqua, conhecida internacionalmente pelo seu nome artístico, Luz del Fuego. Absolutamente à frente do tempo no qual viveu, até julho de 1967, esta mulher foi uma nudista pioneira, a primeira atriz a ficar nua em um palco, uma das primeiras mulheres a portar um brevê e chegou a reunir cerca de cinquenta mil assinaturas para a criação do Partido Naturista Brasileiro,

cujo registro foi negado pela Justiça Eleitoral. Autora do livro "A Verdade Nua" e inspiração de filmes, música e obras contemporâneas, a bailarina, naturista e feminista espiritossantense teve sua trajetória marcada pelo discurso em favor da libertação do corpo feminino, pelo impacto visceral de suas performances com serpentes e pela constante ameaça à imposição de padrões e à ordem. O trabalho proposto tem como objetivo analisar em que medida as iniciativas e a imagem performática de Luz del Fuego contribuíram para a desnaturalização da dominação e do moralismo imposto à mulher. A partir do marco teórico de Heleieth Saffioti sobre o "Poder do Macho" e das reflexões teóricas de Pierre Bourdieu sobre a "Dominação Masculina", a pesquisa qualitativa será executada a partir do levantamento de registros sobre a vida da bailarina por meio da técnica teórico-bibliográfica. A metodologia fenomenológica heideggeriana é adotada como fio condutor da presente pesquisa para possibilitar o desvelamento dos preconceitos e prejulgamentos imperantes naquele contexto da sociedade brasileira reputadamente patriarcal, androcêntrica e misógina. A contribuição deste trabalho reside no descortinamento da visão machista e mantenedora da ordem patriarcal lançada sobre a mulher que se empodera da nudez, da sua vontade e do seu corpo.

ANA CATARINA DE MORAES OLIVEIRA (UFC), EDILENE RIBEIRO BATISTA (UFC) / catarinamoraesoliveira@gmail.com, ribeiroedilene@yahoo.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

UM ESTUDO SOBRE VIOLÊNCIAS FÍSICA E SIMBÓLICA NA OBRA *ANATOMIA DO PARAÍSO*, DE BEATRIZ BRACHER

O objetivo deste trabalho é explanar a questão da violência contra a mulher na obra contemporânea **Anatomia do Paraíso**, da escritora brasileira Beatriz Bracher**.** Os dados analisados no presente estudo foram coletados a partir da eleição de episódios e diálogos contidos no livro em análise. Para a realização dessa pesquisa, foram utilizados como suporte teórico trechos das obras de renomados escritores que tratam da temática acerca da violência e de suas ramificações, como Bonnici (2007), Bourdieu (2012), Zurita Márquez (2007), além de alguns pesquisadores/estudiosos como Adorno (2008) e Anatol Rosenfeld (2012) que trazem em seus textos fundamentos analíticos sobre narrativa, processo mimético e verossimilhança – questões que aqui serão também abordadas. Enfim, procuramos comprovar, nesta exposição oral, que Bracher trata, em sua narrativa, dentre diversos temas, o da violência contra a mulher, levando o leitor a refletir, a partir das cenas de opressão simbólica e física, que é necessário a mulher adquirir o controle de sua vida e de suas ações, empoderando-se.

ANA LÚCIA BRANCO (USP) / analu@usp.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

O EROTISMO "FÁLICO" DE LE TÍCIA CONDE À LUZ DA CRÍTICA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA

É inconcusso que a pós-modernidade, atada à Era Digital, à medida que fomenta a criação/circulação da produção ficcional em larga escala, paralelamente, promulga determinado esfacelamento da mesma. Ou seja, se, de um lado, se ganha em possibilidades mais amplas de expressão, de outro, a artesania linguística como consubstanciadora da literatura reside à margem. É nessa fronteira que se aloja a coletânea de poemas eróticos *Toda Vulva Diz Cus São* (2014), da escritora paulista Le Tícia Conde. Por eles, almeja-se uma sucinta incursão que privilegiará a letra pensada em um "duplo gozo", a saber, o do corpo erógeno feminino e o do corpo erotizado da escrita que, por sua vez, rompe, em certa medida, com o discurso falocêntrico, aproximando-se do grotesco. Para tanto, Roland Barthes com seu *O prazer do texto*, bem como fundamentos em torno do corpo, da linguagem e da Psicanálise serão convocados, direta e indiretamente, a fim de estruturar os pressupostos teóricos à luz da apresentação da Escrita Feminina em foco.

ANDRÉ LUIZ NEVES JACINTHO (IFES) / andretcho@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

ZEITGEIST: O CRONOTOPO DA EXISTÊNCIA NAS CRÔNICAS DE JEANNE BILICH

A obra da cronista capixaba Jeanne Bilich é marcada pelos questionamentos a respeito da existência do ser no tempo. Os títulos de seus dois livros de crônicas ***Zeitgeist:*** **Espírito do tempo** e **Viajantes da nave tempo** demonstram essa preocupação, que se torna ainda mais latente depois da leitura das crônicas *2012 – Tempos interessantes; A cerimônia do adeus; Saber envelhecer; Então você pensa que é humano?; Abigail e eu* e tantas outras presentes nos livros indicados. Essa preocupação com a existência humana no tempo também se manifesta na obra do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, quando este se apropria do conceito de cronotopo, tomado emprestado à matemática e à teoria da relatividade de Einstein para exprimir a indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo, sendo este último definido como a quarta dimensão do primeiro. O cronotopos em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a *fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto.* O filósofo Martin Heidegger também trata da existência do ser no tempo. Para ele a temporalidade constitui a dimensão fundamental da existência humana, pois o homem jamais seria um ser acabado e nunca seria tudo aquilo que pode ser; estaria sempre diante de uma série infinita de possibilidades, sobre as quais se projeta. Nesse projetar-se, o homem não estaria sozinho. Ele é um *ser-com*, um *ser-em-comum* e isso se manifesta, sobretudo, no trabalho, mas ainda mais profundamente na solicitude por outrem, fato que conduz ao amor e à comunicação direta. Tendo como referenciais as obras dos autores citados, pretendemos analisar crônicas selecionadas de Jeanne Bilich a fim de compreender como essas preocupações com o ser e o tempo se manifestam em sua escrita.

ANDRÉA ANDRADE OLIVEIRA PRADO (UESB) / andreaao21@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

GÊNERO, HISTÓRIA E CULTURA NUMA SÓ TANGERINA

Heloísa Buarque de Hollanda (2016) afirma que "estudar a mulher no Brasil e na literatura brasileira sem passar por Rachel de Queiroz é, no mínimo, imprudência". De modo direto ou mais intimista, Rachel, dentro da história da literatura brasileira, foi uma mulher que rompeu barreiras através de sua vida, de sua escrita e de suas personagens. Falava e escrevia de um jeito incrivelmente livre, o que lhe rendia elogios e críticas. Não gostava de rótulos, nem de estereotipia, mas não se furtava à discussão. Debruçar-me sobre essa mulher/ escritora/ nordestina, é viajar por um mundo ainda insuficientemente explorado. Ao revisar, revisitar, a historiografia literária, a crítica feminista instaura um novo modo de ver o mundo, sob a ótica da mulher. Barbosa (2001) chama de arqueologia essa construção de métodos, pressupostos e estratégias da crítica feminista. Este trabalho faz parte do processo de "inventariar" a obra de Rachel de Queiroz à luz dos estudos de gênero. Analisamos aqui o conto *Tangerine Girl*, publicado em 1948. Dentre as diversas possibilidades que vislumbramos nesse conto, a autora nos aponta uma marcante personagem feminina, um contexto histórico em que a própria Rachel estava inserida e a "invasão" da cultura norte americana em terras nordestinas através da literatura, do cinema e da música. Além disso, buscaremos traçar possíveis paralelos e/ou disparidades entre criadora e criatura que nos levem ao universo de Rachel de Queiroz em sua escrita.

ANDRESSA DA COSTA FARIAS (UFSC) / andressa3cf@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

A LITERATURA FEITA POR MULHER NO BRASIL

O presente trabalho pretende discutir a posição e o papel da mulher na publicação literária brasileira bem como o uso da literatura como metáfora a partir do conceito de teatralidade da linguagem. Tal análise tem como base as obras "Vozes Femininas da Poesia Brasileira (1959)", de Domingo Carvalho da Silva e "Vozes Femininas (2003)" organizado por Flora Süssekink, Tânia Dias e Carlito Azevedo. A primeira antologia citada analisa o porquê de muitas poetisas serem conhecidas nos lugares a que estão publicando, e não serem conhecidas do grande público brasileiro em relação a periodização literária convencionada. Já a segunda antologia apresenta reunião de várias vozes femininas onde a representatividade, a teatralidade da linguagem evocada é evidenciada na ideia de liberdade. A partir de tais publicações é possível traçar o percurso do movimento e dos estudos feministas no país e o quanto este foi e tem sido de grande importância para a construção de sociedade mais humana e democrática na representatividade da mulher no espaço social e pessoal a que faz parte. A ideia de liberdade e representatividade parece ser o eixo condutor das obras aqui selecionadas a partir da enunciação da voz feminina pela poesia, pela palavra, pela linguagem na literatura

ANDRESSA ESTRELA LIMA (UnB) / andressa_e@outlook.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Este estudo objetiva realizar uma discussão a respeito do aparato das manifestações de atos violentos que ocorrem contra as personagens femininas nos contos A Confissão de Leontina (2010) e O Moço do Saxofone (2009), ambos da autora Lygia Fagundes Telles, cujo intuito principal é mostrar a banalização da violência contra a mulher. Nessas narrativas, a violência se instaura de várias formas, tanto na ordem do discurso, quanto nas ações propriamente ditas, sempre visando a supremacia do homem com relação a mulher. Nesse sentido, os aparatos teóricos serão pautados em autores/críticos, como: Bourdieu (2012), explicitando as variadas formas de dominação masculina e violências decorrentes dessa prática; Biroli (2014), com o intuito de mostrar o quanto as mulheres são suscetíveis e vulneráveis à violência em diversos ambientes; Schmidt (2006), que demostra o porquê dessa dominação masculina no contexto brasileiro; Bandeira (2017), que explicita essa dominação por meio da recorrência de atos violentos contra as mulheres como força estrutural das relações entre homens e mulheres. Conclui-se parcialmente que as mulheres em geral, mais especificamente as que possuem comportamentos considerados como transgressores, são mais suscetíveis a sofrerem atos violentos, assim, o presente estudo se faz importante para se pensar nos discursos sociais que legitimam a violência contra a mulher, os quais sempre apoiam o ponto de vista masculino diante da situação, e também para reavivar um tema que é sempre preciso ser discutido para que nunca caia na normalização e na justificação dessa violência imposta em uma maioria silenciada.

ANGELI ROSE (UAB / CEDERJ) / 23capitu33@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

ESCRITA DE SI E EMPODERAMENTO: A AMEAÇA DE CARTAS NA MESA

O presente artigo discute o veto estabelecido a uma produção textual em nível de pós-graduação que coloca em questão os limites da escrita acadêmica e o empoderamento de narrativas docentes (Santos, 2015). O romance epistolar em questão, inserido no gênero autobiografia ficcional (Arfuch, 2010) foi considerado fora do padrão estabelecido para a obtenção do grau de mestre em educação, em uma universidade privada do Brasil. Para tanto, resgata o momento em que o referido trabalho é rejeitado, mesmo contendo fundamentação teórica que se baseava

em escritos sobre a memória, a produção de certa tradição confessional contida em cartas, existente na literatura universal, a formação de subjetividades leitoras e o legado do mito literário de Don Juan. Embora já houvesse outras produções numa mesma direção, tal texto foi impedido de ser apresentado como dissertação de mestrado. As escritas de si (Foucault,1993), objeto das reflexões dão a ver alguns usos da memória como repositório social e socializado de resistência e emancipação de mulheres. Questiona-se o que de fato pode determinar que um escrito preserva ou não o cunho acadêmico, mesmo partindo de obra de ficção. A comunicação, resultante de reflexão sobre o silenciamento evidenciado dialoga com Passegi (2010), Benjamin (1987) e as versões mais recentes do mito literário de Don Juan, a saber: Don Giovanni, ou o dissoluto absolvido, José Saramago; e O Burlador de Sevilha, João Gabriel de Lima; texto dramático português e romance brasileiro, respectivamente. Ambos os textos literários dão a ver a forma diferenciada como as personagens femininas lidam com o mito literário do sedutor e a sobrevida deste mito ante as questões de gênero colocadas na contemporaneidade.

ANGELI ROSE (UAB / CEDERJ) / 23capitu33@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

NOTAS, REFLEXÕES E UMA ENTREVISTA DE VALOR

Esta comunicação apresentará reflexões sobre a produção da coluna quinzenal da escritora Tatiana Salem Levy na seção *Outros Escritos* do caderno cultural "Eu & fim de semana" do jornal **Valor Econômico**, tendo como objetivo geral discutir questões em torno do gênero crônica (Arrigucci, 1987; Candido, 1985) e o conceito de experiência (Benjamin, 1987) e tomando por base a teoria da leitura de Larrosa (1998) e as duas categorias operativas experiências de leitura e leitura como experiência que a compõem. Para tanto, foi feita uma análise do discurso em dez textos da escritora, utilizados como amostras, a fim de sugerir a observação de certos recursos e procedimentos constituintes de seus textos. Em seguida, será discutida uma entrevista da colunista concedida a esta pesquisa no campo do jornalismo cultural (Pizza, 2013) em que são indicadas algumas pistas sobre os elementos e fatores que movimentam a escrita de Tatiana Levy na direção dos textos reflexivos que desenvolve, sem enquadrar-se propriamente no gênero crônica jornalística (Castello, 2007). Neste sentido, sugerimos que a autora situa-se entre as mulheres que na contemporaneidade fazem literatura e crítica em espaços, meios e suportes diferentes, porém dando a ver os relances de teoria da literatura, embasadora de muitas de suas reflexões, da leitora e da escritora que não acredita no "fim do mundo" (2017).

ANNA CATHARINA IZOTON (University of New Mexico) / annaizoton@outlook.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

NOVAS NOÇÕES GEOGRÁFICAS E PERFORMÁTICAS NA PEÇA *TODAS AS RUAS TÊM NOME DE HOMEM*

Neste artigo analiso a performance e parcialmente o texto da peça "Todas as ruas têm nome de homem", escrita por João Dias Turchi, mas adaptada e performada pelas atrizes do grupo Confraria de Teatro (Vitória, ES). Analiso o uso do espaço urbano nessa peça, porque ao transitar por diferentes ruas e prédios da cidade, o público é levado a ter uma experiência mais pessoal, íntima e sensorial, por estarem familiarizados com o espaço da cidade. O uso do espaço urbano, do monólogo e de outros recursos cria alteridade entre as personagens e o público, abrindo espaço para que ele repense seus próprios atos e as contribuições (ou não) para que as Neste artigo vou analisar a performance e parcialmente o texto da peça "Todas as ruas têm nome de homem". Para isso utilizo teorias e conceitos de performance de Richard Schechner, Diana Taylor e Augusto Boal.

APARECIDA GOMES OLIVEIRA (UEMG), LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG) / apagoliver@gmail.com, lidianazare@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

KEHINDE E PONCIÁ, DUAS MULHERES E UM DESAFIO: CONQUISTAR SEU ESPAÇO NA SOCIEDADE

O presente estudo tem como premissa o Projeto de Pesquisa: Estudos de gênero na literatura e sua repercussão na sociedade em desenvolvimento neste ano de 2017, na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e Coordenação da professora Msc. Glauciene Januário Hottis Lyra. Partindo das obras "Ponciá Vicêncio" de Conceição Evaristo e "Um defeito de cor" de Ana Maria Gonçalves, objetivou-se a análise comparativa entre duas obras da Literatura brasileira, escritas por autoras afrodescendentes, a fim de se observar ideologias convergentes e divergentes na representação social da mulher negra. A análise das obras permitirá uma percepção e compreensão do papel da mulher e de como ela tem construído ou não, seu espaço na sociedade brasileira. A pesquisa foi iluminada por teóricos que já trataram e tratam de temas afins, tais como: Alves (2009), Fanon (2008), Gomes (2005), Auad (2002-2003), Lopes (1988). Bakhtin (1997). O trabalho é de cunho bibliográfico, com aplicação no corpus textual específico das obras supracitadas. A pesquisa é relevante, pois conhecer a mulher negra, identificar seus anseios e a forma como é representada na literatura, é uma manifestação de respeito, reconhecimento e valoração diante de seu papel na construção cultural, social e econômica da pátria brasileira, bem como é uma contribuição para rompimentos de barreiras relacionadas ao gênero, etnia e identidade, promovendo assim a inclusão daquela que sempre esteve à margem da sociedade.

ARLENE BATISTA DA SILVA (UFES) / arleneincrivel@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 20. Sala 101, prédio Wallace Corradi

DOS CÂNONES AO MANGÁ: INDICAÇÕES DE LEITURA DOS ESTUDANTES DE LETRAS E PEDAGOGIA

Este artigo aborda as indicações de leituras literárias feitas por graduandos iniciantes dos cursos de Letras e Pedagogia, sujeitos de uma pesquisa interdisciplinar financiada pelo Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD/CAPES), desenvolvido por três Universidades do país. Tem como objetivo principal mapear experiências de leitura literária dos graduandos, os gostos, as condutas, as concepções de leitura literária e de literatura, bem como as forças que convergem na construção dessas representações. Tomou como objeto de análise duas questões abertas que solicitou a indicação de um livro que tenha interessado/sensibilizado os estudantes, acrescido de justificativa. As análises, a partir dos comentários dos leitores sobre as literaturas (clássicas e de massa), evidenciaram que a leitura literária é vista como forma de entretenimento, prazer, consolo, apropriação de conhecimentos, reflexão sobre a existência humana. Os resultados apontam para uma concepção de leitura literária ligada à satisfação de seus interesses pessoais. Contudo, desqualificar esse modo de ler parece-nos um tanto incoerente, na medida em que esses sujeitos não detêm um conhecimento formal, teórico para lerem essas obras, expressando um posicionamento crítico típico do leitor idealizado por muitos professores. Suas leituras que se limitam ao seu repertório cultural e às relações subjetivas que estes estabelecem no contato com a obra, nem por isso devem ser desqualificadas, desrespeitadas, pois essas práticas somar-se-ão a outras que serão apropriadas em sua formação acadêmica, ampliando sua biblioteca interior.

ARNON TRAGINO (UFES / FAPES) / arnon.tragino@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 20. Sala 101, prédio Wallace Corradi

ENTRE A LITERATURA BRASILEIRA E A LITERATURA JOVEM-ADULTA: UM PERFIL DE LEITURA DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS INGRESSANTES

O Programa Nacional de Cooperação Acadêmica aplicou no início de 2015 um questionário para alunos ingressantes em cursos de licenciatura de Letras e de Pedagogia. O objetivo foi verificar a leitura desses alunos com questões que solicitavam, por exemplo, a menção às leituras recentes. A presente comunicação investiga a questão 31 do documento, em que eles falavam dos livros lidos há pouco tempo. Sabendo que na transição da educação básica para o ensino superior muitos estudantes passam por exames de seleção como o vestibular, percebemos que as obras citadas vieram desse meio: cânones da literatura brasileira indicados como leitura obrigatória para realizar as provas. Junto a isso, em paralelo ao contato com esses livros na escola ou no pré-vestibular, os jovens leitores consumiam bastante os *best-sellers*, especialmente aqueles da literatura jovem-adulta internacional e contemporânea. Pensando nesse contexto, dentro das respostas vistas na questão onde apareciam as duas literaturas, abordamos os trabalhos de William Roberto Cereja (2005) e Regina Zilberman (2008) para tratar da transformação pela qual esses alunos passam em ter novos compromissos de leitura na universidade, que são diferentes dos da escola. Elencamos também as reflexões de Theodor W. Adorno (2009) e Renata Machado (2008) para discorrer sobre a influência exercida pelos livros de massa nessa passagem, cuja recepção de leitura é muitas vezes coordenada pela mídia, pelos amigos ou pela família. Buscamos entender, enfim, pelas obras que identificamos ser as mais mencionadas na questão 31, em que medida é possível construir um diálogo que faça mediação entre esses dois tipos de literatura presentes na vida desse jovem leitor.

AUGUSTO SARMENTO-PANTOJA (UFPA) / augustos@ufpa.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

DO CÁRCERE À CENA: O TESTEMUNHO EM *QUE BOM TE VER VIVA*!, DE LÚCIA MURAT

Analisaremos neste estudo a relação testemunhal de Lúcia Murat, no documentário *Que bom te ver viva*, na construção da personagem anônima e as oito mulheres que testemunham suas experiências no cárcere apresentadas no filme. Observaremos como o testemunho daquelas mulheres é questionado pela narradora, pois não aceita a pseudonormalidade descrita pelas testemunhadoras, pois para a narradora de *Que bom te ver viva*, compreende a necessidade e a impossibilidade de superar o trauma.

BRANCA ALBUQUERQUE DE BARROS (UFF) / brancaabarros@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

A FORÇA FEMININA DE ISRAEL NÃO MENTE NEM SE ARREPENDE: NILI E A CRÍTICA ECOFEMINISTA EM *HE, SHE & IT* DE MARGE PIERCY

A Ficção Científica feminista, mais especificamente na vertente da crítica ecofeminista, muitas vezes, explora e coloca à prova a condição da mulher na sociedade patriarcal, colocando a mulher no mesmo patamar da natureza, numa divisão de classes, em que ambas são tratadas como minorias. Ao mesmo tempo, ela é capaz de sugerir alternativas a essas condições sociais degradantes, em busca de um rompimento das barreiras de classe, derrubando o modelo proposto e superando a realidade vigente. Este trabalho se propõe a discutir o romance *He, She & It*, de Marge Piercy, de 1994, à luz da crítica ecofeminista, e levado em consideração, também, o *Manifesto Ciborgue*, de Donna Haraway, dando destaque para a personagem *Nili*, uma ciborgue enviada por sua comunidade feminina de sobreviventes da guerra entre os EUA e Israel à megalópole em busca de conhecimento. Faço uma tentativa, portanto, de perguntar em que medida a crise climática afetou e/ou transformou as condições de vida das mulheres desta comunidade de Israel e como *Nili* pode representar suas compatriotas e se comparar às outras mulheres do romance,

além de como sua caracterização como ciborgue pode estar ligada à mudança climática e de que maneira a personagem poderia representar um movimento de mulheres que vem surgindo desde os primeiros anúncios dos efeitos do aquecimento global na Terra.

BRUNA KALIL OTHERO FERNANDES (UFMG) / brunakalilof@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

O CORPOEMA FEMININO CONTEMPORÂNEO DE ANA MARTINS MARQUES

O estudo de textos contemporâneos é importante não só pela sua carga temporal imediata, mas também pela possibilidade de diálogo entre autores e leitores. A leitura de escritoras, no século XXI, se faz mais necessária do que no passado: as mulheres nunca escreveram tanto, porém, permanecem ainda pouco lidas. O foco desta pesquisa é entender como o corpo se constrói no texto contemporâneo de autoria feminina – mais especificamente, na poesia da mineira Ana Martins Marques. Para tal, foram analisados dois de seus livros mais recentes, publicados nos últimos cinco anos: "Da Arte Das Armadilhas" (2011) e "O Livro das Semelhanças" (2015). Tal autora foi escolhida por tangenciar a temática do corpo – seja o próprio corpo humano ou o corpo do texto, e por desenvolver uma poética do feminino. A metodologia é feita se baseando em textos sobre o feminino em interseção com a psicanálise, como Roland Barthes, Jacques Lacan e Lucia Castello Branco; e em obras que perpassam a questão do contemporâneo, como os trabalhos de Giorgio Agamben e Marina Tsvetaeva. Além disso, são feitas aproximações na própria literatura, entre a obra de Ana Martins e da portuguesa Maria Gabriela Llansol.

CAMILA GOOS DAMM (UNESP) / camilagdamm@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 1. Sala 1, IC-3.

RHIANNON E O SAGRADO FEMININO

O trabalho tem por objetivo analisar as características arquetípicas presentes na personagem da deusa Rhiannon, de O Mabinogion, a partir de uma perspectiva jungiana e das reflexões de Erich Neumann em *A Grande Mãe*. A partir dessa análise, buscaremos demonstrar a relevância do resgate de figuras femininas pertencentes às mitologias fundadoras para o conceito de sagrado feminino, pois a relação entre a mulher e a espiritualidade sofreu grande repressão desde o declínio do paganismo e a ascensão do catolicismo. A cultura celta, da qual essa divindade faz parte, tinha uma relação peculiar com o feminino, ao qual dava grande destaque. No entanto, por serem de tradição oral, tudo que sabemos sobre esse povo, suas crenças e mitos vem de fontes indiretas: achados arqueológicos, registros dos romanos com quem frequentemente estavam em guerra e escritos de padres católicos que datam de séculos posteriores. Considerando as evidências diversas que nos fornecem, podemos ver já nos registros romanos, e ainda mais acentuadamente nos católicos, a influência de uma lógica patriarcal que visa diminuir e modificar favor de seus interesses o modo como as figuras mitológicas femininas eram vistas pelos celtas. Utilizando os textos *Personas Sexuais* de Camille Paglia, *Celtic Goddesses* de Miranda Green e *O Corpo da Deusa* de Rachel Pollack para melhor compreender como essa mudança de perspectiva do feminino se operou, procuraremos discutir a importância de resgatar as figuras pertencentes ao sagrado feminino e como isso poderia modificar a perspectiva que se tem da participação histórico-cultural das mulheres no passado, que tem sido consistentemente apagada e menosprezada e cujo impacto é percebido até o presente.

CARLA PEREIRA LIMA (UFF) / carlichy2003@yahoo.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIA REPRESENTADAS NOS CONTOS DE "NINGUÉM MATOU SUHURA" E "OS OLHOS DA COBRA VERDE", DA ESCRITORA MOÇAMBICANA LILIA MOMPLÉ

As narrativas literárias têm sido utilizadas como importantes fontes para pesquisa das práticas socioculturais. Elas oferecem imagens sobre a realidade econômica, social e cultural de uma época, fazendo uma espécie de inventário imagístico de uma sociedade, trazendo à tona alguns tipos humanos característicos e enfatizando seus costumes, suas angústias, suas identificações e seus "preconceitos". Assim sendo, o presente trabalho investigará as representações ou imagens de uma época da literatura moçambicana de forma a lançar um olhar sob alguns contos dos livros "Ninguém matou Suhura" (1988) e "Os olhos da cobra verde"(1997), da escritora Lília Momplé. Como mulher de seu tempo, a autora imprime, nos contos, elementos de diferentes discursos, entretanto, o que pontuaremos em nosso trabalho será o das relações de poder e resistência. Tomando discurso como um conjunto de práticas ou unidades dinâmicas constituídas e constituintes nos processos socioculturais e linguísticos, portanto, históricos de produção e recepção de sentidos. Como coloca Michel Foucault, o poder não apenas nega, impede, coíbe, restringe, esconde, recalca, limita, mas igualmente "faz", produz, provoca, incita, encoraja e legitima. Assim, teremos em mente que tais relações são construídas não apenas por meio de mecanismos de repressão e censura, mas também através de práticas e discursos que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, maneiras de falar e de agir, comportamentos considerados adequados em determinado período, lugar e sociedade. Investigaremos, portanto, como são produzidos os discursos de poder e resistência e como eles se articulam naquela sociedade através do olhar atento de Momplé. Sendo assim, vale aqui a colocação feita pela escritora e pesquisadora Rita Chaves ao falar do papel das narrativas literárias na produção de um discurso que imprime nas letras as inquietações, os questionamentos, a ideologia de uma sociedade: "*...o trabalho de representação da realidade, compromisso constante da literatura, implica a mobilização de um sofisticado repertório de procedimentos que transforma o espaço em matriz de significados múltiplos...*"

CARLOS HENRIQUE VIEIRA (Unicamp) / carlos.h.vieira@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

CLARA AVERBUCK E AS NOVAS POSSIBILIDADES DE ESCRITA, DIVULGAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA FIGURA AUTORAL

A trajetória, um tanto controversa, da escritora Clara Averbuck é bastante significativa para avaliar como a internet contribuiu para o surgimento, divulgação e consolidação de novas figuras autorais. Averbuck foi uma das colaboradoras fixas do *e-zine CardosOnline*, do qual também participaram os escritores Daniel Galera e Daniel Pellizzari. Ela ainda publicou em diversos sites e blogs. Em seu primeiro e mais conhecido blog – *Brazileira!Preta* – Averbuck, por um lado, não abre mão da principal característica destas páginas surgidas no início do século XXI, a saber, ser um diário virtual onde a escrita, que se pretende pessoal e subjetiva, acaba se tornando pública, por outro, ela vai além e o utiliza para divulgar trechos que viriam a ser publicados nos seus romances *Máquina de pinball* (2002) e *Vida de gato* (2004). Com a posterior publicação e comercialização destes romances e o conhecimento do que fora anteriormente publicado no blog, Averbuck envolve-se em uma série de polêmicas. Uma vez que em ambos os suportes, ela parece não fazer questão de deixar claro onde termina o real e começa a ficção, pelo contrário, as fronteiras entre o real e o ficcional são sempre tencionadas, o que levou muitos leitores a lerem os romances como relatos autobiográficos e ainda fez com que as obras fossem sempre mencionadas pela crítica ou pelo meio acadêmico ao se discutir a autoficção contemporânea. Assim, nesta comunicação pretende-se analisar a recente possibilidade de divulgação de textos literários na internet. Bem como, através do exame das obras de Averbuck, problematizar os procedimentos adotados pela escritora para a divulgação de seus textos e a construção de uma figura autoral exposta na rede e, por fim, considerar as principais consequências destes procedimentos que acabaram por gerar certas tensões e polêmicas.

CAROLINNE QUINTANILHA ORNELLAS (UFES) / carolinneornellas@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

DO RASTRO E DO APAGAMENTO DO CRIME: A VIOLÊNCIA URBANA EM "COMEÇAR A MORRER" DE ANDREIA DELMASCHIO

A violência urbana é uma realidade que se apresenta de maneira contumaz na contemporaneidade, tendo no contraste socioeconômico um de seus maiores motivadores. Diariamente, crimes são perpetrados em todas as cidades do mundo, deixando evidente uma crescente banalização da vida. No Brasil, o Estado é responsável por garantir a segurança pública de todas as cidadãs e todos os cidadãos. Porém, para isso, o poder público executa políticas arbitrárias que tendem a atingir de forma truculenta as classes menos abastadas de nossa sociedade. Como um reflexo dessa conjuntura, escritoras e escritores da literatura brasileira contemporânea retratam, progressivamente e de forma diversificada, o tema da violência nas cidades em suas produções. Um exemplo dessa ocorrência é encontrado no conto "Começar a morrer" de Andreia Delmaschio (do livro *Aboio de fantasmas*, publicado em 2014), *corpus* deste trabalho. O objetivo é analisar os rastros de um possível crime que é relatado pelo narrador-personagem no texto. Para tanto, os referenciais teóricos serão, principalmente, as elaborações sobre violência e cidade feitas por Hannah Arendt e Zygmunt Bauman. Além disso, também será explorado o conceito de "rastro" desenvolvido por Walter Benjamin.

CINTHIA BELONIA (UFF) / cinthiabelonia@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 1. Sala 1, IC-3.

A MEMÓRIA PRIVADA DA GUERRA COLONIAL PORTUGUESA

O "nunca mais" ou "jamais poderemos esquecer" existe em formas visível e não visível. O visível está nas narrativas públicas, nas leis, nos monumentos, nas comemorações, já o invisível dessas histórias está nas histórias de família construídas na subjetividade e em objetos, como cartas, fotografias e diários que juntos providenciam o material de construção da memória familiar do acontecimento. O fim da ditadura salazarista, o 25 de Abril de 1974 e a descolonização são acontecimentos pouco lembrados na memória pública de Portugal, fazendo com que a Guerra Colonial seja vista como algo externo ao país. Dessa forma, essa memória é reservada apenas aos seus portadores diretos: os ex-combatentes e as suas famílias. Daí o seu abandono e o seu sentimento de estar na periferia da história pública e, exatamente por isso, a sua necessidade de testemunho. A pesquisadora portuguesa, Margarida Calafate Ribeiro, reúne em *África no feminino*: As Mulheres Portuguesas e a Guerra Colonial, 21 depoimentos de mulheres sobre a guerra. Apesar de Camões definir os papéis dos sexos na construção da nação e do império, considerando que os homens viajam, constroem, guerreiam e governam e que as mulheres ficam, assistem, acompanham e amam, Calafate afirma que ver a guerra como uma atividade exclusivamente masculina é contar apenas uma parte da história, pois uma civilização só se fixa e define através das mulheres. Para a análise dos depoimentos colhidos por Calafate abordaremos a importância das narrativas de memória e testemunho feitas por mulheres a partir de estudos acerca do tema feitos por Jeanne Marie Gagnebin e Beatriz Sarlo, dentre outros.

CLARA MARQUES BODART (UFES), ANDERSON BRUNO M. B. DE ANDRADE (UFES), RENAN GUILHERME SOARES (UFES) / promessa1401icm.violino.libras@gmail.com, abm8519@gmail.com, renan_g.s@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 10. Audit. IC-2

RECRIAÇÃO LITERÁRIA: EXPERIÊNCIAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS PARA CRIANÇAS SURDAS

Essa comunicação visa relatar a experiência de tradução de textos literários para Libras, tendo como público alvo crianças surdas em fase de apropriação da língua de sinais. Ancorado nos estudos de Marta Morgado (2011), Andrade (2015) e Rosa e Klein (2011), articulado aos estudos da tradução (ARROJO, 1992; SOBRAL 2008), pretende-se descrever e analisar o processo de tradução das narrativas "Cinderela Surda", "Patinho Surdo" e da poesia "Monster" para Libras. A partir das análises iniciais, foi possível perceber que os recursos como o antropomorfismo e a incorporação dos personagens, além do uso de classificadores, foram fartamente utilizados a fim de transmitir não só a mensagem, mas também a emoção, a sensibilização, fundamentais para promover a experiência estética no leitor. Portanto, essa experiência corrobora os estudos teóricos no campo da tradução de obras literárias para crianças surdas ao evidenciar que o uso de expressões não manuais e elementos visuais próprios da língua de sinais como os classificadores facilitam a compreensão dos elementos da narrativa como personagens, tempo, espaço, conflito e o desfecho. Somado a isso, permite às crianças viver a história, sentir medo, alegria, graça, estabelecendo relações afetivas e reflexivas entre a ficção e o mundo real.

DAIANE FRANCIS FERNANDES FERREIRA (UFES), MARIANA PASSOS RAMALHETE (UFES) / daiafrancis@hotmail.com, marianaramalhete@yahoo.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 20. Sala 101, prédio Wallace Corradi

LEITURA LITERÁRIA: O QUE DESVELAM AS ESCOLHAS ESPONTÂNEAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL?

Este trabalho integra parte dos estudos do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo e está circunscrito no Projeto de Cooperação Acadêmica, intitulado *Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente*, de três instituições, a saber: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade de Passo Fundo. Visa a refletir sobre os diversos enunciados que circundam o processo de escolha espontânea de obras literárias no dia a dia (ou seja, a eleição de uma obra que não foi solicitada formalmente) de graduandos em Letras e Pedagogia desses três diferentes espaços acadêmicos brasileiros. A partir de uma ênfase quanti-qualitativa, com procedimento bibliográfico-documental, esta pesquisa, à luz do conceito de *indústria cultural* e *semiformação*, discutidos, respectivamente, por Adorno e Horkheimer (1985) e Adorno (2008), debruça sobre os dados contemplados nas respostas abertas conferidas à questão trinta e sete do projeto supracitado. A análise das respostas desvela a influência da *indústria cultural*, ideologia da sociedade capitalista, que é eficiente na reprodução e cristalização da ordem social estabelecida, a operar, com destreza, a formatação e a administração de subjetividades de professores na formação inicial.

DAIANI PIGNATON SOUZA SILVA (UFES) / daianipignaton@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 20. Sala 101, prédio Wallace Corradi

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA UNIVERSIDADE: AS LEITURAS NAS LICENCIATURAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA DOCÊNCIA

Este trabalho apresenta dados da pesquisa "Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente", vinculada ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad) e busca mapear o perfil do leitor de literatura infantil e juvenil nas licenciaturas em Letras e Pedagogia de quatro universidades (Unesp – *campi* Marília e Presidente Prudente), Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes – *campus* Vitória) e Universidade de Passo Fundo (UPF – *campus* Passo Fundo), bem como identificar as possíveis causas da pouca circulação do gênero na Universidade. Os dados obtidos na pesquisa do Procad e a apreciação da matriz curricular dos cursos nos direcionam ao entendimento de que a literatura infantil e juvenil vem sendo pouco explorada em ambiente acadêmico. Dialogando com Hunt, Zilberman, Dalvi e outros estudiosos da área, teceremos um contraponto com os dados obtidos pelo Procad, visando a uma explanação do tema, que demonstrará como os alunos das licenciaturas estão se apropriando das leituras literárias e quais as implicações na em sua formação e, por conseguinte, na educação brasileira.

DANIELA GOMES GUMIERO (UFES) / danielagumiero@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 10. Audit. IC-2

RELAÇÕES DO IMAGINÁRIO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A TRADUÇÃO PARA LIBRAS PELO SISTEMA SIGNWRITING

A literatura infantil e juvenil atualmente encontra-se em patamar elevado se considerarmos um nível hierárquico literário. Nesse desenvolvimento, nos novos olhares lançados a literatura infanto-juvenil, surge também o interesse pelo acesso a obras de outros países e línguas, e em consequência evidencia-se o fator tradução. É nesse universo de processo dialógico, envolvendo fantasia, o imaginário, leitores em construção de personalidade, que o autor e o tradutor repousam sua prática. Nesse sentido, no *boom* de tecnologia e informações fáceis, padronizadas e fabricadas do mundo contemporâneo que ocorre o enfraquecimento do imaginário. Contra essas ocorrências surgem obras como a do Zeca Catatrecos do autor e ilustrador Jótah (2009), um livro em língua portuguesa que utiliza recursos gráficos e tipográficos, apresenta sintaxe e a mescla de linguagem verbal e não-verbal diferente do que

habitualmente encontramos em livros para essa faixa etária. Aliando essas questões a especificidades da tradução, esta obra foi traduzida para a Libras – Língua Brasileira de Sinais pelo sistema *SignWriting*, e o objetivo deste artigo é apresentar escolhas tradutórias a partir de recortes feitos na obra e na tradução. Na análise da tradução, percebemos que o tradutor optou por manter as estranhezas, marcas próprias do autor, o estímulo a fantasia, ao imaginário, aliando a elas especificidades da língua alvo, a Libras, onde o uso de classificadores, expressões não manuais é recorrente e foi evidenciado.

DANIELLA BERTOCCHI MOREIRA (UFES) / bertocchi_921@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

GONZAGUINHA E AS MULHERES – A CRÍTICA FEMININA DESCOBRE O MOLEQUE

Um dos mais importantes compositores da MPB das décadas de 1970 e 1980, Gonzaguinha tem sua obra estudada por alguns – poucos, até então – pesquisadores, que veem nele um representante de peso de uma geração marcada por uma forte repressão, censura e importantes mudanças políticas e sociais. Dados iniciais de pesquisa, a partir de descritores no currículo Lattes, mostram um elemento bem revelador: das 41 menções a Gonzaguinha, 26 são de trabalhos produzidos por mulheres, o que representa 63% do total de artigos, monografias, dissertações e trabalhos artísticos feitos sobre o cantor. A partir da constatação desse dado, surge a pergunta: por que as mulheres gostam tanto de Gonzaguinha? Seria apenas uma coincidência de dados? Seria pelo lado emotivo do cantor, expresso em muitas de suas canções? A proposta desse trabalho é verificar parte da crítica produzida por mulheres a respeito de Gonzaguinha a fim de compreender sob qual ponto de vista a obra do cantor é analisada por essas pesquisadoras e quais temas são mais recorrentes. Para isso, serão analisadas brevemente duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado de autoria feminina, tendo a obra do cantor como tema – ainda que em conjunto com outro cantor/compositor – a fim de verificar de que forma Gonzaguinha e sua produção são vistos através do olhar feminino.

DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA (UFES) / danilofssouza@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: UMA ANÁLISE DE PERSONAGENS FEMININAS DE LYGIA BOJUNGA NUNES

O objetivo dessa comunicação é fazer uma análise de personagens femininas da escritora premiada, nacionalmente e internacionalmente, Lygia Bojunga Nunes em três tempos: criança, adolescente e mulher. Para tanto, escolhemos como *corpus* de análise, a personagem Raquel do livro *A bolsa amarela*, a adolescente Cristina de *O abraço* e a personagem intitulada apenas como "mãe" do conto *Tchau*. Procuraremos estabelecer relações das personagens femininas, através dos problemas e situações-limite a que são submetidas e a possível identificação ou não do público leitor, bem como, o que as atitudes das personagens mostram da representação e do papel da mulher na sociedade. Contribuíram para este trabalho, reflexões acerca de concepções sobre literatura infantil e juvenil e questões identitárias e de gênero. Foi possível observar a pluralidade de enfoques que a escritora Lygia Bojunga Nunes traz para suas personagens, há momentos, nos textos analisados, de superação e liberdade, já outros momentos, da não superação das amarras que a sociedade machista impõe.

DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA (UFES), MARIA FERNANDA BRITO DE ARAUJO (UFES), VIVIAN JACIARA VIANA (UFES) / danilofssouza@hotmail.com, marife.araujo@gmail.com, vivianviana4@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 20. Sala 101, prédio Wallace Corradi

OS SUJEITOS E AS PRÁTICAS SIGNIFICANTES NA FORMAÇÃO DO LEITOR: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS DADOS DO PROCAD

Falar da importância da leitura literária é falar também da história do leitor, da formação de seus hábitos de leitura e, portanto, dos fatores que influenciaram esses sujeitos em tal prática. Nesse sentido, a proposta de comunicação ora apresentada, buscará, através da análise do *corpus* produzido pela pesquisa intitula "Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente", realizada pelo Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), analisar os fatos, sujeitos e experiências relevantes para a constituição dos hábitos de leitura dos estudantes sujeitos da pesquisa. Os indicadores produzidos após categorização dos dados não são discutidos como absolutos e definidores das práticas de leitura dos sujeitos, mas como informações relevantes aos objetivos do PROCAD, traçando um perfil dos estudantes que ingressaram nos cursos de Letras e Pedagogia. Pretendemos aqui discutir especialmente a influência da família e da escola/professores, respostas que mais apareceram no questionário, pois entendemos serem essas instituições de extrema relevância para as primeiras experiências com a leitura literária. Respaldaremos nossas análises nos conceitos de Dialogismo e da linguagem como interação de Mikhail Bakhtin e reflexões acerca da leitura na profissão docente, do pesquisador Ezequiel Theodoro da Silva.

DÉBORA FEZER MARTINS, LETÍCIA DE MATOS LACERDA , HIATA ANDERSON SILVA DO NASCIMENTO (IFES), LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA MACHADO (UFES), ROSEANE VARGAS ROHR MARCELLE BITTENCOURT XAVIER ALMEIDA (UFES) / hiata@terra.com.br, luczarina@yahoo.com.br, roseane.ufes@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

NECESSIDADES DE SAÚDE DE TRABALHADORES SURDOS

O presente estudo tem como objetivos descrever as necessidades de saúde de trabalhadores surdos, identificando dificuldades enfrentadas por esses indivíduos no ambiente de trabalho e nos serviços de saúde. Trata-se de uma pesquisa-ação realizada em empresa do ramo alimentício, no município de Vila Velha, Espirito Santo, por meio de oficinas com grupos de surdos, utilizando recursos de imagens, desenhos, textos, dramatização e expressão corporal. Os resultados evidenciam necessidades de saúde dos trabalhadores surdos que se relacionam à comunicação e ao vínculo entre familiares e profissionais de saúde, bem como aos aspectos do trabalho que interferem na saúde e bem-estar desses indivíduos. A importância do trabalho na vida dos sujeitos é evidenciada como um fator de inclusão social importante para proporcionar o bem-estar, entretanto as implicações do trabalho na saúde do grupo foram apontadas, destacando-se os riscos ergonômicos. A sobrecarga de trabalho e o controle do tempo para realizar as necessidades fisiológicas foram apontados, considerando que o trabalho interfere na saúde desses indivíduos em função da necessidade de manter a produtividade. O cuidado familiar foi observado como um aspecto importante, evidenciando também que o bem-estar dos sujeitos está atrelado ao bem-estar da família. A dificuldade de estabelecer vínculo com um profissional ou equipe de saúde também foi uma necessidade evidenciada pela dificuldade no processo de comunicação. Deste modo, a assistência de saúde a esses sujeitos representa um desafio para os profissionais que precisam ampliar seus conhecimentos e habilidades de comunicação para estabelecer vínculos e atender às necessidades de saúde desse grupo.

DÉBORA SANTOS COUTO (UFES) / debora.santos2@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

CONTADORAS DE HISTÓRIAS: A PRESENÇA DA MULHER DENTRO DO PROJETO VIAGEM PELA LITERATURA

Este trabalho, resultado de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de cunho bibliográfico, objetiva discorrer sobre a presença da mulher na arte de contar histórias, bem como de seu protagonismo na produção literária capixaba destinada ao público infantil. Para tal, resgata parte do conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "A arte de contar histórias: o Projeto Viagem pela Literatura como fomento da literatura infantil capixaba. Um olhar sobre o material produzido em formato de CD e DVD", se apresentado como vertente deste, buscando evidenciar o movimento realizado por mulheres dentro do Projeto Viagem pela Literatura, se atentando para as produções textuais, orais e artísticas. Para a pesquisa, além do levantamento bibliográfico, se recorreu como *corpus* ao material produzido pelo referido projeto em formato de CD e DVD. Buscou-se como aporte teórico-metodológico as contribuições de Lev Vygotsky no que cabe à sua abordagem Histórico-Cultural e conceito de mediação e Regina Zilberman para pensar a Literatura Infantil. Ao realizar este movimento se compreende que as conquistas das mulheres no campo literário, bem como em outras áreas, são reflexos de uma luta histórica. Uma luta que ainda enfrenta fatores como o silenciamento e a invisibilidade, mas que já não se deixa paralisar, contribuindo, no que se refere, especificamente, ao contexto capixaba, para a construção de uma tradição literária local.

DENISE DE LIMA SANTIAGO FIGUEIREDO (UESC) / deniselsantiago@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

A LITERATURA E A MÚSICA DA MARANHENSE MARIA FIRMINA DOS REIS

As artes produzidas por mulheres ainda não alcançam o reconhecimento devido, sobretudo, quando se trata de épocas passadas – o caminho para romper o silêncio é árduo. O século XIX é marcado pela chegada das tendências românticas, que, no Brasil, em seus primeiros anos, revertem-se na tentativa de construção identitária para a nação. Sendo assim, produzir artes como literatura e música, inscrevendo-as dentro de novas perspectivas e saindo das possibilidades impostas por esta sociedade brasileira, é algo para poucos. Nesse quadro está Maria Firmina dos Reis, que, em sua primeira obra, *Úrsula* (1859), chama atenção para os aspectos até então invisibilizados dos povos africanos e seus descendentes. Além desse romance, a autora lança poesias, contos e, na arte musical, compõe e musica poema do reconhecido Gonçalves Dias. Imersa em um contexto de extrema segregação social, a arte produzida por Maria Firmina dos Reis, ainda nos dias atuais, precisa alcançar mais olhares para ser parte integrante da arte oitocentista nacional. Assim, esta pesquisa intenta mostrar a trajetória da escritora e compositora maranhense Maria Firmina dos Reis e a importância de sua produção artística, tanto na literatura, quanto na música, para o legado da arte produzida por mulheres brasileiras.

EDILENE RIBEIRO BATISTA (UFC) / ribeiroedilene@yahoo.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

A TRANSGRESSÃO DO MITO DA DONZELA GUERREIRA EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA*, DE RACHEL DE QUEIROZ

A presente exposição tem por objetivo traçar uma análise do mito da donzela guerreira em sua manifestação ficcional/híbrida (temática que será aqui tratada, de forma gendrada, seguindo, portanto, os pressupostos da Teoria e Crítica Literária Feminista). Para tanto, a título de exemplo, utilizaremos, no espaço romanesco, a personagem Maria Moura, da obra *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz. Com isso, pretendemos mostrar que o mito em questão é dinâmico e, por isso mesmo vai se atualizando com o passar dos anos, ultrapassando os limites do tempo, adentrando à contemporaneidade.

EDIMILSON MOREIRA RODRIGUES (UFMA), JACQUELINE ALMEIDA BRANDÃO SANTOS (UFMA) / em.rodrigues@ufma.br, jacquelline_allmeida@outlook.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

PERTENCIMENTO E DESTERRITORIALIZAÇÃO: *MAIS AO SUL*, DE PALOMA VIDAL E *O PINTOR QUE ESCREVIA AMOR E PECADO*, DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI

Atualmente a diáspora têm se mostrado um campo riquíssimo para o desdobramento de pesquisas, principalmente no que tange o meio literário, do qual a palavra é a essência. A obra literária narra a fratura do sujeito, fazendo do texto seus lares provisórios, assim, a linguagem é a única forma de dizer que somos todos homens atravessados por culturas distintas – seres hifenizados. Partindo desta perspectiva, objetiva-se analisar as obras literárias - *Mais ao Sul* (2008), de Paloma Vidal e *O pintor que escrevia amor e pecado* (2003), de Letícia Wierzchowski, como morada e permanência de autores da nova desterritorialização, com vistas a promover consonâncias entre autores da literatura brasileira capazes de pensar a condição do outro desde a superposição de valores culturais. Metodologicamente, como afirma Gil (2002), este trabalho se classifica como uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, seguida pela análise dos textos já referidos. Ancorando-se nas perspectivas de (CHIARELLI, in: porto, 2012), Figueiredo (2011), Porto (2012), Reis (2009). Assim, este trabalho ancora-se nas reflexões dos estudos da diáspora como elemento capaz de revelar as identidades fora de lugar, as movências contemporâneas umedecidas no trânsito de culturas, traduzidas pela linguagem e a fantasia, quase sempre, em harmonia com a realidade social, que se manifesta na escritura individual, mas que também "propõe a memória e o projeto de nossa comunidade em crise" (ESTEVES, in REIS, 1997, p. 69).

ELDA COELHO DE AZEVEDO BUSSINGUER (FDV), RENATA BRAVO DOS SANTOS (FDV) / elda.cab@gmail.com, rbravosantos@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

THE HANDMAID'S TALE E UM FUTURO MUITO PRESENTE

Margaret Atwood, em 1985, publicou o livro *The Handmaid's Tale*, traduzido para o português como "O Conto de Aia", que, desde então, não cessou de ser republicado em todo o mundo, ganhando maior destaque ultimamente em razão da adaptação da obra para uma série de televisão homônima. A autora criou um enredo distópico sobre um governo teocrático, militar, cristão, conservador centrado na opressão e subjugação das mulheres em diversas searas, sendo acentuado o dever de maternidade imposto a elas. A obra da autora canadense pode ser relacionada com o atual cenário internacional, e, ainda, com o brasileiro, em que se observa líderes governamentais dando mostras significativas de conservadorismo exacerbado com relação às mulheres, objetivando castrar os direitos que outrora conquistaram. Nesse sentido, buscar-se-á analisar a referida obra em atenção ao atual cenário sociopolítico brasileiro, com o escopo de alertar a ameaça presente na sociedade brasileira de uma possível implementação do regime construído na obra de Margaret Atwood. Para tanto, será feita análise acerca da história das mulheres, a partir da obra "Minha história das mulheres" de Michelle Perrot, com o escopo de demonstrar a importância de se falar sobre as mulheres e de se ler as obras e a arte das mulheres, historicamente invisibilizadas ou, ainda, proibidas.

ELIANA FIRMINO BURGARELLI RIBEIRO (UFES), ARLENE BATISTA DA SILVA (UFES) / elianalibras@hotmail.com, arleneincrivel@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

OS 10 MANDAMENTOS EM LIBRAS ATRAVESSADO POR DIFERENTES VOZES

Este trabalho relaciona-se com as pesquisas sobre a tradução de textos sensíveis para língua de sinais. Para tanto, valer-se-á das contribuições teóricas de Nord (1997), Tymoczko (1998), Mayer (2000) e Arrojo (1992) filiados aos Estudos da Tradução. Tem-se observado nos estudos da tradução que muitos são os fatores que influenciam o tradutor/intérprete em suas escolhas tradutórias. Um desses fatores é o fato de que o texto está além da simples materialização linguística, mas envolve elementos de ordem extralinguística. Assim, pode-se dizer que o texto sensível, assim como qualquer atividade discursiva, é influenciado pelo contexto social e histórico em que é sinalizado/ produzido. Partindo dessa premissa, pretende-se analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem na atividade da tradução. No desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa documental, cujas principais fontes são dois vídeos com traduções para Libras do texto bíblico no livro de Êxodo 20:1-17, que trata dos "Dez mandamentos". Os resultados iniciais revelam que a atuação dos tradutores/intérpretes e suas escolhas tradutórias são diretamente influenciadas pelas instituições religiosas e seus discursos, pelos dispositivos de controle e pelos lugares sociais que esses sujeitos ocupam no interior dessas instituições.

ELIETE FURTADO DE MIRANDA (UFES) / elietemiranda.ufes@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 10. Audit. IC-2

PERCEPÇÕES DOS SURDOS SOBRE MÚSICAS EM LIBRAS

O trabalho aborda as percepções do sujeito surdo sobre a música ao fazer uma leitura de um vídeo traduzido e sinalizado em Libras. Trata-se de uma pesquisa documental, num primeiro momento, tendo como objeto de análise um vídeo musical em Libras disponível no *Youtube*, no qual se analisou seus aspectos melódicos, harmônicos, rítmicos e a composição. No segundo momento, foi feito um estudo de campo por meio de entrevistas, com objetivo de conhecer a compreensão dos surdos acerca do vídeo musical traduzido para Libras. Esta pesquisa tomou como

referência os estudos de Bakhtin (1997) articulados aos teóricos do campo da Tradução intersemiótica de Júlio Plaza (1987) e da performance e recepção de Paul Zumthor (2007). Balizados por esse referencial teórico e pelas análises iniciais, é possível perceber que a construção da tradução/ interpretação de músicas em Libras exige o uso de ilustrações performáticas que explorem amplamente os recursos visuais da língua de sinais, dentro do contexto musical enunciativo. Esses recursos podem facilitar o entendimento do que se deseja transmitir, por meio de elementos expressivos e imagéticos. Nesse contexto, entendemos que é possível romper as barreiras do som e adaptar letra e música à realidade surda, tornando possível a compreensão do sentido da composição musical.

ELIS REGINA CASTRO (UFG), JAMESSON BUARQUE (UFG) / elisreginacastroaraujo@gmail.com, jamessonbuarque@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 8. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

A EXPERIÊNCIA DE LEITURA DE POEMAS DE AUTORIA FEMININA EM UM CURSINHO POPULAR

A formação da literatura brasileira é problemática no que se refere à exclusão de obras de autorias relegadas a uma margem, como mulheres, negros e membros de classes sociais menos abastadas, como pode ser observado no cânone literário nacional. Por compreender cânone na perspectiva de Ginzburg (2008), como um ato político, pedagógico e historicizável e não como um conjunto de obras com um intrínseco *valor estético,* considera-se que estudos sobre autoria feminina são necessários, pois as mulheres, pelos condicionantes da sociedade patriarcal, são excluídas do processo de formação cultural e literário do Brasil. Sabe-se que de acordo com as OCEM, o ensino de literatura no Brasil é orientado pelo Inciso III dos objetivos estabelecidos para o ensino médio na LDB/96, que deve promover o desenvolvimento crítico dos e das estudantes, independente se os discentes vão ingressar ou não o mercado de trabalho, contudo, sabe-se que o ensino de literatura no Brasil não cumpre isso. Nesse sentido, pensando em práticas didático-pedagógicas que pensem um ensino de literatura distanciado do pragmatismo positivista, descrever-se-á a experiência da leitura de poemas de autoria feminina na Comunidade FazArte, cursinho popular vinculado à Universidade Federal de Goiás como projeto de extensão. Para tanto, foram escolhidas algumas autoras goianas, como Dheyne de Souza e Leodegária de Jesus, etc. Essa escolha se justifica pois sabe-se que a circulação da poesia goiana é restrita, sendo Cora Coralina o único nome que figura no cenário nacional e também, por se considerar, conforme Ginzburg (2004), de que a pura e simples reprodução passiva do cânone limita o desenvolvimento crítico dos e das estudantes.

ELISA DOMINGUES COELHO (UNESP/ FCLAr) / elisadcoelho@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinbergpinheiro d

O QUINZE E *MARIA LUIZA*: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO PAPEL DA RELIGIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA

A década de 30 foi cenário de uma literatura fragmentada pelos embates sociais, sendo uma das principais consequências a associação de temáticas, como a religiosidade ao romance intimista, assim como a seca esteve ao romance social, por critérios mais ideológicos que literários, advindos de uma postura militante na ficção e na crítica literária por parte dos dois grandes grupos da época, conhecidos por escritores sociais (ou da seca) e intimistas (ou católicos). Esse trabalho busca ir na contramão dessas divisões consolidadas pela crítica e realizar uma análise comparativa com a leitura dos romances *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Maria Luiza*, de Lucia Miguel Pereira, pertencentes aos dois grupos supracitados. Nosso olhar se voltará para o percurso narrativo das personagens principais, respectivamente, Conceição e Maria Luiza, que traçam uma construção identitária durante os romances através de sua construção em relação ao discurso religioso, de modo a perceber como é constituído o ponto de vista da personagem em relação a essa voz de alicerce da tradição e moral religiosas, tendo assim como horizonte um olhar menos esquemático e pré-estabelecido sobre a presença dessa temática nos romances de 30.

ELISÂNGELA DE LANA COSTA (PUC MINAS) / elannac@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

O PROCESSO DE ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ

O principal propósito deste estudo é analisar como a autora moçambicana Paulina Chiziane traz para a cena literária da obra O alegre canto da perdiz a memória de subjugação da mulher negra e como ela tenta romper com esse histórico de exclusões. A obra em análise possui propósito de trazer a mulher para a visibilidade. Nela, há uma polarização entre o patriarcado e o matriarcado, e os mitos do matriarcado surgem como uma saída para a renovação cultural da inserção da mulher na sociedade moçambicana contemporânea. Como a mulher é subalternizada ao longo da história e, segundo Inocência Mata "no topo da pirâmide dos condenados da terra, está a mulher africana" (MATA, 2006, p. 439), trazê-la para a visibilidade, na sociedade patriarcal, é mais traumático, entretanto, devido à sua importância, esse processo não pode deixar de ocorrer, apesar da visão negativa de inúmeros críticos.

ERICA MARTINELLI MUNHOZ (Unicamp) / ericammz@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

LEITURA FEMININA EM ANA CRISTINA CESAR: O DESEJO INVENTADO NO TIRANO

O presente trabalho discute dois problemas de leitura observados na obra de Ana Cristina Cesar: o impasse em relação à definição de certa literatura como feminina ou "de mulher" (ler ou não ler mulher em Ana C?), e a intertextualidade tão presente na obra da autora, entendida aqui como problema na medida em que se torna labirinto de referências que enreda e paralisa o leitor em estratégias retóricas. Entendendo tais impasses não separadamente, mas como caminhos possíveis de saída um para o outro, busca-se a compreensão de possibilidades criativas para tais discussões. Mesmo sendo um tema de grande importância para Ana Cristina, a questão da mulher na literatura não encontra solução teórica em nenhum dos textos críticos escritos a esse respeito pela poeta. Propomos aqui uma leitura de traços específicos na forma como a intertextualidade com a tradição literária se dá na poesia da autora, que evidenciam seu papel não apenas enquanto poeta mas enquanto leitora de uma tradição majoritariamente masculina. Seu modo de ler a tradição, a partir da situação da mulher está intimamente ligado com as estratégias intertextuais em sua poesia, que Maria Lucia de Barros Camargo denominará vampiragens. A partir de discussões como a de Luce Irigaray a respeito da linguagem feminina, o presente artigo propõe a leitura de uma obra poética que carrega consigo a problemática da constituição negativa da mulher (Simone de Beauvoir), e que desenvolve, por meio justamente do diálogo com as vozes da tradição, sua reprodução e recontextualização, saídas criativas, cortando fendas e inserindo sua voz feminina no jogo literário da tradição. Como exemplo desse processo será analisado mais detalhadamente o poema Ulysses, publicado postumamente em Inéditos e Dispersos, 1985.

ERIVANIA N.C. MAJESKI (UFES) / erivania.letraslibras@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

A ORAÇÃO DO PAI NOSSO, ANALISE TRADUTORIA SEGUNDO AS PERSPECTIVAS DOS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Este trabalho relaciona-se à temática da tradução de textos sensíveis para língua brasileira de sinais (Libras), tendo como público alvo o sujeito surdo. Trata-se de uma pesquisa documental, cuja principal fonte constitui-se de material audiovisual. Ancorados nos Estudos da Tradução (ARROJO 1992, SOBRAL, 2008, 2003, TRAVAGLIA, 2003), articulados aos estudos sobre textos sensíveis (GOHN, 2001; FURLAN, 2004; LOPES, 2015; NEVES & LOPES, 2016) entre outros, pretende-se descrever e analisar em as estratégias utilizadas na tradução de textos bíblicos. Para tal, utilizaremos como objeto de análise a oração do "Pai nosso" traduzida para Libras por um tradutor da denominação cristã Testemunhas de Jeová, disponível na internet. Os resultados iniciais das análises dão mostras de que o sinalizador na recriação do texto em Libras, lança mão de recursos não-manuais (expressão facial e corporal), além de classificadores de modo a oferecer ao leitor um texto de fácil compreensão, adaptado aos aspectos culturais da língua alvo. Nesse sentido, conclui-se que a prática tradutória utilizada na Oração do "Pai Nosso", busca salvaguardar a mensagem do original, contudo, dá ênfase na língua de chegada, de modo que o texto traduzido possa ser inteligível a todos.

ESTELA CORREA SILVA (FEBF / UERJ), LUCIANO MARQUES DA SILVA (UFRRJ), MAIZA DA SILVA FRANCISCO (UFRRJ), MÔNICA DA SILVA FRANCISCO (UFRRJ) / estelauerj@yahoo.com.br, lucianomarks@gmail.com, maizafrancisco@hotmail.com, amonicafrancisco@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

INTELECTUAIS NEGRAS E A CONTRIBUIÇÃO PARA AS MOVIMENTAÇÕES E DECOLONIALIDADES EDUCATIVAS

O objetivo deste trabalho é discutir a ampliação do impacto do pensamento das mulheres intelectuais negras acadêmicas e literatas no âmbito da educação. Na contemporaneidade, questões como gênero, geração, diversidades sexuais e étnicas são demandas da escola e temas amplamente referenciados, por exemplo, por Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Jurema Werneck, Carolina Maria de Jesus, Miriam Alves, Conceição Evaristo e Elza Soares. A dialogicidade entre o empoderamento da mulher negra e a necessidade de diálogo em torno dessas demandas contemporâneas na escola nos leva a indagar sobre quais têm sido as estratégias decoloniais. Entendendo a decolonialidade como aponto Oliveira (2010) ao problematizá-la a partir de uma perspectiva teórica que faz referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista na construção de um projeto teórico voltado para o repensamento crítico e transdisciplinar, caracterizado também como força política para se contrapor às tendências acadêmicas dominantes de perspectiva eurocêntrica de construção do conhecimento histórico e social: outros sujeitos produzem "outros" conhecimentos. Dessa forma, potencializamos os conhecimentos das mulheres negras construídos como aparatos teóricos igualmente potencializadores de nossas metodologias de investigação e de práticas educativas.

ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA (UFES) / esteroli@terra.com.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO TEATRO CAPIXABA PARA O MUNDO INFANTO/JUVENIL EM OBRAS DE SHIRLEY SALIBA E VERA VIANA

A escassez de publicação e divulgação de obras dramáticas para o mundo infantojuvenil no Espírito Santo nos leva a analisar a produção de duas capixabas Shirley Saliba e Vera Viana, objetivando destacar a temática, os objetivos e a teatralidade de sua produção. Para esse estudo nos centramos nas obras "Cantos e encantos do palco – Textos para

representar" (2013), de Saliba, e "Cena aberta" vol III (2009), de Viana. Levando em conta os apontamentos de Oliveira ("Para una lectura del teatro actual", 2009 e "Ensaios sobre dramaturgia do clássico ao contemporâneo", 2016), identificamos as peças das autoras dentro do panorama de autoria feminina no Brasil, e, apoiando-nos no estudo semiótico de Ubersfeld ("Semiótica teatral", 1998), buscamos adentrar-nos nos aspectos significativos na encenação teatral.

ESTHER MARINHO SANTANA (Unicamp) / teti.ms@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

A OFÉLIA INCENDIÁRIA: REFLEXÕES SOBRE *À FLOR DA PELE* (1969), DE CONSUELO DE CASTRO

Estreada em 1969, em São Paulo, *À flor da pele*, de Consuelo de Castro, retrata a relação de Verônica, uma jovem atriz de tendências intempestivas e anárquicas, com o professor de dramaturgia Marcelo, inclinado ao racionalismo e ao marxismo. Às diversas discussões acerca do envolvimento amoroso, somam-se debates de teor político e, ainda, discordâncias artísticas relativas à peça na qual trabalham juntos: *Hamlet*, de William Shakespeare, na qual Verônica interpreta Ofélia. Interessa-me analisar as diversas facetas da ficcionalidade apresentadas tanto nos intertextos quanto nos autotextos (DALLENBÄCH, 1989) do título de Castro. No desenrolar da ditadura militar no Brasil dos anos 1960, cenário de um teatro nacional notadamente aliado às esquerdas, o discurso de confiança nos esquematismos marxistas de Marcelo é exposto por Verônica como uma frágil narrativa, tão ficcional quanto sua falaciosa vida privada e seus roteiros para novelas televisivas. Transformando-se em desarticuladora e (re)criadora de significações, a intérprete produz, enfim, uma nova Ofélia, que, diferentemente da personagem original, "FINGE que ficou louca" (1989, p. 163). Por meio de recursos metateatrais (HORNBY, 1986), as linhas shakespearianas são empregadas na proposição de uma Ofélia que não é silenciada e tragada pelas águas, mas que conduz a ação dramática de maneira consciente para que não apenas Marcelo, como também espectadores/leitores tomem parte na "tarefa de um incêndio" (1989, p. 183). O que se destrói e constrói na intertextualidade com a tradição dramatúrgica representada por Shakespeare e nos diálogos com a esfera teatral brasileira do período? Como opera o teatro de Castro, que evidencia a sua própria condição fictícia? Ainda, o que subjaz a violência trazida por uma mulher, em uma peça de autoria feminina, contemporânea ao AI-5?

ÊUDMA POLIANA MEDEIROS ELISBON (UFES), ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS (UFES), SANDRINA WANDEL REI DE MORAES (UFES) / eudmapoliana@bol.com.br, lizetefs@hotmail.com, sandrinawm@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 6. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO DE FADAS A REVOLTA DAS PRINCESAS, DE LISBETH RENARDY E CÉLINE LAMOUR-CROCHET

Os contos de fadas sempre conquistaram o público infantil e adulto pelos seus encantamentos, finais felizes e pela magia das histórias dos reinos encantados. Mas quando as princesas se revoltam e dão seu grito de liberdade em busca de emancipação, o texto nos propõe uma série de questionamentos e torna ainda mais interessantes as reflexões acerca da mulher na sociedade contemporânea. Este trabalho integra parte dos estudos do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo e, portanto, objetiva analisar brevemente o livro *A revolta das princesas* das autoras Lisberth Renardy e Céline Lamour-Crochet, publicado no ano de 2013. Investigaremos, a partir de uma abordagem qualitativa, com procedimento bibliográfico-documental, a representação feminina na referida obra, destacando os papéis da mulher marcados historicamente pela submissão nas narrativas tradicionais a partir da crítica feminina e a perspectiva de gêneros na Literatura. Como aporte teórico, apresentaremos os estudos de Regina Zilberman e Marisa Lajolo; Soares e Carvalho (2015), para que seja possível, então, desvelar a sedimentação de visões secundarizantes que contribuem para cristalizar, ainda mais, as marcas históricas pautadas na submissão da mulher.

EUDMA POLIANA MEDEIROS ELISBON (UFES/Capes) / eudmapoliana@bol.com.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

A MULHER E A MATERNIDADE NA LITERATURA: EM CENA O LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO

No momento em que o conceito de maternidade vem assumindo novas configurações confrontadas à representação de mãe tradicional, o presente trabalho visa cotejar, a partir das concepções de Roger Chartier sobre representações, práticas e apropriações, como estão manifestados os arquétipos ligados à maternidade nos textos literários escritos por mulheres presentes em duas coleções didáticas de língua portuguesa para o Ensino Médio adotadas em escolas públicas brasileiras – a coleção *Português*: linguagens (CEREJA; MAGALHÃES, 2013) e a coleção *Português*: linguagens em conexão (SETTE; TRAVALHA; BARROS, 2013). Entendemos que o livro didático é um importante divulgador e legitimador de representações identitárias, além de um instrumento ideológico de poder e controle social. Nesse sentido, pretendemos investigar a abordagem e a atuação desse objeto cultural ao sancionar ou subverter os estereótipos produzidos histórico e socialmente acerca da maternidade – uma realidade multiforme, fonte de identidade, pilar da sociedade (PERROT, 2016), e, cuja imagem, também é idealizada ou demonizada pela literatura. Predominantemente pela voz masculina, a "rainha do lar", a figura sacralizada, imaculada, a educadora, a repressora são igualmente produto de um discurso literário que, na mesma proporção em que omite as contradições da experiência da (não)maternidade – amor e ódio, dor e prazer, doação e rejeição, desejo e recusa – também refuta

certas categorizações que refreiam a produção de novas subjetividades para as mães contemporâneas, importando para nós, dessa forma, visibilizar a abordagem realizada por mulheres e analisar se a perspectiva feminina reforça/reflete, ou não, as tensões e descompassos que permeiam as representações maternas numa sociedade patriarcal, que se fazem presentes também nos livros didáticos contemporâneos – objeto dessa investigação.

FABIANE VERTEMATI DO AMARAL SECCHES (USP) / fabianesecches@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

CLARICE LISPECTOR E ELENA FERRANTE: UM ENCONTRO PARA ALÉM DAS MARGENS

Este trabalho busca articular dois romances escritos, narrados e protagonizados por mulheres, ambos em primeira pessoa: o brasileiro A Paixão Segundo G.H. (1964), de Clarice Lispector, e o italiano Dias de Abandono (2002), de Elena Ferrante. A aproximação se dará a partir de um tema comum a ambos: a dicotomia ausência/presença, especificamente através do viés da "desintegração", como escreveu Lispector, e "smarginature", traduzido como "desmarginação", como escreveu Ferrante. Em italiano, basta acrescentar o "s" (prefixo de negação) à palavra marginature e temos uma representação de sentido oposto: o que antes estava confinado, passa a transbordar. Ferrante nos lembra, como Lispector, que é assim frágil a condição humana, ou a ideia do humano na cultura ocidental: uma única letra seria suficiente para subvertê-la. Em entrevista concedida ao jornal italiano La Domenica, Ferrante lembrou que a desintegração é um tema que atravessa a literatura desde Le Metamorfosi, de Ovidio, passando por Kafka e Lispector, de quem mencionou A Paixão Segundo G.H., que considera extraordinário. Pensaremos a experiência de desintegração a partir de alguns conceitos e elementos de teoria literária, ciências sociais e psicanálise, destacando aproximações e diferenças entre as abordagens de Lispector e Ferrante. Poderíamos pensar ainda na perda dos contornos de um indivíduo como possibilidade de construção de nova forma. Ou, de maneira mais radical, na desformatação do sujeito como experiência de transcendência do eu.

FABIANI RODRIGUES TAYLOR COSTA (SEDU) / fabianirtaylor@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

ARA: O ANJO DE HAMBURGO QUE DEU VOZ ÀS LETRAS DO SERTÃO

O presente trabalho está ligado à linha de pesquisa "Literatura, alteridade e sociedade" do Programa de Pós-graduação em Letras da UFES. Trata-se de um estudo a respeito de Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa, mulher do escritor João Guimarães Rosa que, heroicamente ajudou vários judeus durante a Segunda Guerra Mundial, bem como observado através de cartas trocadas entre o casal, que Aracy não foi somente fonte de inspiração para as obras *Grande Sertão: Veredas* e *Sagarana*, mas também uma voz atuante intelectualmente. Pretende-se ressaltar a atuação de Aracy frente ao trabalho clandestino no consulado brasileiro de Hamburgo, onde falsificou vários documentos para que os judeus pudessem ter o visto e assim migrar para o Brasil. Além desse fato, que colocou o nome de Aracy no museu do Holocausto, mas hoje um tanto esquecido na história brasileira, há que se levar em consideração que, nas cartas pessoais e informais trocadas com o escritor Guimarães Rosa, é possível perceber o quanto ela teve uma dimensão importante e pensante para sua época, levando o autor a atribuir-lhe todo o merecimento da obra *Grande Sertão: Veredas*. Para argumentar esses fatos destacados sobre a vida de Aracy, há que se basear nos pensamentos encontrados em Elza Miné, Neuma Cavalcanti, Ivana Ferrante Rebello e Mônica Raisa Schpun, pois as autoras em questão abordaram tais fatos explicitados neste trabalho.

FERNANDA ABREU GUALHANO (UEMG), LUÍS RICARDO SOARES WENCESLAU (UEMG), LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/ FACIG) / fernandagualhano@hotmail.com, luisricardosoareswen@gmail.com, lidianazare@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

MULHERES EMPODERADAS: A NÃO SEGMENTAÇÃO DO PATRIARCALISMO

O presente trabalho abarca uma questão de suma importância: o silenciamento das mulheres frente a sociedade; essas, portanto, alicerçadas por princípios patriarcais, os quais são totalmente ultrapassados. O calar dessas virou corriqueiro em uma era, nomeada por Lipovetsky (2011), hipermoderna; em que, a correria do cotidiano propicia assuntos de extrema pertinência sem a atenção devida, tornando-o adiável. Não é raro vermos em noticiários ou até mesmo no dia a dia, mulheres eventualmente sendo agredidas (fisicamente e oralmente) por homens; sendo estereotipadas por suas escolhas de vestimentas; sendo colocadas como as que não têm força, as que não são racionais, que servem apenas para ser dona de casa. Contudo, há mulheres que reagem de maneira indireta e/ou direta sob essa situação, um exemplo disso é a criação do projeto, desenvolvido por Artes Brasil – Projetos socioculturais, intitulado como "Mulheres por Mulheres", nesse estão presentes a promoção de oficinas, teatros, danças, mostras de cinemas e debates sobre o papel social da mulher, o empoderamento nos diversos âmbitos - estudantil, familiar, trabalho -, sem contar, que o filme "Precisamos falar sobre do assédio", dirigido pela Paula Saccheta, abre a programação do evento, o que torna perceptível, que mesmo ocorrendo no teatro de Goiânia, há grande repercussão pelo Brasil. Com o exposto, fica evidente, que o objetivo principal dessa pesquisa é compreender a luta da mulher, nesse caso, pela produção artística, sendo, portanto, empoderada e não silenciada. Para o desenvolvimento desse trabalho, utilizou-se da abordagem qualitativa, a partir da averiguação de notícias que retratam essa questão; selecionamos e enfocamos no projeto e filme supracitados, seguindo, pois, a linha Literatura e

artes feitas por mulheres no Brasil, o qual é indubitável que essas produções demarcam força, coragem, criatividade e determinação.

FERNANDA CAVALCANTI DE MELLO (UFRJ / UNIRIO / CEDERJ) / diart.fernanda@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

SORRISOS E SEGREDOS - INSTALAÇÃO PERFORMÁTICA

Apresenta-se na instalação performáticas uma trilogia biográfica sobre maneiras de viver no mundo de mulheres de diferentes faixa-etárias, a partir de ações educativas com arte/educação que forma desenvolvidas em 2015, 2016 e 2017. Em 2015, foram realizadas biografias coletivas sobre o fazer artístico de 20 professoras, de diferentes disciplinas, do Estado do Rio de Janeiro, na faixa etária de 25 a 54 anos, em que as mesmas relatam suas maneiras e motivações para se dedicarem à Arte. A Mesma foi desenvolvida para o prêmio estabelecido pela instituição em comemoração ao dia internacional da mulher. A *performance* consistia em autorretratos e a revelação do segredo- Mulher qual a sua Arte. OS segredos foram traduzidos em muitas línguas por meio de aplicativos e tem sua versão em ambiente virtual. A segunda performance da trilogia é uma biografia, também coletiva, narrada por mulheres nas faixas etárias entre de 50 a 90 anos, que também revelam os segredos sobre de onde vieram e sobre o que ainda querem viver, nesse mundo e constam com porta-retratos, fotografias e uma história Coletiva-resumindo as vidas das 23 senhoras participantes das aulas de artes em um projeto voluntário de Arte-Educação e também estão virtualizadas no Museu da Pessoa. A terceira performance conversa com meninas, adolescentes e jovens, que revelam os seus sonhos traduzidos em *selfielitografias* que misturam fotografia, palavras e tecidos estampados de si ou de pequenos cenários desejados. Sorrisos e Segredos mostra diversidade de histórias de vida, o potencial criativo do fazer coletivo, das possibilidades dialógicas intergeracionais. Aflora também as potencialidades da arte na perspectiva da obra efêmera, aberta e híbrida (presencial e virtual) para a experiência humana na voz da mulher.

FERNANDA MACHADO / fernanda.machado.ufsc@gmail.com / Dia 21-11, 9h-11h30. Conferência. Audit. IC-2.

ANTOLOGIA DA POÉTICA DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: TRADUÇÃO COMENTADA

O resumo desta tese de doutoramento apresenta uma antologia de poesias em língua brasileira de sinais onde, através de uma investigação e coleta minuciosa, trazemos para o vasto campo de diferentes antologias (antologias gerais, antologias em línguas de sinais, a antologia de belas produções poéticas com estilos) aspectos inerentes aos autores surdos com proficiência na língua sinais. Neste estudo, buscamos analisar nos poemas selecionados suas características, estilística, perfis, sentidos, conteúdos, influências, temas, padrões, contexto das publicações e elementos poéticos: ritmo, rima, repetição, verso, simetria, princípios em geral, neologismo, substituição de léxico, uso da linguagem diferenciada. Apresentamos a antologia como caminho e instrumento para o registro em vídeo das produções poéticas na língua brasileira de sinais de forma análoga aos registros das produções poéticas na língua escrita. São apresentadas reflexões a respeito do registro em vídeo das produções em língua de sinais gravadas pelos autores surdos. A metodologia de coleta para análise das obras foi realizada em diferentes espaços e ambientes: materiais disponíveis em DVD, plataforma *Youtube*, ambiente virtual de ensino Letras-Libras, rede social *Facebook* e no evento *Festival Folclore Sinalizado*. A seleção e interpretação dos poemas possibilitou a verificação da cultura surda vivenciada politicamente e socialmente pelo povo surdo por meio de produções poéticas, viabilizando essa antologia como instrumento de fomento na educação dos surdos brasileiros.

FERNANDA MAFFEI MOREIRA (PUC Minas) / fermaffei@yahoo.es / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 4. Sala 4, IC-3

FRIDA KAHLO E O SURREALISMO: UMA ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS SURREALISTAS EM SUA OBRA

Esta pesquisa tem como objetivo geral demonstrar as possíveis relações entre a obra da pintora mexicana Frida Kahlo com o movimento surrealista; pois não podemos deixar de correlacionar sua personalidade, tempo histórico, identidade, processo criativo com tal vanguarda europeia. Além do que, Kahlo tornou-se uma figura icônica da cultura de massas, dado ao fascínio exercido por ela no imaginário social, chega a ditar moda, estilo e chegou a influenciar outros artistas. Analisando sua trajetória e processo criativo, podemos considerar a hipótese de que Frida Kahlo sofreu forte influência do Surrealismo, assim também como de outras vanguardas europeias, como o Cubismo, porém em menor escala. Como processo metodológico, baseamo-nos em leituras e análises de obras teóricas e bibliográficas sobre o processo de criação da pintora mexicana. Encontramos como leituras teóricas de base para esta pesquisa: Noehles (2013), Schenberg (1970), Adorno (2003) e Gombrich (2012) fundamentos para uma nova releitura da obra de Kahlo, contudo, enquadrá-la a um movimento vanguardista, seria limitar sua obra e deixar de respeitar sua diversidade e identidade que criou, além do estilo próprio de sua pintura.

FERNANDA ROBERTA RODRIGUES QUEIROZ (UFJF) / feferqueiroz@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

OS ANOS 40, DE RACHEL JARDIM: UMA ABORDAGEM MEMORIALÍSTICA

Rachel Jardim, nascida na cidade de Juiz de Fora, retrata, por meio desta obra, um pouco da história do que viveram nessa cidade. A autora estreou na Literatura com o livro *Os anos 40,* lançado no ano de 1973, obra de caráter memorialístico que se tornou uma marca em suas abras, resultante de uma inspiração proustiana em diálogo com

autores como Pedro Nava e Lucio Cardoso que eram grande inspiradores de Rachel. Esse livro é organizado em 70 capítulos que giram em torno de pessoas, lugares e acontecimentos na cidade natal da autora. Há uma cronologia perceptível que se desenvolve ao longo da década de 1940, desde a infância, pré-adolescência até a entrada na idade adulta da mesma, o início e o fim dos anos 40. O último capítulo traz uma entrevista ficcionalizada conduzida por Laura, a melhor amiga da autora e personagem do livro. O presente estudo investiga o uso da repetição como ferramenta da memória, segundo Maurice Halbwachs (*Memória coletiva*, 2003), e que é responsável pela tessitura do texto ao destacar o eterno retorno dos mesmos personagens, lugares, imagens, acontecimentos, referências fílmicas e literárias. Rachel Jardim encerra a sua trajetória literária com o livro *O penhor chinês* escrito em 1985 onde a autora relata a morte de sua mãe, optando por uma vida de reclusão.

FERNANDA SANTOS (Unifap) / fercris77@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE: PROCESSOS DE AUTONOMIA DA MULHER NUMA SOCIEDADE PATRIARCAL

Em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), da autora moçambicana Paulina Chiziane, a história conta-se através de uma mulher, a personagem principal, Rami. Esta dialoga com o espelho, um objeto revelador da sua trágica dependência, fruto da sociedade patriarcal em que a narradora-personagem vive. Partindo do pressuposto de Homi Bhabha (1975, p. 174), que considera a narrativa como reflexão política e cultural, atuando como agente de mudança e não só como registo histórico e ficcional, a obra de Chiziane nos coloca diversas questões importantes sobre a tradição e o lugar da mulher na sociedade. Na narrativa em estudo, o espelho é um impulsionador da descoberta das múltiplas identidades femininas da personagem e é também revelador de uma *anima* ferida. Esta pesquisa procura mostrar como a personagem feminina Rami conquista sua autonomia, afetiva, financeira, familiar, numa sociedade patriarcal. Na história, a poligamia atua como mote central da narrativa, como o próprio título indica, e a personagem principal assume paulatinamente uma atitude crítica de contestação à submissão feminina, usando as tradições moçambicanas a seu favor. Depois de tentar abrir várias portas, a da poligamia, a do patriarcalismo, a do *kutchinga* (levirato), a da incisão feminina, a dos ritos de iniciação, Rami descobre que nenhuma dessas passagens iniciáticas pelos grandes portais das tradições africanas devolveriam a estabilidade familiar que tanto almejava. Pretende-se ainda observar como o texto do romance de Paulina Chiziane operacionaliza diversas estratégias intertextuais, como a releitura paródica do texto bíblico. Rami, a narradora de *Niketche*, recorre, em muitos capítulos, às histórias bíblicas, servindo estas de marcações no romance, nas quais são questionados os costumes europeizados e patriarcais, instituídos em detrimento do bem-estar e da socialização da mulher. Nesse sentido, parece interessante observarmos um dos principais propósitos do texto de Paulina Chiziane: a convocação para a batalha contra a submissão patriarcal.

FERNANDO CRESPIM ZORRER DA SILVA (USP/UFES) / fernando.zorrer@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

CENAS DE ABRIL, DE ANA CRISTINA CESAR, E O DIÁLOGO COM O MUNDO HELÊNICO

No livro de poesias *Cenas de abril*, de 1979, da escritora Ana Cristina César, se observam muitas reflexões sobre a poesia, sobre o corpo feminino e sobre o amor. Merece destaque as referências à Literatura Grega. A ousadia é verificada por apresentar um esboço da teoria de poesia grega em um poema intitulado 'primeira lição'. Qual será o objetivo? Será que unicamente a poetisa deseja elogiar a organização da poesia grega ou apresentar um verdadeiro contraposto que é a sua própria poesia? Será um guia sob a forma de uma poesia? Essa poesia citada, inclusive, é a segunda desse livro no que enfatiza a sua importância. Como se devem ler as próximas poesias? Além disso, há um outro poema, 'nada, esta espuma', que dialoga com um mito grego. No canto IX, da *Odisseia*, de Homero, Odisseu é o único homem, preso ao mastro de um barco, que pode ouvir o canto das sereias e, dessa forma, consegue desfrutar do lindo canto mas sem soçobrar. Tal ato revela a esperteza do herói. No entanto, a poetisa transcende a proposta pois quer apalpar os seios das sereias, revelando a quebra do interdito da postura racional de Odisseu. Não só o contato físico é necessário bem como a própria audição da música das sereias, sem impedimentos. Assim, a ideia é examinar tais ocorrências, aqui mencionadas, e outras desse livro e apontar qual seria a postura da poetisa se realmente quer transgredir e ao mesmo homenagear as obras literárias grega ou ainda reconstruir a literatura sob um novo olhar e, mais do que nunca, sob o olhar feminino.

FLÁVIA PAIS DE AGUIAR (UFF) / flaviapais@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 4. Sala 4, IC-3

OS RIOS E AFLUENTES NA ESCRITA FEMININA: UMA ESTÉTICA DA INSTABILIDADE

Pensando o eixo temático *Literatura e artes feitas por mulheres no mundo,* este trabalho objetiva discutir processos de representação da metapoesia a partir da recepção crítica dos poemas de Ana Hatherly (2003), em Um rio de luzes, de Elizabeth Bishop (ed.2001), com O Iceberg Imaginário, e de Orides Fontela (1969), em Bodas de Caná. O fluido elemento água, que atravessa o tema das três poesias, é a base que representa uma estética da instabilidade poética, ou o que pode ser entendido como desconstrução de processos ligados a configurações de estilo. Segundo Octavio Paz (1982), é possível, através da historiografia, por exemplo, que se obtenha a tonalidade de um período artístico, que se esbocem as fronteiras de uma obra, que se esclareça o sentido geral de uma tendência e até que se desenhe o porquê e o como de um poema, contudo não é possível dizer o que é um poema. Seguindo esta observação, é possível refletir sobre como sujeitos poéticos femininos provocam este movimento da instabilidade e da fluidez,

tendo em vista que tão fluida e inconstante como as correntezas da água é a criação literária. Esta concepção perpassa, não obstante, uma discussão que reflete acerca do lugar conferido à mulher frente à composição do quadro social. A análise dos poemas dessas mulheres, configuradas a partir de espaços geográficos completamente distintos – Portugal, EUA, Brasil – sugere como os meios sociais, tão regulados, estabelecem padrões que, embora pareçam cristalizados, tornam-se fluidos e, portanto, instáveis quando confrontados com a alteridade feminina.

GABRIEL CAIO CORREA BORGES (UFRJ / CNPq) / gabrielcaioborges@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

SANTUZA CAMBRAIA NAVES E A CANÇÃO CRÍTICA

A proposta de comunicação aqui apresentada tratará de argumentar sobre o conceito de *Canção Crítica* desenvolvido pela antropóloga Santuza Cambraia Naves no que concerne a estabelecer um marco temporal e analítico sobre a canção popular brasileira, especialmente acerca das definições e limites desse popular como signo que a caracterizaria. Esse conceito seria definido por estabelecer um ponto na formação da canção popular onde os cancionistas passariam a definir o processo criador como uma reflexão acerca da natureza da própria composição e dos elementos que influenciam na sua concepção. No que concerne a Bossa Nova como o momento primordial da canção crítica, seu desenvolvimento acompanhará o debate posterior acerca das tendências culturais e intelectuais que se desencadeariam no fim dos anos 50 e ao longo dos anos 60. Dessas tendências as que viriam a definir a canção crítica seriam certo populismo estético – que viria a definir a sigla MPB – e um cosmopolitismo cultural que seria representado pelo Tropicalismo; algo que, para Santuza Cambraia Naves, atualiza o debate do modernismo, entre Mario de Andrade, considerado como defensor de uma integralidade nacional na cultura popular, e Oswald de Andrade, alinhado da integração do nacional com o cosmopolita, com certo atomismo cultural. A partir desse cenário e das consequências que ele teve para a canção posterior, será proposto um debate acerca da validade da canção crítica como definidor não apenas de um corte, mas também como elemento identificador de certas características que iriam se destacar na canção brasileira desde então.

GABRIELA BRAHIM CORREA BORGES (UFES) / gabrielabrahim@globo.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

MULHERES LEEM *SÃO BERNARDO*: ANÁLISE DE LEITURAS FEMININAS DO ROMANCE DE GRACILIANO RAMOS

Propomos uma leitura da fortuna crítica de São Bernardo (1934), de Graciliano Ramos, levando em consideração, especificamente, as análises escritas por mulheres. Nossa intenção é comentar a bibliografia feminina a respeito da obra e ressaltar, com isso, a importância desses estudos na compreensão de uma das questões centrais do romance: o patriarcalismo representado pelo narrador Paulo Honório. Partimos de uma proposta em que, para abordar uma problemática que toca em especial às mulheres, daremos neste estudo o lugar de fala a elas: como a crítica feminina pensa, lê e interpreta o pertinente, atual e incontornável debate de gênero trazido pelo romance graciliânico? Buscaremos ler o que mulheres já escreveram acerca dessa obra, particularmente sobre essa questão (em que incluímos os embates conjugais entre o proprietário rural e sua esposa Madalena, o ciúme, a incompreensão da alteridade).Para tanto, traremos aqui nossa leitura das contribuições de Lucia Helena Vianna, Ariana da Mota Cavalcanti, Janaína Ângela da Silva e Elizangela de Oliveira, dentre outras ensaístas. O aporte teórico sobre as questões de gênero também terá voz feminina: falamos das leituras sobre um patriarcalismo histórico segundo Mary Del Priore. Nosso objetivo é, com isso, destacar a relevância desse aspecto de *São Bernardo*, dando às figuras femininas, aqui, a voz e a vez que o protagonista do romance nega à esposa.

GABRIELA FERNANDES (UFBA), KATIANE MARTINS (UNEB) / fcarvalho.gabriela@gmail.com, katiane.martins@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 5. Sala 5, IC-3

UM JOGO BASTANTE PERIGOSO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM ADÍLIA LOPES E PAULA RÊGO

Pretende-se nesse trabalho realizar uma leitura das representações do feminino em duas artistas contemporâneas portuguesas, a saber: Adília Lopes e Paula Rêgo. São cada vez mais crescentes as discussões acerca do papel social da mulher. Dessa forma, faz-se necessário também analisar as representações do feminino nas artes, a partir da leitura de "poetisas fêmeas", dando voz e visibilidade para as mulheres. A escolha por uma poeta e uma artista plástica se dá por percebermos proximidade entre ambas, especialmente no que concerne à quebra de paradigmas e estereótipos na representação do feminino, por tematizar situações polêmicas referentes a questões de gênero, além da multiplicidade do olhar. Analisaremos as obras das duas artistas sob uma perspectiva das interartes, aproximando poesia de artes plásticas sem hierarquizá-las.

GABRIELA ROCHA RODRIGUES (UFRGS) / gabrielarochaliteratura@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

AS FACES DA MELANCOLIA EM *O QUARTO FECHADO*, DE LYA LUFT

Este artigo analisa duas personagens do romance *O Quarto Fechado*, de Lya Luft, sob o enfoque psicanalítico, desviando-se da fortuna crítica consagrada sobre a autora, geralmente voltada para o estudo da contestação dos valores patriarcais. O universo ficcional de Lya Luft fundamenta-se em torno da mulher que vivencia uma situação

crítica no seio familiar e passa por um processo de desmascaramento e autodefinição, perpassado por lembranças, mágoas e solidão. A metodologia adotada no presente trabalho está centrada, num primeiro momento, na exposição dos estados psicológicos de luto e melancolia, suas origens, características e diferenças, segundo a perspectiva de Sigmund Freud e Júlia Kristeva. Na sequência apresentamos o exame das marcas típicas da afecção melancólica nas personagens Ella e Clara, a partir do referencial teórico citado.

GIOVANNA CARROZZINO WERNECK (IFES), PRISCILA DE SOUZA CHISTÉ LEITE (IFES) / gcarrow@gmail.com, pchiste@ifes.edu.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

AS ILUSTRAÇÕES FEMINISTAS DE CAROL ROSSETTI: VISIBILIDADE, EMPODERAMENTO E RELAÇÕES DIALÓGICAS

O presente artigo objetiva colocar debater e dar visibilidade às ilustrações de temática feminista no cenário nacional a partir da perspectiva da ilustradora mineira Carol Rossetti. Serão analisadas as ilustrações de seu livro "Mulheres – Retratos de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade", lançado em 2014, que buscam quebrar estereótipos relativos ao ser mulher em uma sociedade patriarcal. As ilustrações retratam mulheres em suas possibilidades de ser e estar no mundo para além das imposições rótulos que despotencializam o feminino e dificultam o empoderamento e emancipação das mulheres. Sendo assim, seus desenhos dialogam com a articulação das categorias relações sociais de sexo e raça, ressaltando também as violências que controlam o corpo, os desejos e a sexualidade das mulheres e, ao mesmo tempo, perpetuam um modo de produção de subjetividades colonizadas pelo capitalismo. Nesse sentido, as ilustrações do livro constituem-se em espaços de relações dialógicas, cujos pontos de vista criam um *continuum* de respostas simultâneas e não coincidentes a partir da exotopia das projeções que ora incidem como reflexo e ora como refração, sendo, portanto, inacabadas e múltiplas, tal como as mulheres retratadas. Vislumbram-se, a partir dessa pesquisa, possibilidades para o debate sobre o feminismo nas ilustrações, trazendo elementos que façam emergir inquietações e possibilidades de transformação da mulher como sujeito político em um momento histórico que insiste em silenciar o devir feminista, invisibilizar nossos desejos e vozes e retirar direitos conquistados pelos movimentos sociais articulados por mulheres. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e o referencial teórico pauta-se em Cisne, Saffioti e Bakhtin.

GISELLE LEITE TAVARES VEIGA (UFF) / giselle.veiga@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

DO SILÊNCIO IMPOSTO À VOZ POTENTE: UMA LEITURA DE *A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO*, DE MARTHA BATALHA

Ao escrever, em 1928, *Um teto todo seu*, Virginia Woolf imaginou que as mulheres dentro de cem anos não seriam mais o sexo protegido e executariam todas as tarefas que um dia lhes foram negadas (WOOLF, 2017, p. 60). Porém, diferente desse panorama, as dificuldades enfrentadas por nós atualmente – em nossos lares ou ambientes de trabalho – ainda existem e tal cenário precisa ser mudado. O "Anjo do lar", citado por Virginia Woolf – referência importante neste trabalho – no texto de abertura do seu *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (2016), ainda hoje se apresenta como uma "entidade" a ser vencida na realidade das mulheres que lutam para viver longe dos papeis sociais duramente impostos a elas. Segundo Woolf, matar esse fantasma para poder tornar-se escritora, como desejava, foi tarefa árdua. Será à luz dessa criação cerceadora que também a personagem Eurídice Gusmão, no livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), da escritora brasileira Martha Batalha, irá (sobre)viver a maior parte de sua existência. Maior parte, porém não toda, pois, ao final do enredo a personagem dá uma guinada – que vai sendo construída, tijolo por tijolo – e surpreende sua família e nós, leitores, vivendo de forma mais plena, segundo os seus desejos, de forma imaginativa e criativa. Partindo das reflexões da escritora inglesa presentes nas duas obras citadas, enfocaremos essa guinada que culmina na (re)apropriação da voz dessa instigante personagem. Consequentemente, faremos um contraponto com a situação das mulheres no campo extra diegético.

GRACE ALVES DA PAIXÃO (UFES) / paixao.grace@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 6. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

REFLEXÕES SOBRE AUTORIA FEMININA E FORMAÇÃO DO CÂNONE NA LITERATURA FRANCESA

A literatura francesa está repleta de autores canônicos conhecidos no mundo todo - inclusive em nosso país - e não é difícil constatar que as obras de maior repercussão foram escritas por homens. As autoras da França são imensamente menos divulgadas, lidas, estudadas, apreciadas e parecem estar sempre à margem do campo literário. Levando em consideração esta realidade, o objetivo desta apresentação é o de refletir sobre a formação do cânone em literatura francesa, procurando compreender em que medida a misoginia característica de nossa sociedade faz com que as mulheres sejam alijadas do universo da escrita e, ao mesmo tempo, que os escritos das mulheres sejam historicamente rejeitados. Para tanto, a metodologia de abordagem será dialética, sendo empregados os seguintes procedimentos de investigação: métodos observacional e comparativo. Espera-se, com isso, contribuir para dar visibilidade às escritoras francesas e ensejar uma discussão a respeito da ínfima visibilidade das mulheres nos programas de ensino de literatura.

IRENE DE PAULA (UFF) / irepaula@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 6. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

SUBVERSÕES IMAGINÁRIAS EM "EU, TITUBA, FEITICEIRA NEGRA DE SALEM" DE MARYSE CONDÉ

A presente comunicação tem como objetivo fazer uma análise do romance *Eu, Tituba, Feiticeira Negra de Salem,* da autora francófona Maryse Condé, que coloca em cena uma personagem histórica que foi julgada por bruxaria em Salem, no ano de 1692, sobre a qual pouco se sabe, além dos parcos registros de seu julgamento por feitiçaria. Condé re-cria sua trajetória através de um entrelaçar de vozes que nos leva a crer em uma sobreposição de perspectivas, da autora (Condé) e da narradora em primeira pessoa (a "feiticeira" e escrava Tituba), da história e da ficção, da biografia e da autobiografia. Trata-se de pensar como a força sobrenatural/a magia, sobretudo através figura da *mulher*-feiticeira, transgressora e questionadora dos mecanismos de poder (presente no realismo mágico) e a dramatização do "eu" pela escrita (presente nesta "autoficção póstuma") contribuiriam para perturbar e desestabilizar enquanto centralidade a identidade social e historicamente imposta da narradora, construída a partir de representações estereotipadas (mulher, escrava, negra, feiticeira, etc..), para dar voz ao sujeito-narrador a partir de novas e inusitadas elaborações subjetivas e identitárias. A presença do sobrenatural na obra de Condé potencializa a expressão do desejo de fabulação da origem e de transgressão, não somente da realidade do texto, mas das diversas formas de opressão inerentes às relações de poder, sobretudo às que dizem respeito ao gênero e à etnia.

ISABELA DE SOUZA DANTAS (IFES) / dantas.isa@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

A MORTE EM *A OBSCENA SENHORA D*

A morte é elemento estrutural na ficção da escritora paulista Hilda Hilst. Às vezes nas sombras, às vezes decomposta em plena luz do dia, ela circula entre os espaços auxiliando na construção da narrativa, no fluxo de consciência dos personagens, nas entrevozes do discurso. Costura intertextos, traveste-se de escatológica, metafísica, centelha divina, poesia e, assim, ressalta a mitologia do aspecto "intragável" que circunda o universo hilstiano. Em "A Obscena Senhora D" (1982), obra escolhida como objeto de estudo deste trabalho, a morte se apresenta sob todas essas facetas ao longo da história que acompanha a personagem Hillé, uma mulher de sessenta anos decidida a viver no vão da escada enquanto transita entre o luto pela perda do amante e a busca por respostas para as próprias crises existenciais. Assim, o presente ensaio tem como intuito analisar, a partir de pesquisa bibliográfica, o modo como a morte molda a prosa poética a ponto de usurpar o posto da personagem principal.

ISABELA MACHADO BREDA (UFES CNPq) / isamachbreda@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER

O artigo tem caráter exploratório-descritivo e investiga as intervenções do grupo de grafitti denominado Das Minas, um coletivo formado por mulheres de Vitória, Espírito Santo - ES, cujo tema principal é a denúncia ao feminicídio ocorrido no estado. Este estudo centra-se, mais especificamente, em um painel produzido nas paredes do Teatro Universitário da Universidade Federal, localizada na capital do Estado. O mural foi realizado por uma ação no FEME – Festival de Mulheres no Graffiti no ES, na semana da mulher de 2016, contando com a participação de várias artistas e interventoras urbanas. Nele, estão contidas imagens de diferentes mulheres e de elementos ligados ao feminino e ao feminismo, associados, ainda, a textos verbais – entre eles um bomb com o nome do coletivo – e outros dizeres de conotação política e social relacionada ao lugar da figura feminina. Portanto, observaram-se técnicas de outras linguagens da comunicação e da arte de rua. Nessa ação, o Coletivo também provocou a comunidade a colaborar com o mural ao indagar em um quadro negro "o que você deixou de fazer por ser mulher?", deixando giz branco no local. Busca-se, com este artigo, analisar como essas intervenções urbanas alcançam o público, provocando seu espectador a relacionar-se com a arte, além de mostrar o desejo do Coletivo em colocar o protagonismo da mulher na sociedade e dentro do movimento graffiti. A pesquisa desenvolve-se, então, com apoio do CNPq e se integra numa ampla discussão sobre o grafitti no ES, embasando-se em conceitos de Arte Pública e na produção científica de graffiti de pesquisadoras capixabas.

ISIS CRISTINA MARINS PEREIRA (IFES) / isis.cris95@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

DOIS TERÇOS DE TIGRE E UM TERÇO DE MULHER: O DUPLO NO CONTO "TIGRELA" DE LYGIA FAGUNDES TELLES

O conto "Tigrela", escrito por Lygia Fagundes Telles e publicado originalmente em 1977 em *Seminário dos Ratos*, conta a história de Romana, uma mulher insegura, que não obteve sucesso em seus relacionamentos amorosos e que apresenta um quadro de instabilidade emocional. Ela desenvolve um relacionamento curioso com uma tigresa de nome Tigrela, passando a dividir com ela o mesmo espaço. Em uma relação confusa e marcada pelo ciúme da fêmea de tigre e a submissão de Romana, podemos entender que a tigresa é como a segunda faceta de Romana, um duplo, como se as duas fossem a mesma pessoa em corpos diferentes. O presente ensaio tem por objetivo tratar da questão do duplo no conto, com o auxílio dos estudos realizados por Sigmund Freud (1919) e pensamentos de Jorge Luis Borges (1957), de forma a entender como as personagens femininas se relacionam e o surgimento do duplo na

narrativa. O texto mostra a "humanização" da tigresa e a "animalização" de sua dona, Romana, e faz as duas personalidades se fundirem durante a narrativa.

JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFES), KLÍCIA ARAÚJO CAMPOS (UFSC) / jefferson_lsb@hotmail.com, kliciaaraujocp@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 10. Audit. IC-2

CENTRO E PERIFERIA NO SISTEMA LITERÁRIO EM LÍNGUAS DE SINAIS: A LITERATURA TRADUZIDA PARA LIBRAS

A questão da valorização de determinados textos literários é o fio condutor para este estudo, por meio da ideia do que vem a ser um clássico ou um cânone literário e as ideias de centro e periferia no sistema literário traduzido, segundo a teoria dos polissistema de Even-Zohar e os estudos descritivos da tradução, além disso, os pensamentos de uma literatura menor e de minorias. Os desenhos, as enunciações e as paisagens sobre um clássico são pautados na pesquisa, pois há uma pluralidade de visões em torno de um cânone e do seu alcance aos leitores, que, no caso deste último, possui um alto nível de subjetividade. O objetivo do trabalho é pensar sobre as seleções de gêneros literários e de temáticas traduzidas, no caso dessa investigação, Português - Libras (Língua Brasileira de Sinais), em termos de obras e textos literários traduzidos, em especial, da Literatura Brasileira e expressões literárias, por exemplo, a Literatura de cordel. Pretende-se, também, proporcionar uma discussão em torno de definições centradas nos Estudos da Tradução, somando cada vez mais o caráter interdisciplinar desse campo de saber, sobretudo, pensar o desenvolvimento do sistema literário traduzido das Línguas de Sinais, em especial, da Libras.

JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFES), NATÁLIA SCHLEDER RIGO (UFSC) / jefferson_lsb@yahoo.com.br, nataliarigo@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

ENSINO E FORMAÇÃO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS-PORTUGUÊS: TEXTOS E CONTEXTOS ARTÍSTICO-CULTURAIS E LITERÁRIOS EM FOCO

O presente trabalho trata a respeito do ensino e da formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português com foco em textos e contextos artístico-culturais e literários de atuação. Objetiva-se verificar de que forma as especificidades dos campos artístico-cultural e literário são contempladas em cursos de formação superior de tradutores e intérpretes de Libras-Português. A metodologia compreende em um levantamento documental de projetos políticos de cursos, matrizes curriculares, planos de ensino e demais documentos referentes aos cursos de formação ofertados por instituições públicas e particulares do estado do Espírito Santo e Santa Catarina. Uma análise da constituição curricular a partir das ementas, objetivos, conteúdos programáticos, metodologias, atividades, formas de avaliação e bibliografias, é realizada. Alguns questionamentos conduzem essa pesquisa, tais como: o que é e como é ensinado? Quais materiais são usados e como são produzidos? Quais as metodologias, atividades e formas de avaliações empregadas? Quais as referências bibliográficas embasam o ensino e a formação de tradutores e intérpretes para atuação em textos e contextos artístico-culturais e literários? Essas indagações, uma vez respondidas, nos permitem entender com maior clareza sobre a área e sua formação, assim como sobre o que se entende por textos e contextos da esfera artístico-cultural e literária. Resultados preliminares constatam, dentre outros aspectos, a presença inexpressiva da especificidade da área de atuação em questão prevista em alguns dos cursos analisados. Constatam ainda a necessidade de uma atenção maior aos estudos sobre currículos (Silva, 2011) e aos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais na constituição curricular dos cursos. Esses aportes teóricos aliados aos resultados preliminares possibilitam uma discussão mais responsável sobre a construção de saberes e fazeres na formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português que atuam ou atuarão na esfera artístico-cultural e literária.

JÉSSICA RIBEIRO SPADÊTO (IFES), PRISCILA CHISTÉ (IFES), DILZA CÔCO (IFES) / jehspadeto@gmail.com, priscilachiste.ufes@gmail.com, dilzacoco@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 11. Sala 1, IC-3.

IOLÊNCIA CONTRA MULHER, GRAFFITI E EDUCAÇÃO

A Violência contra mulher no Espírito Santo é um problema social grave que deve ser abordado nas escolas. Sendo a escola um dos principais espaços para a problematização de preconceitos, violência e problemáticas sociais, nosso objetivo é pensar o graffiti produzido nos muros da cidade de Vitória/ES como uma potência para mediação das discussões de gênero e as múltiplas violências sofridas pelas mulheres do Estado. A naturalização do machismo é o elemento basilar para os altos índices de feminicídio no Espírito Santo, violência doméstica e sexuais que as mulheres capixabas sofrem diariamente. O caso Araceli, ocorrido no Espírito Santo 1973, é um exemplo trágico de violência de gênero que ganhou as manchetes nacionais. A impunidade e a brutalidade do crime chocou vários grupos sociais e militantes. Umas das reivindicações mais fortes acerca da tragédia de Araceli é a mudança do nome de umas das Avenidas da Grande Vitória, que leva o sobrenome de um dos agressores, para Avenida Araceli. No entanto, o que foi realizado pelo poder público, em 2017, foi um mural que fica exposto no final da Avenida em Jardim Camburi e que embora remeta as diversas sensações estéticas não é potente o suficiente para denunciar as inúmeras brutalidades que as mulheres capixabas sofrem. Nesse sentido, o presente artigo se propõe a apresentar os graffitis produzidos por mulheres, com foco no Coletivo DasMina, e sua potência para mediar ações educativas sobre as identidades de gênero. Nosso aporte metodológico é qualitativo, por meio do dialogismo das imagens de graffitis. Nossos referenciais teóricos são autores Marxianos, além dos autores da Pedagogia Histórico Crítica e referências da Psicologia Histórico

Cultural. A busca por novas leituras e diálogos entre a escola e a cidade são necessários para criar uma nova relação entre, professores, alunos e sociedade sobre gênero e violência.

JORGE NASCIMENTO (UFES) / jorgelizn@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

O RITUAL EM "ANA DAVENGA", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Análise crítica do conto "Ana Davenga", da escritora brasileira Conceição Evaristo, publicado originalmente em 1990 nos Cadernos Negros, levando-se em conta a presença de indícios de caracteres ritualísticos e míticos na composição da trama da narrativa, através, principalmente, da relação dos protagonistas e dos movimentos corporais dos personagens no espaço onde ocorre a ação: um barraco de favela em uma comunidade pobre. Através do estudo de base transdisciplinar, partindo-se da análise literária e dialogando, por exemplo, com estudos sobre mitos dos Orixás e danças circulares afro-brasileiras, busca-se evidenciar a conjunção da mirada social, através do cotidiano de violência em uma comunidade pobre e de personagens marginalizados, com ancestralidades diaspóricas negras. Espera-se, através de tal análise literária, constatar a presença da relação entre o "humano" em sua historicidade e a atemporalidade do rito, além de evidenciar as possibilidades dialógicas entre o micro-universo do espaço-tempo do texto ficcional com a visão macroscópica, através da inserção de nuances míticas e/ou arquetípicas que se interligam ao imaginário afro-brasileiro.

JOSINEIA SOUSA DA SILVA (UFES) / josineialis@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

A VOZ DA MULHER EM *ÉRAMOS SEIS*, DE MARIA JOSÉ DUPRÉ: ENTRE LIVROS E SUPLEMENTOS DE LEITURA

Neste trabalho, apresentamos uma análise de caráter bibliográfico-documental e matriz histórico-cultural, cujo objetivo é elencar protocolos de leitura inscritos na obra Éramos Seis, de Maria José Dupré, numa tentativa de evidenciar, do ponto de vista material e literário, os aspectos feminino da produção da autora, e, mais detidamente, discutir particularidades literárias que colaboram para um diálogo crítico no que se refere à formação do leitor jovem inserido em espaços formais de educação ou fora deles, haja vista a permanência recorrente dessa obra em escolas de ensino fundamental no Brasil desde a década de 1970. A partir da leitura e apreensão da obra mencionada, em consonância com as contribuições do pensamento de Roger Chartier e outros autores pertinentes ao diálogo, inventariamos, prioritariamente, aspectos protocolares inerentes tanto à materialidade do livro e seus suplementos (atividades de leituras anexas à obra), quanto à forma do texto. Como resultado, destacamos aspectos literários de uma narrativa da mulher durante muito tempo abafada pelos diferentes meios de (re)produção da obra em questão. São dados que denunciam práticas de leitura de valorização das diferentes formas de saber, ser e estar na sociedade, na medida em que evidenciam o silenciamento de aspectos tão relevantes de Éramos Seis, que nesse caso, tanto do ponto de vista autoral quanto do ponto de vista narrativo são ecoados pela voz da mulher brasileira.

JUBILEIA MENDES DE MATOS COELHO (UFMT) / jubileia_matos@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

IDENTIDADES SURDAS: SER OUVINTE SENDO SURDA

Este trabalho propõe analisar quatro comentários veiculados no *blog* feminino "Crônicas da surdez". O objetivo é abordar as representações sobre identidades surdas que emergem nos comentários. A questão que norteia a pesquisa é: Como as identidades surdas são construídas nos comentários? Teoricamente, este trabalho baseia-se em Skliar (2005) e, na construção identitária Hall (2009/ 1997), Woodward (2009) e Silva (2009). Metodologicamente, se enquadra dentro de um paradigma de pesquisa interpretativista. Os resultados apontam a definição da identidade surda como uma possível normalização da pessoa surda em relação à concepção hegemônica, no sentido de um grupo excluir o outro (surdos oralizados e surdos sinalizados) na busca de uma definição identitária como forma de aceitação e inserção, definindo o lugar a ser ocupado pelo "outro", no sentido de negação da alteridade. Também que a identidade se estabelece nas relações entre os sujeitos, porém essa relação parece ser vinculada às condições materiais e socioculturais.

JULIANA GALVÃO MINAS (UFES) / jugminas@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

APRECIAÇÃO DA OBRA DE DÉA TRANCOSO

A artista contemporânea Déa Trancoso é natural de Almenara, extremo norte do estado de Minas Gerais, região do Vale do Jequitinhonha. Essa origem fundamenta o trabalho da cantora, como ponto de partida rudimentar e opulento, dadas as condições naturais, socioeconômicas e culturais do ambiente, que guarda tais tensões. Fundamenta, também, como percurso, pois, ao longo de sua trajetória, as vozes, palavras e paisagens daquele lugar transverberam em sua criação. Na chegada, ao encontrar-se com a maturidade dos 50 anos de idade, estreia na literatura, com *Líricas breves para a construção de uma alma*. Ela vive seu próprio tempo neste século XXI, poetizando e entoando tradição e presente, Ocidente e Oriente – com as influências que acolhe, tais como os poemas de Tagore (1861-1941) –, colocando-se interrogações, mas certa de onde mora, nos sentidos físico e metafísico que a morada pode ter. Este trabalho aprecia, prazerosa e criticamente, a obra da cantora, compositora e escritora brasileira.

Apresentamos seus três álbuns solo gravados, delineando um panorama de suas interpretações e composições musicais, bem como seu primeiro livro, cujo registro sonoro faz parte do projeto *Cartas ao sagrado evangelho feminino* e acompanha um livro-objeto. À luz da noção de espaço, discutida por Brandão (2001, 2006, 2008) e Bachelard (1978), buscamos compreender suas escolhas estéticas e a elaboração de sua poética.

JULIANA MARÍLIA COLI (UFES) / colijuliana@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

AS VOZES DA DOR NAS PERFORMANCES DE CANTORAS DE RÁDIO DAS DÉCADAS DE 1950/1960

Nosso objeto de estudos é o processo de construção das personagens vocais femininas, nas performances (Zumthor, 1997) da cantora de ópera Niza de Castro Tank e da cantora popular Juanita Cavalcanti, que tiveram suas carreiras notabilizadas na Rádio Gazeta de São Paulo, na década de 1950 (Coli, 2013). Tal análise foi realizada através de registros fonográficos e documentais oficiais e da memória artística de cantoras que, em performances históricas. Utilizando como principal referencial teórico a caracterização da *persona vocal* Castarède (2002), Clèment (1979) e Bouchard (2010), buscanos uma descrição dos processo psíco-físico-emocionais na construção de seus personangens vocais, a partir, 1) do enfoque histórico/social e 2) levando em conta os hábitos de escuta que resulta numa síntese estética acerca da criação de personagens vocais, leituras intertextuais sobrepostas, altamente criativas e de uma visão corpórea e psicológica de mulher do século XX.

JULIANE OSCAR DE SOUZA MOURA (UNEMAT/ Sinop) / juoscarmoura@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NO ROMANCE *A HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR

O presente trabalho tem como objeto de análise a representação da mulher na sociedade brasileira, no romance A hora da estrela, escrito por Clarice Lispector, em 1977. Estabeleceu-se como objetivo compreender as ideologias existentes com relação aos papéis atribuídos a homens e mulheres e suas consequências na construção da identidade feminina no meio social. Será focalizada, no decorrer das discussões, a representação do ser-homem e ser-mulher na sociedade; o assujeitamento feminino nos mais variados campos sociais em função da alienação promovida pelas normas criadas pelo homem; as conquistas feministas e a necessidade de desconstrução de concepções e práticas pautadas no apagamento da mulher. A base metodológica foi a pesquisa bibliográfica, que possibilitou verificar que a estrutura da nossa sociedade é patriarcal, onde a autoridade, o poder é na maioria das vezes do homem. Essa forma de organização social é a responsável por promover e manter, mesmo no período da modernidade, práticas de inferioridade contra muitas mulheres tanto no espaço doméstico como nos demais espaços de vivencias. Os principais autores utilizados nos referenciais teóricos foram: Santos (2008), Beauvoir (2009), Foucault (2011) e Hall (2005). As questões e reflexões emergentes, neste campo, é a possibilidade de a figura feminina ser reconhecida por suas capacidades de engajamento no aspecto profissional, político, social entre outros, visto que na contemporaneidade muitas mulheres ocupam posições de lideranças nos distintos ambientes, o que demonstra a igualdade de competências que precisam ser reconhecidas para evitar atribuições de valores pelo ser-homem ou ser-mulher.

JULIA RAISA XIMENES FIGUEIRÊDO (UNEMAT / SINOP) / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

A FIGURA FEMININA NO CONTO "GREGÓRIA NA JANELA", DA ESCRITORA MATO-GROSSENSE TEREZA ALBUES

Este trabalho tem como objetivo levantar a questão da identidade feminina, como a mulher é representada no conto "Gregória na Janela", da escritora mato-grossense Tereza Albues, presente na obra Na margem esquerda do rio (2002). Almeja-se descrever a figura feminina de Gregória ponderando o valor dessa protagonista contemporânea vivendo em uma sociedade patriarcal com a autoridade e o poder sobre o outro nas mãos masculinas, levando em consideração também alguns elementos míticos presentes na escrita de Albues. Assim, cabe nesta análise observar práticas discursivas, de escritas e de reflexões sobre o pensamento de mulheres através da protagonista do conto, no intuito de contribuir para o feito de levantar discussões acerca não apenas na produção literária, mas retratar como as mulheres são descritas na sociedade brasileira. Os principais autores que constituíram a base teórica e metodológica deste estudo foram Beauvoir (2009), Hall (2005), Bosi (1994) e Candido (1998); esses, além do auxílio sobre o gênero literário, também alavancam questões referentes ao reconhecimento feminino dentro da sociedade atual.

JUNIA ZAIDAN (UFES) / junia.zaidan@ufes.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 5. Sala 5, IC-3

TRADUÇÃO E TRANSLINGUAJAMENTO EM *O MINISTÉRIO DA FELICIDADE ABSOLUTA*, DE ARUNDHATI ROY

O romance *The Ministry of Ultimate Happiness*, de Arundhati Roy (2017), é marcado pela potência da escrita pós-colonial de subverter a lógica da língua do colonizador para disputar o espaço da representação. Analisamos atos de tradução como resistência à constrição monoglóssica em face das línguas que se encontram – ou se confrontam – tanto no texto de partida, em que ao inglês se mesclam o urdo e o hindi, quanto em sua tradução para o português brasileiro, por José Rubens Siqueira, como *O Ministério da Felicidade Absoluta* (2017). As práticas translinguais (GARCIA, 2008) de hibridização das línguas solicitam um trabalho de leitura que opera a visibilização do sujeito

colonial, ao mesmo tempo que também prefiguram no romance a superação da marcação binária da sexualidade. Anjum, personagem *hijra* (do hindi *e* urdu, macho, fêmea, terceiro gênero e transgênero.) desafia a orientação normativa emblematizada n'O Homem Que Sabia Inglês, afirmando-se *mehfil*, de todos, de ninguém, de tudo e nada.

KARINA DE REZENDE-FOHRINGER (Universidade de Viena) / karinafohringer@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 11. Sala 1, IC-3.

ENSAIO SOBRE *ONDE AS CERTEZAS MORAM*, DE SONIA RITA SANCIO LANDRITH

Onde as certezas moram (2017), de Sonia Rita Sancio Landrith, é uma prosa memorialística, autobiográfica, que traz em si a descontinuidade de um discurso marcado pela *urgência* do dizer. Revisitar o passado é, em certa medida, uma forma de se negociar com o presente: quem narra o que, para que e para quem? O tratamento de um *câncer* no abdomen motivou a escrita deste livro, cuja primeira parte é intitulada "Primeiros sintomas", enquanto que em "E como eu era antes" a autora retorna a Santa Teresa, aos Estados Unidos e a Vitória para recontar *crônica* de sua vida. Longe de ser um livro de autoajuda, a escritura de Landrith transita na instabilidade do sujeito multifacetado e na desconstrução das certezas.

LARISSA O'HARA (UFES/FAPES) / larissaohara@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

ESTUDO DE *O IMPÉRIO DA CORTESÃ: LUCÍOLA, UM PERFIL DE ALENCAR*, DE VALÉRIA DE MARCO

A obra *Lucíola*, de José de Alencar, traz como foco a personagem Lúcia, cujo nome de batismo (Maria da Glória) fora abandonado, uma moça constitutivamente dual — anjo e demônio, prostituta por causa nobre. Ainda assim, a cortesã se redime da vida fácil, quando deixa o luxo e a riqueza para se entregar ao amor romântico de Paulo. Neste texto, pretendemos estudar o perfil de mulher traçado por Alencar por meio da obra *O império da cortesã: Lucíola, um perfil de Alencar*, de Valéria de Marco. Em três capítulos, a autora percorre um caminho, entre a vida do escritor e a história das cortesãs de literaturas estrangeiras, para chegar à Lúcia, cortesã de nosso Império (Capítulo 1: A produção crítica de Alencar; Capítulo 2: O perfil da cortesã; Capítulo 3: Lucíola: a cortesã do Império). Pensaremos sobre a contribuição da teórica a respeito da obra literária brasileira em destaque. Por isso, nossa pesquisa terá caráter qualitativo, em que pela dedução procuraremos demonstrar a importância da análise dessa estudiosa sobre a literatura alencariana.

LAURA RIBEIRO DA SILVEIRA (UFES) / laurardasilveira@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

CONTOS DE AUTORIA FEMININA EM LÍNGUA INGLESA: UMA PRÁTICA DO *READING CLUB*

Os textos selecionados para o primeiro biênio do projeto de extensão de nossa autoria, intitulado *Reading Club,* estão vinculados à autoria feminina, à temática social, e ao formato do texto (contos escritos em língua inglesa desde o século XIX), para promover um espaço de discussão aberto e interessante para as minorias e os leitores pouco experientes na literatura em língua inglesa, onde os participantes analisam e debatem os temas abordados. A metodologia utilizada na seleção dos textos é a da leitura crítica de textos, conforme estabelecida por Tyson (2015), para os contos de autoria feminina que atendam aos critérios supracitados. Esperamos, com esse projeto, aproximar as comunidades acadêmica e laica por meio da literatura e da discussão de textos literários escritos em língua inglesa, cujas temáticas fomentem ainda o debate e a compreensão de questões sociais, políticas e econômicas ligadas à mulher e à escrita feminina. Acreditamos que desse encontro entre diferentes comunidades e saberes surjam novas vozes e leituras que possam contribuir tanto para a crítica literária, quanto para a sociedade atual, que ainda insiste em manter a mulher à margem de sua estrutura. Apresentamos aqui uma amostra de contos selecionados e analisados nesse projeto, que inclui desde autoras/ativistas do século XIX, como Charlotte Perkins Gilman, em seu *The Yellow Wallpaper*, até imigrantes de segunda geração, contemporâneas e reconhecidas, como Jhumpa Lahiri, que recebeu o Prêmio Pulitzer de Ficção em 2000 por sua coletânea de contos intitulada *Interpreter of Maladies*.

LEANDRO ALVES WANZELER (UFES), SAMUEL DE OLIVEIRA MORAIS (UFES) / leowanzeler@hotmail.com, samuel.morais.oliveira@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

AS ESCOLHAS TRADUTÓRIAS E INTERPRETATIVAS DE NARRATIVAS INFANTIS PARA OS SUJEITOS SURDOS "REAIS" EM PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA LIBRAS

Este trabalho tem por objetivo compartilhar relatos de experiências vivenciadas a partir das escolhas tradutórias e interpretativas de narrativas infantis "As formigas e o Gafanhoto" e o "O Patinho feio", na modalidade escrita da Língua Portuguesa para Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Promovendo assim, a autonomia do sujeito surdo de forma acessível e habitável dentro do seu conforto linguístico. Para os surdos, a aquisição da Libras não está somente na necessidade de comunicar-se com seus pares linguísticos e/ou familiares. É por meio de uma língua visual-espacial que os surdos interpretam e significam o mundo, realizam suas enunciações, relatam suas próprias experiências, tornando-se sujeitos leitores e produtores de textos. Os aspectos tradutórios foram: tradução interlingual que consiste na transição de conceitos verbais entre duas línguas; intralingual que é quando ocorre o processo tradutório de signos na mesma língua Roman Jakobson (1975); intersemiótica que é quando utilizam-se os signos verbais para uma linguagem sistemática não verbais e a intermodal quando utiliza-se diversas modalidades linguísticas. SEGALA (2010). As estratégias interpretativas utilizadas para alcançar os estudantes surdos em diversos

nível de apropriação linguística foram a personificação e incorporação (ANDRADE 2015), utilizando-se estratégias teatrais para ilustrarmos as narrativas, além dos recursos tecnológicos de multimídia como suporte visual. O processo tradutório permite que a língua se mantenha viva, pois um conjunto de regras gramaticais e parâmetros que envolvem a um convívio social e cultural, Givón (1995). Nessa perspectiva, a língua não é um acúmulo de frases e/ou orações feita pelos seus usuários, mas é por meio dessa disseminação e variações linguísticas que surgem as interpretações, interação entre seus usuários, e assim, tecendo novos conceitos e construindo e descontruindo novas percepções de mundo.

LEIDIANE EZEQUIEL DE SOUZA (UEMG), LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG), IVETE MONTEIRO DE AZEVEDO (UFF), GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (UEMG) / leidetombos@gmail.com, lidianazare@hotmail.com, imazevedo62@gmail.com, hottislyra@ig.com.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

MULHERES ARTESÃS TOMBENSES, A ARTE SUPERANDO A DOR

O objetivo deste trabalho é adentrar no eixo "literatura e artes feita por mulheres" e assim apresentar o estudo e análise realizado com mulheres artesãs tombenses, elucidando a forma como elas conseguiram através da arte, superar suas perdas, demonstrando à sociedade a maneira como interpretam o mundo, redefinindo a dor existencial, esclarecendo o real motivo pelo qual se enveredaram nos trabalhos artesanais, reconstruindo suas vidas e histórias junto com cada peça produzida. Mulheres que se submeteram à adaptação cultural, para permanecerem de pé em meio ao caos. Com o decorrer do tempo, nota-se que essa postura é necessária à raça humana, para permanecer na história, recriando alternativas de sobrevivência. Pretende-se levar o resultado desta pesquisa para escolas do ensino fundamental e médio, propondo aos alunos uma reflexão e intervenção em relação à relevância desta concepção de valores salutares para a formação humana, presentes na ficção e realidades brasileiras. Para embasar os estudos, conferindo sustentação às análises realizadas, adentrou-se com maior interesse nos estudos realizado pelo teórico Afrânio Coutinho (1968), pois o autor possui vasta bibliografia esclarecedora sobre a relação História e adaptação cultural no Brasil.

LEONARDO BORGES LELÉ (UFES) / leobl09@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

LIRA MARQUE: O BARRO, AS CANÇÕES E A HISTÓRIA

Maria Lira Marque Borges, mais conhecida como Lira Marque, é natural de Araçuaí, cidade pertencente à região do Vale do Jequitinhonha (MG). Mulher, negra, artista plástica, mestra artesã, cantora e educadora social, esses são alguns atributos dessa personalidade que fez do barro e das palavras sua matéria prima para representar suas raízes negras e indígenas, a história e o sofrimento do povo de sua terra e a fé e religiosidade, que vem como herança de seus pais e dos mais antigos daquele lugar. A partir da década de setenta, os horizontes de Lira se expandem, principalmente após conhecer Frei Francisco Van Der Poel OFM, um frade franciscano natural da Holanda e missionário no Brasil. Ele a insere no Coral Trovadores do Vale e abre as portas para começarem um trabalho de pesquisa, que duraria mais de dez anos. Percorrendo toda a região do Vale do Jequitinhonha, Lira e Frei Chico coletaram, gravaram e catalogaram cantigas de origem popular, benditos de diversas festas religiosas, benzeções, histórias folclóricas e muitos outros documentos orais relacionados aos costumes e a cultura do povo do Vale. Apresenta-se como objetivo deste trabalho uma análise crítica da vida e da obra de Lira Marques pautando-se pelo seu contexto histórico, social e cultural, observando assim a trajetória que existiu, e ainda existe, entre sua produção artística e seu trabalho na preservação e divulgação das tradições do Vale do Jequitinhonha. Esta pesquisa se direciona ao eixo temático de Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil.

LETÍCIA DA SILVA ZARBIETTI COÊLHO (UEMG), LUCIANO MAGNO ROCHA (Univ. Metropolitana de Santos), LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG) / leticia.zarbietti@outlook.com, lucianomr.info@gmail.com, lidianazare@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

REPRESENTAÇÕES DE CLARICE: A MULHER NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE

Este trabalho desenvolveu-se na linha temática 2. Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil, sob os pressupostos da representação da família, e da mulher, bem como suas relações, feitas por uma mulher: Clarice Lispector, analisadas em particular no conto "A menor Mulher do Mundo" de 1960. Guiados e motivados pelos estudos acadêmicos, este trabalho se justifica pelas demandas da literatura sob a ótica do curso de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPC (2016/2017), sendo analisado e discutido em sala de aula com o direcionamento da Drª Lídia Nazaré, professora responsável pelas literaturas Portuguesas, Brasileiras e Africanas da UEMG – Carangola. À luz de teóricos literários, como Cândido (1989 & 2006), foram desenvolvidas as discussões teóricas deste e, a partir dos resultados das discussões em sala de aula, foi se construindo as relações de análises que serão discutidas e expostas na apresentação do trabalho. É possível afirmar que, de acordo com as pesquisas teóricas já realizadas e das interações reflexivas desenvolvidas em sala, que Lispector (1960), no conto supracitado, busca direcionar ao leitor uma passagem crítica socialmente direcionada às relações e funções da mulher dentro da família, como detentora do capital simbólico, como também abrangente às relações da sociedade com a mulher do meio externo.

LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG), LEONARDO GOMES DE SOUZA (UEMG), GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (UEMG), MARIA QUITÉRIA NAZARÉ ALVES LOPES (UFOP) / lidianazare@hotmail.com, leonardogomes.jhs@gmail.com, hottislyra@gmail.com, mariagadalina@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

ESTUDOS DE GÊNERO E ETNIA E SUA REPERCUSSÃO NA LITERATURA E NA SOCIEDADE

Este estudo tem como premissa o Projeto de Pesquisa: Estudos de gênero na literatura e sua repercussão na sociedade em desenvolvimento neste ano de 2017, na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e Coordenação da professora Msc. Glauciene Januário Hottis Lyra. Objetiva-se com esta pesquisa verificar representações da e sobre a mulher, em Portugal e outros países por ele colonizados e manifestações artísticas feitas sobre e pela mulher no Brasil e no mundo, a fim de verificar os pontos de convergências e divergências nessa representação, no que tange à escrita, espaço, perfil e diferentes funções sociais da mulher, em diferentes espaços: literatura, redes sociais, como a TV, por exemplo e sociedade. Depois disso, intenciona-se expor o resultado da pesquisa em algumas escolas e faculdades de Carangola, Fervedouro, Manhumirim e Manhuaçu, através de comunicação de trabalhos, vídeos e documentários. Após essa exposição será sugerida uma intervenção desconstrucionista em representações cuja mulher esteja subjugada. Esse estudo, com seus objetivos são muito importantes, porque formamos professores que devem estar preparados para lidarem com grupos mais complexos, menos previsíveis, frutos da liquidez do mundo moderno, cujas fronteiras de gênero, etnia e identidade são muito flexíveis e a demanda da inclusão faz-se, cada vez, mais necessária; mas também com grupos menos complexos, mais previsíveis, que ainda não conseguem se sentir situado na referida liquidez.

LINO MACHADO (UFES) / linomachado36@yahoo.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 5. Sala 5, IC-3

NÃO: UMA PALAVRA TAMBÉM FEMININA

Nos limites da nossa comunicação, pretendemos enfocar um poema da portuguesa Violante do Céu, intitulado "A um Doutor, que chamou à autora, em uns versos que lhe fez, viola flor e viola instrumento", que faz parte do seu livro *Rimas várias* (1646). Sendo o Doutor do título, provavelmente, o brasileiro Gregório de Matos, o nosso enfoque levará em conta aspetos da feminilidade, envolvendo a condição de freira da escritora do Barroco português (aliás, ibérico) e, sobretudo, o teor dos seus versos. Veremos também como estes serão retomados, de modo masculinamente provocador, no século XX, pelo poeta mineiro Affonso Ávila, numa pequena obra denominada "Masturbações", dedicada – heterossexual e desafiadoramente – a dez famosas personalidades femininas da história mundial (além de Violante do Céu, integram o trabalho de Ávila as figuras de Virginia Wolf, Gertrude Stein, Tarsila do Amaral, Patrícia Galvão, Marilyn Monroe, Leila Diniz, Carmem Miranda, Jacqueline Kennedy e Betty Friedan).

LISIANE ANDRIOLLI DANIELI (FURG) / lisiad@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

A IMITAÇÃO DA LINGUAGEM INFANTIL EM *O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY*

Pensando a imitação da linguagem infantil e os processos narrativos de *O caderno rosa de Lori Lamby,* este trabalho visa uma reflexão acerca da narrativa utilizada na obra. Para tanto, considerações a respeito da narrativa em primeira pessoa, elaboradas por Maria Lúcia Dal Farra (1978) e Käte Hamburger (1975), servem como aporte teórico para as discussões propostas, sendo este um trabalho de pesquisa bibliográfica. Tem-se como hipótese o uso de linguagem específica conforme a narradora a fim de que se estabeleça verossimilhança para quem lê uma obra narrada por uma criança. Nesse sentido, ocorre mal-estar e desconforto a quem lê pelos aspectos de erotismo (possível excitação) por tal voz narrativa. Este estudo se justifica pela assimilação dos aspectos formais e estéticos de uma ficção possivelmente considerada de menos qualidade, sendo de autoria feminina e erótica. Assim, intenta-se gerar entendimento sobre a maneira de escrita da obra como mais um viés possível para sua análise.

LUANA CAETANO THIBES (UESC) / luanacthibes@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

(DES)AMARRANDO CONCEITOS: RAÇA, ETNIA E GÊNERO NAS OBRAS DE CHIMAMANDA ADICHIE

Com a ampliação dos estudos culturais pós-coloniais, consolidou-se uma ruptura dos paradigmas hegemônicos historicamente impostos. A literatura, como fonte de fruição, de informação e de reflexão, desempenhou significativo papel de conectar o leitor às novas perspectivas exploradas pela crítica e pela teorização pós-coloniais. Propõe-se aqui a apresentação da fundamentação teórica a ser utilizada como base para a análise de três romances da autora nigeriana Chimamanda Adiche, *Americanah* (2014), *Hibisco roxo* (2011) e *Meio sol amarelo* (2008), que retratam, cada um a sua maneira, os impactos da imposição hegemônica das potências modernas nas vidas dos nigerianos., evidenciando os termos-chave da pesquisa, a saber: raça, etnia e gênero, além de subalternidade, e sujeito diaspórico. Com isso, objetivamos observar possíveis graus de discriminação e hostilidade que as protagonistas dos romances selecionados sofrem, nos contextos nigeriano e estadunidense. Como fonte de embasamento teórico, contamos com o aporte de Hall (2005), Césaire (2011), Fanon (2008), Maestro (2012), Ashcroft (1994) e Carvalho (2009), entre outros. Esta proposta pode contribuir para os estudos de literaturas e de representações culturais pós-coloniais anglófonas, expandindo o alcance de divulgação das referidas literaturas, em especial a nigeriana, com destaque para o papel das mulheres negras apresentadas nas três obras que compõem o *corpus* de pesquisa.

LUCIANA FREESZ (UFJF) / lufreesz@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

A CULPA É MINHA: CLARICE LISPECTOR E A VALORIZAÇÃO DA PESSOA EM *A HORA DA ESTRELA*

O objetivo deste trabalho consiste em investigar de que maneira Clarice Lispector explora a valorização da pessoa, por meio da personagem principal de *A hora da estrela*, Macabéa. Colocando-se como o narrador Rodrigo S.M., a escritora problematiza a relação entre alteridade e escrita, revelando uma intensa sensibilidade, ao contar uma história na qual está em jogo a vida de uma jovem socialmente invisível. Embora na narrativa a personagem esteja oculta em meio à coletividade, este narrador, em determinados momentos do texto, mostra para o leitor que a moça tem e ocupa um lugar no mundo, tanto como mulher quanto como ser humano. A partir da observação deste pertencimento e valorização da personagem como uma pessoa, a crônica *Persona,* publicada no *Jornal do Brasil* em 1968, servirá de mote para a nossa proposta. Para fundamentar a nossa análise, utilizaremos as reflexões de Nádia Battella Gotlib, Luis Costa Lima, Antoine Compagnon, dentre outros, que nos ajudarão a compreender como a autora, no texto literário, promove uma discussão e também uma afirmação em defesa da vida humana.

LUCIANA MARQUESINI MONGIM (UFES) / luciana.marquesini@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

POÉTICAS AFRO-MARGINAL/PERIFÉRICAS: A ANCESTRALIDADE E O FEMININO NO LIVRO *ÁGUAS DA CABAÇA*, DE ELIZANDRA SOUZA

As favelas e periferias das grandes cidades brasileiras configuram-se como reelaborações contemporâneas de processos sociais, espaciais, econômicos e, sobretudo, raciais, relacionadas ao movimento de urbanização e modernização da cidade. É um dos lugares onde a condição de segregação socioespacial e étnica de grande parte da população negra se revela no espaço da cidade. O que se observa, portanto, é que a produção literária da periferia insere-se num processo mais amplo de produção de identidade cultural por meio da literatura. O pertencimento racial é um dos elementos que constrói uma conexão estética, temática, cultural e política entre as poéticas urbanas que se dão nesses espaços e entre os sujeitos que nele habitam. Diante disso, neste breve estudo, busco, a partir da leitura do livro *Águas da Cabaça*, de Elizandra Souza, discutir a etnicidade que se desdobram na poética da escritora como parte de uma rede de diálogos mais ampla, que passa pela diáspora africana e pelas estratégias de resistência e de negociação identitária dos descendentes dos negros escravizados na sociedade brasileira. Não se trata de pensar as manifestações culturais contemporâneas da população negra como sobrevivência e preservação da cultura africana através de séculos de privação, mas como adaptação e reinvenção no contexto das relações raciais locais e em suas intersecções globais. A poética da escritora insere-se no processo de construção identitária marcado pela confluência de variadas referências e experiências e pela sobreposição de processos diaspóricos. Ser mulher e negra na periferia relaciona-se com a recuperação do passado cultural e da escravidão, com o viver a desigualdade racial, com pobreza da condição periférica e com o feminino. A leitura proposta será fundamentada pelos pressupostos formulados por Stuart Hall acerca da identidade cultual e suas relações com a etnicidade e a diáspora negra e pelas análises da história política e cultural negra no ocidente desenvolvidas por Paul Gilroy.

LUCIANA RODRIGUES DO NASCIMENTO (UFES) / luknoeller@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

OLHOS DA (DES)MEMÓRIA

A questão da (des)memória inconsciente no conto "Olhos d'água" (2016), publicado no livro de mesmo nome, de Conceição Evaristo, o esquecimento proposital de fatos que não podem ser relembrados, pois trazem também consigo a dor de uma protagonista anônima, que representa outras mulheres negras e pobres cujas existências são permeadas pela miséria, fome e abandono; e o enfretamento do medo - fomentam a construção deste ensaio. Para tanto, serão utilizados os pressupostos teóricos de Sigmund Freud, Hannah Arendt e Theodor Adorno, dentre outros, sobre os conceitos de *memória*, *esquecimento* e *medo*. Deste modo, o questionamento "de que cor eram os olhos da minha mãe?", que perpassa toda a escrita, encontrará outra resposta para além da formulada pela protagonista ao final do selecionado conto. A resposta que este ensaio propõe para a questão "de qual cor são os olhos da minha mãe" segue o caminho adorniano, em *Minima Moralia*, (2008) "Ao passado não resta outra esperança a não ser a de, abandonado sem defesa ao infortúnio, ressurgir dele transformado". Embora, a vida árdua da protagonista e sua família tenha sido por ela aprisionada no passado, em certo momento, ocorre a rememoração culposa de que havia esquecido a cor dos olhos de sua mãe, o quê, para Adorno, é algo comum naqueles que, tendo passado por barbáries, preferem esquecer os momentos por causa do sofrimento que carregam. Em seu texto *o que significa elaborar o passado* (2008), Adorno já salientava "o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo." Assim, vemos uma personagem que não consegue apagar seu passado, pois não consegue dele fugir. Para se libertar do passado sufocante, primeiro será necessário elaborá-lo vividamente, traçando o caminho difícil que a levará ao enfrentamento do medo, proposto pela teoria freudiana; e revisitado por Adorno.

LUCIANO PRADO DA SILVA (UFRJ) / lucianoprasil@globomail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 4. Sala 4, IC-3

O PROJETO *LAS SINSOMBRERO* E A RECUPERAÇÃO DAS VOZES FEMININAS DA GERAÇÃO ESPANHOLA DE 1927: UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO CONTRA A MISOGINIA

Lançado em 2015, o projeto *LAS Sinsombrero* se transforma em um relevante instrumento didático contra a misoginia ao reunir material, através de diferentes formatos (artigos, exposições, documentários) e plataformas (televisão, web), sobre o apagamento da voz feminina dentro do contexto próprio e dos estudos sobre a chamada Geração espanhola de 1927. No âmbito dos estudos culturais e literários hispânicos, tal geração é conhecida por abrir de vez as portas de Espanha para os movimentos europeus de vanguarda. Tendo em seu cerne nomes de peso como os do cineasta Luis Buñuel, do pintor Salvador Dalí e do poeta Rafael Alberti, é interessante notar que nomes femininos, entretanto, raramente constam das antologias surgidas tanto durante o movimento quanto naquelas publicadas posteriormente. Com isso, seria fácil imaginar que mulheres ou não participaram do grupo ou, então, não produziram com qualidade. Ocorre justo o contrário, e é isso que nos mostra a iniciativa *transmedia LAS Sinsombrero*, coordenada por Tania Balló, Serrana Torres, Manuel Jiménez et. al (2015). Revelam-se, pois, escritoras, pintoras, atrizes, escultoras (e *Rosa Chacel, Maruja Mallo, María Zambrano são algumas delas)*, as quais, sim, contribuíram para o êxito de contestação artística que antecedeu e foi calado durante e após a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Sucede que caladas também foram as mulheres dessa geração, mas não apenas por seus detratores, senão também por seus "pares" artistas masculinos e por muitos e muitos historiadores e críticos literários e de arte. Nesse sentido, dada a recorrência de práticas cada dia mais misóginas nos mais distintos campos de interação do sujeito contemporâneo, é meu objetivo mostrar como o corpus de que trato pode servir como um poderoso instrumento didático questionador da misoginia. Para tanto, ancoro argumentação também nas considerações de Barros e Costa (2010) sobre a elaboração de materiais didáticos para o ensino de língua espanhola.

LUCIENE ROCHA DOS SANTOS CRUZ (UFF) / lucienerochacruz28@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

VENTOS DO APOCALIPSE: ENTRE A MEMÓRIA, A HISTÓRIA E A FICÇÃO

Esta pesquisa tem como proposta desenvolver uma análise da obra literária *Ventos do Apocalipse* (1999), da autora Moçambicana Paulina Chiziane, no que tange a discutir a relação entre a história, a memória e a ficção. Nesta obra, a autora resgata um fato histórico significativo (a Guerra Civil Pós-colonial Moçambicana) pelo viés da ficção, dando voz aos aldeões do povoado de Mananga, ou seja, ela retrata a perspectiva de quem está à margem da sociedade, que sofreram arduamente os horrores da guerra e que usualmente não são protagonistas na escrita da história oficial. Todavia, ao saber do percurso de vida da autora, constatamos que ela fora testemunha ocular da guerra retratada (posto que trabalhou na Cruz Vermelha como enfermeira e percorreu todo o interior de Moçambique no período da guerra) e desta forma, como testemunha do conflito, também confere à sua obra o seu ponto de vista do evento. Assim, como delimita-se as fronteiras entre a memória testemunhal, a história e a ficção? No caso desta obra, qual dessas características é mais significativa? Como fundamentação teórica, esta pesquisa se baseou nos estudos de Lukács (2011), Ricoeur (2007), Hutcheon (1991), e Cândido (2011) no que se refere, respectivamente, ao Romance Histórico, à Metaficção Historiográfica, à Narrativa de teor testemunhal e à Literatura e à vida social.

LUCIMAR SIMON (UFES) / lucimarsimon@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 1. Sala 1, IC-3.

ENTRE ESTIGMAS E REPRESENTAÇÕES: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E ROMÂNTICA DA PERSONAGEM RAHEL VARNHAGEN EM *RAHEL VARNHAGEN: A VIDA DE UMA JUDIA ALEMÃ NA ÉPOCA DO ROMANTISMO*

O texto proposto tem por objetivo apresentar uma análise sobre a particularidade subjetivada da condição da mulher judia alemã com foco em Rahel Varnhagen, personagem de Hannah Arendt em *Rahel Varnhagen: a vida de uma judia alemã na época do Romantismo*. Rahel Varnhagen ficou conhecida por sua presença marcante no cenário cultural efervescente da Berlim da época do Romantismo. Sua forte personalidade, seu brilhantismo, seu conflito com a condição judaica, sua visão da feminilidade atraíram a atenção de Hannah Arendt para sua história de vida. A fundamentação teórica e a metodologia de construção textual dar-se pela identificação e análise de ocorrências e representação de estigmas presentes no texto de Hannah Arendt e que são atribuídos a Rahel Varnhagen na condição de representante da mulher judia na sociedade alemã na época do Romantismo. O termo *estigma* aqui apresentado está fundamentado no conceito definido por Erving Goffman e o mesmo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidencia corporal. Um estigma pode ser considerado um atributo criado para servir como representação social para um indivíduo ou um grupo social.

LUÍS RICARDO SOARES WENCESLAU (UEMG), FERNANDA ABREU GUALHANO (UEMG), LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/ FACIG) / luisricardosoareswen@gmail.com, fernandagualhano@hotmail.com, lidianazare@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 2. Sala 2, IC-3.

DO PATRIARCADO À MODERNIDADE: UM ESTUDO SOBRE A POSIÇÃO SOCIOESPACIAL DA MULHER BRASILEIRA

Este trabalho tem como objetivo analisar a posição da mulher frente a sociedade globalizada do século XXI. O intuito dessa pesquisa é permitir um entendimento sobre uma problemática histórica que permeia a vida das mulheres - sua desligitimação e subordinação promovida por uma sociedade ontologicamente machista e patriarcal,

além de, compreender a ascensão desses sujeitos com o nascer da globalização. Sabe-se que esse sistema fez com que proliferassem contraculturas, isto é, minorias que clamavam por mudança, manifestando-se contra um padrão que não era representativo em sua totalidade. Um exemplo específico ao presente objeto de estudo é o feminismo, que auxiliou no pensamento crítico das mulheres, incentivando-as a não aceitação de coadjuvante dos homens e a tornarem mais independentes. Com as questões supracitadas, fica evidente, que o objetivo principal dessa pesquisa é entender a luta da mulher, em tal caso, de forma mais política e econômica, pela busca de inserção no mercado de trabalho, sendo, autônoma e não subordinada. Para tanto, utilizamos como referência o método dialético, com vista à comparação histórica da posição da mulher na sociedade. Desse modo, realizamos pesquisas de rede, o qual analisamos notícias que retratam essa questão; seguindo a linha Literatura e críticas feitas por mulheres no Brasil, o qual infere precisamente na opinião desses agentes frente ao processo de desligitimação que sofreram ao longo do tempo.

MARCELA OLIVEIRA DE PAULA (UFES) / marceladepaulaa@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

CLASSE MÉDIA E MÍDIA EM "SOBREVIVIDOS", DE LEILAH ASSUNÇÃO

"Sobrevividos", de Leilah Assunção, é a oitava peça da *Feira brasileira de opinião*, de 1978, volume composto por dez obras de importantes dramaturgos do cenário nacional que foram impedidas de chegar ao palco pela censura. Na *Feira,* os temas são diversos, mas todos, de algum modo, tocam o cenário de repressão por que passou o Brasil a partir do Golpe de 1964. No caso de "Sobrevividos" dois elementos centrais são colocados em foco para lançar luz sobre o período: a classe média e a mídia – principalmente a televisiva. Para o exame desses elementos do texto em pauta, o trabalho se ocupará de [a] comentar brevemente o conjunto de peças de que faz parte, contextualizando-o com auxílio de *O teatro sob pressão* e *O palco amordaçado*, de Yan Michalski; [b] apresentar, em linhas gerais, a dramaturgia de Leilah Assunção, com apoio em *Um teatro da mulher*, de Eliza Cunha de Vincenzo; e [c] discutir as questões que cercaram a classe média e a televisão brasileira durante os anos de chumbo, lançando mão dos estudos de Carlos Alberto Messeder Pereira e Ricardo Miranda em *Televisão – as imagens e os sons* e de Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luis Weiss em *História da vida privada no Brasil*: contrastes da intimidade contemporânea.

MARCELA RIBEIRO PACHECO PAIVA (UFES/Capes) / marcelapaiva01@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

UMA ANÁLISE SOBRE O DESEJO NO CONTO "OS DESASTRES DE SOFIA" DE CLARICE LISPECTOR

Este trabalho busca aprofundar o estudo sobre a feminilidade, a partir da análise do conto de Clarice Lispector "Os desastres de Sofia" por meio de conceitos psicanalíticos. Esse conto permite uma reflexão sobre as vicissitudes do desejo ao apresentar o percurso de uma personagem que, ao desejar incitar o desejo do outro, é surpreendida ao se tornar o alvo da admiração e constata o vazio do circuito. A nova situação remete a personagem ao sentimento de insuficiência. O sentimento referido, o qual implicava a falta do conteúdo que justificasse a admiração, pode ser pensado a partir da noção da castração. Propicia, assim, o entendimento sobre o amor, mais especificamente sobre "o vazio em torno do qual se constrói o amor", ao desvelar a castração inerente ao surgimento do mesmo. Destarte, com base nos conceitos relativos à feminilidade desenvolvidos por Freud e Lacan, o estudo visa a uma reflexão sobre o desejo feminino e tem o amor como a sua maior criação.

MARCELLA GAVA GRILLO (UFV) / marcellagrillo@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 5. Sala 5, IC-3

A INTERTEXTUALIDADE EM NOVAS CARTAS PORTUGUESAS: A PRESENÇA DE MARIANA ALCOFORADO NA RELEITURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

O presente trabalho contempla a obra *Novas Cartas Portuguesas* publicada em 1972 em Portugal que tem autoria mista de três grandes escritoras, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Para discutir os papeis sociais da mulher e as opressões vividas, as autoras partiram do livro *Cartas Portuguesas*, publicado em 1669, permitindo entrever quais memórias ali seriam resgatas e discutidas, uma vez que Mariana Alcoforado é retomada como personagem várias vezes ao longo das cartas e poemas que compõe *Novas Cartas Portuguesas.* A relação entre as duas obras será abordada neste trabalho, pensando a intertextualidade como parte do processo que faz da literatura um rememorar a si mesmo, fica evidente que em *Novas Cartas Portuguesas* é esse processo que possibilita uma reescrita que visa reformular a visão de mulher, retirando a passividade presente nas cartas de Mariana Alcoforado como conhecidas e deixando entrever a força feminina que se esconde no amar das mulheres. Dentre os estudos literários, esse trabalho se justifica por retomar as discussões sobre a obra e a história de Portugal, assim como, por oferecer uma nova visão de uma obra extremamente polêmica e importante na literatura portuguesa, como marco dos períodos finais do Estado Novo e, mais que isso, como marco da emancipação da mulher nesse contexto. Desse modo, considera-se relevante o entrecruzamento dos temas, em que o discurso literário, visto por esta perspectiva, pode revelar outras formas de interpretação do texto, bem como esclarecer as consequentes polêmicas que envolveram a obra. Espera-se, dessa maneira, contribuir com os estudos acerca da obra feminina em contato com a intertextualidade enquanto forma de ler e interpretar literatura, assim como de revisitar a Literatura Portuguesa contemporânea, também abrindo possibilidades de conhecimento da literatura enquanto entrecruzamento de diversos discursos e vozes, e, principalmente, de vozes femininas.

MARCELLE BITTENCOURT XAVIER ALMEIDA (UESB), MARCUS ANTÔNIO ASSIS LIMA (UESB), FRANCISCO DOS SANTOS CARVALHO (UESB) / bittencourt.marcelle@gmail.com, malima@uesb.edu.br, franciscodossantoscarvalho@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 10. Audit. IC-2

TRADUÇÃO ADAPTADA DE OBRAS LITERÁRIAS INFANTO-JUVENIS PARA A LÍNGUA DE SINAIS: A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DA LITERATURA SURDA NA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL

O presente trabalho visa abordar um estudo sobre a tradução adaptada de obras literárias infanto-juvenis da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais (*SignWriting*), partindo da contribuição cultural da literatura surda na perspectiva pós-colonial. A tradução não é apenas uma negociação de línguas, considerando que diante dos fenômenos do pós-colonialismo ficou evidenciado que o autor faz uso da reescrita como uma estratégia para se apropriar do texto, caracterizar e problematizar os personagens e/ou a estrutura do texto, para que assim, os leitores tenham acesso a um texto modificado. Com a reescrita dos textos pós-coloniais, percebe-se uma valorização significativa das forças culturais da literatura surda. Para o alcance do objetivo proposto foi realizada esta pesquisa de cunho bibliográfico, com uma abordagem interdisciplinar, regulada nos Estudos Surdos (STROBEL, 2013), culturais (PADDEN & HUMPHRIES, 2000; PERLIN, 2006), literários (WELLEK & WARREN, 1955; CANDIDO, 1972; ABRAMOVICH, 1989; BARTHES, 2013) e as teorias pós-colonialistas com enfoque na tradução cultural (ASHCROFT, GRIFFITHS & TIFFIN, 1991; BHABHA, 1998; BASSNET, 2003). Como objeto de análise foi destacada a obra "Rapunzel Surda", de Silveira, Rosa & Karnopp (2003), um dos primeiros registros na escrita de sinais, da literatura infantil do Brasil. Deste modo, espera-se contribuir com a propagação da literatura surda, e assim, tornar conhecidos os elementos da identidade surda constantes nas obras traduzidas da cultura ouvinte para a cultura surda.

MARCELLO AMORIM VIEIRA (UFES/UVV) / marcello.amorim@outlook.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

NARA: A EXPRESSÃO CRÍTICA DE UMA CAPIXABA DE OPINIÃO

Nara Lofego Leão, capixaba nascida no ano de 1942, teve uma vasta obra que expõe as mais puras nuances da nascente Bossa Nova e vai se solidificando com ares de MPB e outros ritmos. O objetivo deste artigo é apresentar a contribuição da artista na expressão política através da arte musical, tendo por base o Show Opinião (no qual também participaram Zé Kéti e João do Vale), o espetáculo teve início no ano de 1964 mas o disco contendo as músicas do show só veio a ser lançado no ano de 1965, e o disco Tropicália ou Panis et Circensis (no qual Nara gravou a música Lindonéia), lançado no ano de 1968. Com foco num referencial teórico capaz de guiar o desenvolvimento crítico, será utilizada a Declaração Universal dos Direitos Humanos (com o fim de estabelecer pontos importantes em relação à liberdade de expressão) e trabalhos acadêmicos que apontem a realidade histórica e social do período em análise do Brasil, junto à escritos biográficos sobre Nara Leão. Embasando-se no exposto, gostaria de inscrever o meu trabalho na modalidade 2. Literatura e artes feitas por mulheres no Brasil, visto que apesar de capixaba, os fatores que agregaram a obra da cantora vieram de diversas localidades e culturas.

MARCELO CALDERARI MIGUEL (UFES), ANA CLAUDIA BORGES CAMPOS (UFES), ROGÉRIO ZANON DA SILVEIRA (UFES) / marcelocalderari@yahoo.com.br, anaborges32@yahoo.com.br, rogerio.silveira@ufes.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

PRÁTICAS EMPREENDEDORAS PRESENTES NA SECA: NOVOS OLHARES, POSSIBILIDADES E DIÁLOGOS SOBRE A PERCEPÇÃO DO TRABALHO CERAMISTA FEMININO NO VALE DO JEQUITINHONHA

Situa a percepção social diante o trabalho desenvolvido pelas empreendedoras ceramistas de Padre Paraíso, nordeste do estado de Minas Gerais. Esta pesquisa exploratória com estudo de caso avalia a questão da satisfação dos compradores, consumidores de arte da cerâmica, no que tange a qualidade dos produtos e a visibilidade do trabalho das mulheres que produzem e comercializam peças cerâmicas nas estradas e feiras livres do Médio vale do rio Jequitinhonha. A metodologia deste estudo possui caráter descritivo e qualitativo; utiliza uma readaptação da abordagem teórico-metodológica SERVQUAL proposto por Parasuraman, Zeithaml e Berry (1985), cujo método afirma existir um hiato entre a expectativas e a percepção diante o processo de desenvolvimento de serviços. Os resultados obtidos sugerem que: os atributos da qualidade são delineados primordialmente pelas facetas empáticas e tangíveis; os consumidores utilizam tanto atributos intrínsecos quanto extrínsecos ao julgar a questão dos produtos e serviços; as percepções sobre processo de trabalho das ceramistas assinalam um conjunto de habilidades, conhecimentos e atitudes trilhadas na economia criativa e nos multirreferenciais da arte popular brasileira. Ao final, são discutidas as implicações socioculturais, comerciais e acadêmicas dos resultados obtidos nesse território multifatorial de contrastes.

MARCELO CALDERARI MIGUEL (UFES), ANA CLAUDIA BORGES CAMPOS (UFES), SANDRA MARIA SOUZA DE CARVALHO (UFES) / marcelocalderari@yahoo.com.br, anaborges32@yahoo.com.br, sandramsc@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 11. Sala 1, IC-3.

MULHERES QUE TRANSFORMAM A FOLIA: UM PERCURSO EMPREENDEDOR, UMA TRAJETÓRIA ENTRE EMPODERAMENTO, REFLEXÕES E TENDÊNCIAS

Situado no contexto dos estudos de gênero, comportamento e mercado, este artigo avalia a questão da qualidade tendo como foco as mulheres ambulantes no Carnaval da Região Metropolitana da Grande Vitória-ES (RMGV-ES) em 2017. A metodologia desta pesquisa possui caráter descritivo e qualitativo; utiliza uma readaptação do modelo Servqual de Parasuraman, Zeithaml e Berry (1985) para avaliar a execução de serviços femininos na folia capixaba. A questão primordial é avaliar a qualidade dos serviços ofertados, averiguando as múltiplas facetas (Confiabilidade, Empatia, Garantia, Receptividade e Tangibilidade) que tange a qualidade dos serviços das mulheres ambulantes. Portanto, sobre o prisma da clientela, o diagnóstico avalia as relações existentes entre qualidade e satisfação por meio por meio de um levantamento do tipo survey, com base um corte transversal coletado *in loco* por meio de um roteiro contendo as cinco dimensões da qualidade. Os resultados evidenciam o comportamento empreendedor feminino - dá visibilidade a um fato que se perpetua, com maior ou menor intensidade conforme o tempo e o contexto, ao longo de décadas: o abafamento, o silenciamento, a subvalorização da empreitada feminina – e, portanto, de sua voz, de seu pensamento, de seu modo de operar, seja em termos construtivistas, seja em termos reacionários. Se, no presente, essa condição parece se atenuar ou mesmo, em alguns lugares, desaparecer, forçoso é reconhecer que ainda hoje (e muito mais se retroagimos no tempo) tal condição prevalece.

MARCELO CALDERARI MIGUEL (UFES), ROGÉRIO ZANON DA SILVEIRA (UFES), ANA CLAUDIA BORGES CAMPOS (UFES) / marcelocalderari@yahoo.com.br, anaborges32@yahoo.com.br, rogerio.silveira@ufes.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

ENTRE LABIRINTOS E FILÉ, TRAMAM-SE FIOS E VIDAS: A PERCEPÇÃO DE QUALIDADE DOS PRODUTOS E A VISIBILIDADE DO TRABALHO DAS MULHERES RENDEIRAS DE MARECHAL DEODORO

Situado no contexto dos estudos de gênero e comportamento, este artigo avalia a questão da percepção de qualidade dos produtos e a visibilidade do trabalho das mulheres rendeiras de Marechal Deodoro, observando o trabalho feminino por amplos olhares. A metodologia deste estudo possui caráter descritivo e qualitativo; utiliza uma readaptação da abordagem teórico-metodológica Servqual, modelo proposto por Parasuraman, Zeithaml e Berry (1985). Examina a matriz importância & desempenho como ferramenta para análise dos dados em relação às dimensões da qualidade: Confiabilidade, Empatia, Garantia, Receptividade e Tangibilidade. Este diagnóstico, avalias as relações existentes entre qualidade e satisfação de clientes, por meio da revisão da literatura existente sobre artesanato sustentável na associação das Mulheres Rendeiras, com uso do método de coleta survey. Os resultados evidenciam o comportamento empreendedor feminino, ratificar as trilhas da economia Criativa e o percurso de validação e aplicabilidade da abordagem Servqual para diagnóstico da gestão do processo de desenvolvimento de serviços. As considerações finais trazem uma reflexão sobre a validade dessa base teórico-metodológica e, sinalizado as transformações na forma de pensar os papéis sociais de mulheres a partir de referenciais de cidadania, empoderamento e reconhecimento cultural. Acredita-se que a abordagem utilizada seja aplicável à avaliação da qualidade em outros tipos empreendimentos artesanais, visando defender o crescimento econômico regional e articular pesquisa, ensino e extensão.

MÁRCIA MOREIRA CUSTÓDIO (UFES) / marciamcustodio72@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

A ESCRITA *IN PROGRESS* DE MAURA LOPES CANÇADO

A linguagem da escritora mineira Maura Lopes Cançado em *Hospício é deus* (1965) e nos 12 contos da coletânea *O sofredor do ver* (1968) expressa elementos de teor autobiográfico em tal medida que é possível encontrar pistas da individualidade da autora. Indo além, nesse apego ao solo da realidade uma dicção de afetividade representa a voz de uma coletividade. Se no âmbito da realidade Maura, diagnosticada louca, passa pela experiência do hospício, então, quando em suas obras privilegia a temática da loucura com todas as implicações contextuais, em extensão de vida imprime *performance* ao seu discurso autoficcional. Esse trabalho, portanto, tem como objetivo mostrar que, conforme reelabora a vida no âmbito da ficção, a literatura de Maura manifesta as contradições do seu presente, numa linguagem que traduz o sentimento de angústia advindo da situação do louco submetido à violência do cotidiano do hospício. Como fio condutor, a discussão se embasará em alguns teóricos, como Diana Klinger, Márcio Seligmann-Silva e Michel Foucault.

MARCOS VINÍCIUS FERREIRA DE OLIVEIRA (UFJF) / viniciusmestico@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 5. Sala 5, IC-3

NARCISOS SEM ESPELHOS – DILEMAS DA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA EM DOIS CONTOS DE LÍDIA JORGE

O texto que por ora propomos tem como objetivo discutir algumas das questões relacionadas aos dilemas da narratividade no contexto da contemporaneidade**.** Em um mundo no qual todos parecem reivindicar protagonismos e todas as vidas parecem fascinantes, a grandeza épica dos fatos foi definitivamente substituída pela banalidade espetacular de um "eu" que dá mostras de ser cada vez mais potente, quase hegemônico, mas que, ao mesmo tempo, resulta ensimesmado, preso a um vazio de referenciais para aferir e afirmar seus códigos de conduta perante o "outro". Para tanto, escolhemos dois contos da ficcionista portuguesa Lídia Jorge, "Marido" e "Praça de Londres", cujos narradores e personagens nos fornecerão possíveis ângulos de observação dos dilemas contemporâneos da representação ficcional.

MARIA AMÉLIA DALVI (UFES) / mariaameliadalvi@gmail.com / Dia 21-11, 19h-21h30. Conferência. Audit. IC-2.

MULHERES DE PALAVRA, NAS LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Partindo de trabalho preliminar apresentado na última edição do evento local "Bravos companheiros e fantasmas" (realizado em 2016), apresentam-se novos dados e análises sobre a presença/ausência de mulheres no sistema literário do Espírito Santo, particularmente tomando como recorte a situação na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em correlação com dados institucionais oficiais sobre a situação econômica e étnico-racial dos estudantes de graduação e pós-graduação ao longo do tempo estudado – pois parece evidente que políticas inclusivas e afirmativas têm impacto substancial sobre o perfil de discentes e, consequentemente, de docentes na instituição, com desdobramentos sobre todo o sistema literário local. Foram produzidas, organizadas e analisadas séries históricas de informações atinentes: a) ao percentual de homens e mulheres ingressantes nas licenciaturas em Letras, nos cursos de mestrado e doutorado em Letras, no quadro docente da área de Literatura no Departamento de Línguas e Letras e no quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes; b) à presença de obras literárias escritas por mulheres na bibliografia indicada pelo vestibular da Ufes e pelo edital de seleção de mestrandos e doutorandos no curso de pós-graduação em Letras da Ufes; c) à presença de obras teórico-críticas escritas por mulheres na bibliografia dos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras da Ufes; d) à presença de mulheres na composição das bancas de avaliação de dissertações e teses em correlação com a presidência de tais bancas; e) à participação de mulheres nas bancas do Prêmio Ufes de Literatura e ao percentual de mulheres contempladas pelos distintos editais; f) à eleição da obra de mulheres como tema principal de trabalhos de conclusão de curso e como tema principal de dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes; g) à referência a obras literárias e teórico-críticas escritas por mulheres nas bibliografias das dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes; e h) à composição do comitê editorial, à organização de dossiês temáticos e à autoria de artigos na Revista Contexto. Face aos resultados, longe de uma postura lamuriosa ou ressentida, o que se quer é, de um lado, pensar conjuntamente sobre a realidade de que fazemos parte, com suas políticas de (in)visibilidade; de outro, apostar na presença crítica, resistente e *crescente* de mulheres de palavra, nas Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

MARIA APARECIDA RIBEIRO (UNIV. COIMBRA) / aparecida@mail.telepac.pt / Dia 20-11, 19h-21h30. Conferência. Audit. IC-2.

RACHEL DE QUEIROZ PARA CRIANÇAS: *DOCERE CUM DELECTARE*

Sempre discuti — e nisso tive boas companhias — se havia diferença entre literatura escrita para adultos (que ninguém diz que é a eles destinada) e literatura para a infância e juventude. Por outro lado, tenho procurado ver se os escritores que escrevem para esses dois públicos costumam tratar dos mesmos temas e utilizar linguagem semelhante. Entre eles, interessou-me particularmente a produção de Rachel de Queiroz, por ter sido sempre, como já a chamou Heloísa Buarque de Holanda, uma escritora na contramão da história. Defensora da mulher, mas feminista não assumida, passará ela esses valores às crianças? Amante do sertão e observadora da cidade, mostrando a grande marca que o Rio de Janeiro, onde morou de 1931 até sua morte, em 2003, deixou em sua obra, falaria ao público jovem desses dois espaços? E como? Escritora que se pergunta "para onde irá evoluir esta nossa língua portuguesa, que a maioria de nós já chama de brasileira" (Queiroz, 1989: 177), revelará essa preocupação em seus livros para a garotada? E a sua forma de narrar, que inviabiliza uma emoção sempre crescente de que tanto gostam os jovens, será que muda ao escrever para crianças e adolescentes?

MARIA APARECIDA SCARDUA (UFES), ARLENE BATISTA DA SILVA (UFES) / cidinhascardua@gmail.com, arleneincrivel@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

PRÁTICAS DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO COM SURDOCEGOS EM DIFERENTES CONTEXTOS

Este trabalho tratará das formas de interação utilizadas pelo guia-intérprete, em atuação com surdocegos em diferentes contextos. Utilizará os conceitos de Cader Nascimento & Costa, Maia, Masini, Aráoz, Wolney para fundamentar o estudo. É fato conhecido que a surdocegueira é uma condição única e não a soma das duas deficiências. Dessa forma este trabalho tem como objetivo principal investigar os modos de tradução/interpretação utilizados com dois surdocegos, sendo um congênito ou pré-linguístico (adolescente) e o outro pós-linguístico ou adquirido (adulto) nas cidades de Vitória e Vila Velha no Estado do Espírito Santo. Como metodologia, utilizará as técnicas de estudo de caso, a partir de uma pesquisa descritiva e exploratória. A coleta de dados se dará através de entrevista, com realização de filmagem. Os dados coletados serão transcritos, analisados e organizados para melhor compreensão do leitor. Espera-se como resultados verificar: a) se os surdocegos sujeitos da pesquisa compreendem as informações transmitidas por meio das estratégias de tradução/interpretação utilizadas pelos guias-intérpretes e pelos profissionais que atuam com esses sujeitos no contexto escolar; b) se as utilizações dessas práticas têm propiciado a integração e interação com a sociedade e/ou ambiente escolar. A partir deste estudo pretende-se contribuir para ampliação das pesquisas sobre atuação do guia-intérprete no Espírito Santo, bem como das possíveis formas de mediação cultural com o sujeito surdocego.

MARIA CLARA PIVATO BIAJOLI (Centro Universitário Anchieta) / mariabiajoli@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 1. Sala 1, IC-3.

JANE AUSTEN E O GÊNERO DO ROMANCE MODERNO: DA VISÃO DA UMA AUTORA PARA A CRÍTICA DO SÉCULO XX

Este trabalho propõe analisar a crítica literária registrada pela escritora Jane Austen (1775-1817) a respeito do gênero do romance. Ainda que Austen nunca tenha escrito nenhuma obra teórica, é possível perceber as opiniões e reflexões da autora sobre esse gênero que ganhava força em sua época através de duas fontes diferentes. A primeira, seus romances, além de serem exemplos em si do que a escritora considerava apropriado no gênero, contêm alguns indícios de sua visão sobre os romances populares de sua época e a atitude das pessoas em relação ao gênero de forma geral, em especial em Northanger Abbey, que é, ele mesmo, uma paródia do romance gótico. Além disso, temos uma outra fonte importante nas suas poucas cartas que sobreviveram, nas quais encontramos trechos mais claros em que Austen discute questões literárias e aconselha seus sobrinhos, que tentavam produzir suas próprias histórias, sobre quais caminhos seguir. Dessa forma, ao combinarmos os textos epistolares e fictícios de Austen, é possível delinear uma reflexão da autora sobre um gênero que se tornaria, depois, sinônimo de literatura e para o qual Austen passaria a ser vista como uma das pioneiras de sua forma "madura" e que lhe renderia um lugar incontestável no cânone inglês. Como conclusão, este trabalho propõe, por fim, comparar a visão de Austen com o que a crítica literária inglesa da primeira metade do século XX passou a definir como o "romance moderno".

MARIA CRISTINA CHAVES DE CARVALHO (UFES/FAPES) / mcriscar@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

A PROSA LITERÁRIA FEMININA EM CABO VERDE: DINA SALÚSTIO

Este trabalho tem o objetivo de suscitar reflexões acerca da escrita literária de autoria feminina, elegendo como objeto de estudo a ficção da escritora Dina Salústio, em que se propõe uma nova configuração para a mulher cabo-verdiana. Serão abordados o espaço e o corpo através de um mapeando de fragmentos do cotidiano crioulo cabo-verdiano. De acordo com essa perspectiva, a autora recupera gestos, ritmos e sensibilidades de mulheres silenciadas ao longo da história, e problematiza os papéis sociais que são atribuídos à mulher, contribuindo para a subversão aos modos como o feminino se articula em sua cultura. Assim como, de um modo geral, a oralidade permeia a cultura africana, a ficção salustiana vem enaltecer elementos da tradição oral, privilegiando a Morna, música típica de Cabo Verde que está intimamente ligada ao canto de mulheres. Neste sentido, pretende-se examinar como essa escrita vem sendo revelada em Cabo Verde, destacando estereótipos, preconceitos, sobretudo, a solidão e o silenciamento da mulher com o intuito de apreender o tom de voz feminino da cultura cabo-verdiana. Como suporte teórico para as análises, serão utilizados textos de Maria Aparecida Santilli, Simone Caputo Gomes, Inocência Mata, Manuel Ferreira, entre outros autores.

MARIA DA LUZ PINHEIRO DE CRISTO (UFES) / luzpinheiro9@yahoo.com.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

A CONSTRUÇÃO DO PONTO DE VISTA EM *QUARENTA DIAS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a obra da escritora Maria Valéria Rezende, autora contemplada recentemente com o Prêmio Jabuti e um dos nomes da literatura feminina contemporânea. Busca-se analisar a construção do ponto de vista e a figuração da errância no romance *Quarenta dias* (2014). A narradora Alice empreende uma viagem que busca um outro construído por fragmentos recolhidos no vagar pela cidade de Porto Alegre. Uma viajante solitária circunscrita ao próprio corpo. No fim da peregrinação, a experiência é registrada num diário que instaura novas instâncias de enunciação. O lugar ocupado pela narradora é seu próprio corpo. Todas as experiências são mediadas por este corpo colocado por decisão da própria narradora numa situação limite. Tomar a palavra – logo a escritura – reflete nesse cenário uma prática autoral também política, na medida em que constitui o gesto fundamental de reivindicação de um espaço escritural. A metodologia consiste em leitura e análise da obra de Maria Valéria Rezende à luz de teóricos dedicados a pensar a literatura brasileira contemporânea.

MARIA FERNANDA BRITO DE ARAUJO (UFES) / marife.araujo@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

OLHOS D'ÁGUA: A DOR E A BELEZA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A obra *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo, reúne contos absolutamente intensos, perturbadores, emocionantes. A autora escreve com linguagem poética, revelando beleza e sensibilidade mesmo nas histórias mais tristes e violentas. Trata da pobreza, da violência urbana, dos negros, da mulher. Conceição fala especialmente do seu lugar de mulher, negra, pobre. Traz a oralidade em cada conto, carregada de senso crítico. Pretende-se neste trabalho um ensaio a partir de Olhos D'Água para debater o lugar dessa fala ainda marginalizada, subalternizada. É necessária uma discussão que subverta o discurso hegemônico, que questione a forma como aprendemos o mundo, de acordo com Spivak, e que supere o pensamento abissal, como nos diz Boaventura Sousa Santos. O ensaio propõe trazer uma bela obra para falar da escrita feminina crítica e consciente, que questiona a invisibilidade da mulher, do pobre, do negro, à luz do pensamento contra hegemônico; propõe destacar uma escritora mulher brasileira e sua trajetória e, ainda, contribuir para o debate da literatura produzida por mulheres.

MARIA FERNANDA GARBERO (UFRRJ) / nandagarbero@gmail.com / Dia 21-11, 19h-21h30. Conferência. Audit. IC-2.

SEM PENA E SEM DÓ: NOS SUBSOLOS DE ANA PAULA MAIA

É a partir da condição de vulnerabilidade que nos encontramos com as personagens de *Assim na terra como embaixo da terra* (Rocco, 2017), de Ana Paula Maia. Nesse "encontro", escapamos com a perversa ilusão de liberdade do lado de fora das cadeias: o leitor e a leitora com sua vida "na moral", como diz o rap de Trilha Sonora do Gueto, numa das letras em diálogo com este trabalho, em que pretendo discutir a nossa relação com o que desejamos aniquilar, marcada pela fronteira "nós *versus* eles". Ao recuperar a perspectiva do subsolo como um espaço de separação entre o que sobre ele se expõe e o despejo daquilo e daqueles que precisam ser ocultados, a alegoria dos muros como cenário narrativo nos questiona, sem pena e sem dó: qual papel assinamos nessa prisão?

MARIA ISABEL FRANCO DE ABREU FALCÃO (UFF) / bebelfalcao@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

O TRABALHO AUTOBIOGRÁFICO DE ALINE KOMINSKY-CRUMB: EXPERIÊNCIAS FEMININAS EM QUADRINHOS

O universo dos quadrinhos sempre foi um domínio tradicionalmente masculino em que as mulheres autoras e desenhistas eram exceção. Com o surgimento dos quadrinhos underground, a questão de gênero começou a se fazer presente, uma vez que havia uma leva de artistas mulheres que passou a ocupar um espaço relevante, publicando os primeiros *comix* femininos (e feministas). Aline Kominsky foi uma das integrantes desse movimento nos anos 1970, produzindo um trabalho majoritariamente autobiográfico. Hoje, há uma abundância de *graphic memoirs* de autoria feminina, e Kominsky-Crumb foi precursora nessa área, ajudando a abrir caminho para toda uma geração de mulheres que narram suas memórias através dos quadrinhos. Aline Kominsky-Crumb expõe eventos íntimos de sua vida através do cruzamento de texto e imagem, que pode ser realizado de maneira singular no formato dos quadrinhos. Esse trabalho pretende investigar a maneira como esse caráter híbrido característico das *graphic memoirs*, que une a autonarração textual à autorrepresentação visual, é utilizado pela autora para relatar suas experiências como mulher no mundo. Para essa análise, nós levaremos em conta os questionamentos acerca da autoria feminina e da representação da mulher levantados pela crítica literária feminista (Toril Moi, Rita Felski); noções gerais acerca da autobiografia (Phillipe Lejeune, Elizabeth Bruss) e da teoria dos quadrinhos e das novelas gráficas (Scott McCloud, Santiago García, Hillary Chute); e estudos mais específicos sobre as autobiografias em quadrinhos, ou *graphic memoirs* (Elisabeth El Refaie).

MARIA MIRTIS CASER (UFES) / mirtiscaser@gmail.com / Dia 20-11, 19h-21h30. Conferência. Audit. IC-2.

A VIOLÊNCIA POLÍTICA EM QUATRO CONTOS DE *AQUI PASAN COSAS RARAS* DE LUISA VALENZUELA

Trata de analisar quatro contos de *Aqui pasan cosas raras* de Luisa Valenzuela, destacando os episódios de violência que invadem o cotidiano no período da ditadura argentina, implantada por Jorge Rafael Videla e seus partidários. A escassez de bens materiais e o medo da disseminada truculência policial provocam reações inusitadas, afiliando a autora ao movimento da narrativa fantástica desenvolvida no século XX – a "literatura do insólito" – segundo Roas (2014). Considerando os estudos de Masiello (1987), observa-se que a situação desnorteadora vivida no país engendra, por outro lado, reações de resistência que se manifestam tanto na literatura quanto no cinema ou na pintura. Valenzuela se vale de sua escrita ficcional para enfrentar a banalização da violência no seu país e denunciar por meio de linguagem irônica e incisiva a selvageria reinante. Os apontamentos de Genette (1989) permitem relacionar o desequilíbrio social e político com a instabilidade da linguagem, fluida e plurissignificativa, que depende do pacto ficcional para a produção de sentido.

MARIA MIRTIS CASER (UFES), LETÍCIA MACIEIRA MOROSINI (UFES) / mirtiscaser@gmail.com, morosini.leticia@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 17. Sala 208, prédio Bárbara Weinberg

TRADIÇÃO E RUPTURA EM *AS MENINAS,* DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Trata-se de analisar o romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, publicado no ano de 1973. Focaliza-se a personagem Lorena, buscando identificar na obra literária o pensamento da mulher da classe média, durante as décadas de 60 e 70, marcadas pelo regime ditatorial, que buscou invisibilizar a figura da mulher na sociedade. É através do olhar da jovem personagem burguesa, que, junto a mais duas personagens, compõe o foco central da obra, que veremos a mulher ganhar voz contra a ditadura e o patriarcalismo em um momento de repressão e intento de silenciamento de qualquer manifestação feminina. Analisa-se o modo como a personagem Lorena se constrói ao longo da narrativa, como mediado pela ironia, seu discurso deixa ver sua necessidade de devanear e de questionar seu lugar no sistema patriarcal que ela vivencia. Avalia-se ainda a sua necessidade de perpetuar alguns valores impostos por esse sistema a seu modo de viver, relacionando a personagem com a realidade da mulher da época. Utilizam-se como referencial crítico-teórico os apontamentos de Simone Beauvoir (1949), que nos convida a refletir sobre o lugar concedido às mulheres e sobre como esse lugar determina seu comportamento e a percepção de si mesmas; de Scott (1995), que nos conduz a perceber a necessidade de refletir sobre a categoria do gênero ao longo da história; de Oliani (2013), que levanta hipóteses sobre as representações femininas que compõem o romance diante do cenário de crise no cenário sociocultural, político e patriarcal; de Virgínia Woolf (2014), que indaga acerca de "como o papel social

destinado a cada sexo interfere no desenvolvimento de uma habilidade por vezes nata" e de Botelho et Leite (2015), que apresentam uma reflexão sobre o contexto social de produção da obra.

MARIA TEREZA AIGNER MENEZES (UFES) / mariamenezes2014@outlook.pt / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

O CORPO QUE PROVOCA

O estudo traz uma reflexão sobre a omissão do trabalho feminino especificamente no campo da fotografia. Apresenta-se duas artistas americanas que trabalham com produção fotográfica e enfatizaram o feminismo em suas produções, utilizaram-se de imagens presentes nos conteúdos de massa – TV, cinema, publicidade. Com o objetivo de dar visibilidade a produção feminina e destacar a importância da voz da mulher no campo da arte como protagonista. Analisa-se a produção de Cindy Sherman com a série "Untitled Film Stills" (1954), que conversa com a obra de Virgínia Woolf (2016), sobre o impasse da mulher em tratar o corpo e a sexualidade, Sherman, então, busca com seu trabalho perpassar as questões referentes ao corpo, uma vez que, utiliza seu próprio corpo em suas fotografias, tratando a questão do corpo feminino no cinema e a forma como é estereotipado nesse meio. Com Barbara Kruger (1945), em suas colagens usando da estética publicitária abordando as questões inerentes ao corpo, com questionamentos, como quando trata o aborto em sua obra "your body is a battleground". Essas artistas, fazem refletir o mito da feminilidade, descrito por Simone Beauvoir (1980). Este recorte contempla os trabalhos das décadas de 70 e 80 respectivamente, relacionando a dificuldade de aceitação da arte feminina pela sociedade. Este trabalho é realizado com parceria ao PET-Cultura, com orientação de Larissa Zanini.

MARIANA BATISTA DE JESUS (UFES/Capes) / marianbatista@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 11. Sala 1, IC-3.

A CIDADE DELAS - ARTE URBANA PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A discussão da temática da violência contra a mulher no Brasil vem ganhando cada vez mais espaço no debate público devido aos números gerados por este tipo de violência. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) o Brasil está na 5ª posição, entre 83 países no mundo, no ranking de feminicídios. Diante desta realidade, observa-se um movimento de mulheres artistas que, por meio da sua prática artística, reivindicam essa pauta, através da arte urbana. A pesquisa prévia sobre estudos que abordam a arte urbana enquanto ferramenta política são poucos e com desdobramentos principalmente baseados nos movimentos coletivos de reivindicações de caráter político ao redor do mundo. Tendo em vista o espaço urbano como campo para debates sociais, entretanto um território hostil e violento para mulheres, o objetivo deste estudo é analisar a produção artística do coletivo capixaba Das Mina, como ferramenta de ação política e empoderamento para combater esta violência, enquanto forma de construção de narrativas alternativas aos dispositivos midiáticos tradicionais, e assim compreender o processo de ressignificação da participação política e protagonismo da mulher e reterritorialização da cidade por meio da apropriação deste espaço por elas. Metodologicamente, as reflexões serão baseadas na análise dialógica do discurso proposta por Mikhail Bakhtin, que postulou que a linguagem é o campo da inter-relação dos discursos e que a obra deve ser estudada em sua totalidade, propondo uma análise para além do aspecto estético da obra de arte, em busca da multiplicidade de elementos do contexto histórico e social da produção. Desta maneira, a arte urbana, com sua potência transgressora, que utiliza a própria cidade como suporte para promover o diálogo, nos oferece um rico campo de imagens atuais para esta reflexão. Desta forma, o resultado esperado deste processo é apreender a utilização da linguagem visual como ação de resistência, onde mulheres, enquanto atores sociais historicamente invisibilizados, se comunicam com a cidade e encontram meios alternativos de participação política

MARIANA PASSOS RAMALHETE (UFES), SAMIRA DA COSTA STEN (UFES) / marianaramalhete@yahoo.com.br, samira.sten@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

LITERATURA JUVENIL E A CRÍTICA AO ETERNO FEMININO: UMA LEITURA DE *ANNE DE GREEN GABLES*, DE LUCY MAUD MONTGOMERY

O livro *Anne de Green Gables*, de autoria da escritora canadense Lucy Maud Montgomery, cuja publicação original se deu em 1908, é considerado um clássico da literatura juvenil mundial, com traduções para as mais diversas línguas, adaptações de animação, abarcando, mais recentemente (2017), a inclusão de seu enredo adaptado para uma série exibida em uma provedora global de filmes e séries de televisão. No Brasil, seu primeiro lançamento foi em 1939, circunscrito em uma coleção de livros chamada *Biblioteca das Moças*, que tinha como objetivo sedimentar os "bons costumes" e cristalizar uma visão frágil e reducionista da mulher, restrita apenas ao âmbito doméstico e/ou romantizado. Considerando, todavia, o caráter subversivo da protagonista Anne Shirley, essa produção literária destoa de muitos livros da coleção mencionada e direciona uma crítica perspicaz a uma sociedade machista e falocêntrica. Pautando-se em uma abordagem qualitativa, com procedimento bibliográfico-documental, este trabalho, portanto, visa a discutir proposições quanto à quebra de expectativas de uma obra inserida em um contexto social, cujo primado estabelecia, e ainda estabelece, a manutenção e/ou constituição do comportamento da mulher vassalo aos dogmas patriarcais. Para tanto, o diálogo será erigido a partir das reflexões de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo: fatos e mitos* (1970), especificamente na diatribe ao *eterno feminino*, a fim de se ponderar sobre uma obra literária que vai de encontro ao confinamento de mulheres à lógica da inferiorização.

MARISTELA RODRIGUES LOPES (UESC) / lopes.maristela@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

CARMEN DA SILVA: PERCURSOS LITERÁRIOS DE UMA JORNALISTA-FEMINISTA

Embora seja importante contribuição à sociedade e à cultura de um povo, a literatura produzida por mulheres ainda não tem o merecido reconhecimento. Muitas escritoras encontram-se no anonimato e correm o risco de terem o seu nome apagado da memória coletiva. Exemplo desse esquecimento é Carmen da Silva (1919-1985), que, apesar de ser considerada uma das precursoras do feminismo no Brasil e ter atuado ativamente na imprensa e contribuído para a autoria feminina, encontra-se quase desconhecida, principalmente nos espaços acadêmicos. Foi uma mulher à frente de seu tempo que, mesmo na Ditadura Militar, lutou por uma causa que reclama liberdade e igualdade, num ritmo incessante. Sartreana assumida, percebeu que o fato de relegar o Outro a uma condição de subalternidade exige, como reação, uma ação – individual e coletiva. Assim, convicta de que "o privado é político", reagiu com a palavra e escreveu, indo do literário ao não-literário, usando diferentes veículos de comunicação. Na Argentina, publicou seu primeiro romance, *Setiembre* (1957). No Brasil, publicou *Sangue sem dono* (1964), romance que dialoga com a produção literária de Simone de Beauvoir, assim como sua autoficção *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (1984). Produziu também a novela *Dalva na rua mar* (1965) e o roteiro de *A revolta dos anjos* (1972) para a TV Tupi. Além dos textos ficcionais, Carmen da Silva publicou inúmeros ensaios, nos quais, a exemplo de Betty Friedan, tocou no "mal sem nome". Assim, este trabalho se propõe a visibilizar o percurso e o legado dessa mulher, enfatizando a atualidade de sua escrita, a fim de manter viva sua memória, num momento em que o presente reclama o passado. Para tanto, em termos teóricos, são considerados a crítica feminista e os Estudos Culturais, além de conceitos como memória, literatura engajada e imprensa.

MARTANÉZIA RODRIGUES PAGANINI (UFES) / martanezia@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

LUGARES DA MEMÓRIA E DA EXPERIÊNCIA: EM *BECOS DA MEMÓRIA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Becos da memória, de Conceição Evaristo traz, em suas linhas, as marcas da experiência de personagens homens, mulheres e crianças, por meio do confronto entre o sujeito e a periferia. No romance, espaço de representação, expõe-se o espaço de marginalização, as lacunas da dor e do sofrimento do ser humano vivenciadas pelos sujeitos desprovidos socialmente, em meio aos becos sem saída das favelas urbanas. Nesse romance, são retratadas, a partir da memória da narradora, as dificuldades vivenciadas pelas personagens, em especial personagens femininas, em meio ao espaço de favelização e de desterritorialização desse lugar à margem do centro. A comunicação tomará como amparo os estudos de Berson (1999), Stuart Hall, (2009), Benjamim (1994), Bhabha (2011), dentre outros que teorizam à questão da memória, da cultura, da diáspora e suas relações com a experiência.

MEIRE LUCY CUNHA ARAUJO (UFF) / meire_lucycg@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

A POESIA DÁ O TOM: A DUPLA DESCOLONIZAÇÃO DO FEMININO GUINEENSE EM SEIS POEMAS

O corpo literário da Guiné-Bissau, em consequência da traumática "ocupação" colonialista, é ainda pouco difundido no contexto das literaturas dos países africanos de língua oficial portuguesa. Dentro deste contexto de inegável exclusão e silêncio, figura uma classe de indivíduos duplamente marginalizado nas estruturas de dominação, tanto por ser colonizado, tanto por ser mulher. A análise de poemas de Eunice Borges, Mariana Marques Ribeiro (Ytchiana) e Odete Costa Semedo encenam o crescente engendramento do sujeito social e poético feminino na produção literária da Guiné-Bissau. Os instrumentos que servem de base às reflexões são as antologias Poilão, de 1973; *Antologia dos jovens poetas*. Momentos primeiros da construção, de 1978; bem como a obra *Entre o ser e o amar,* de Odete Costa Semedo, de 1996. A análise mostrará o percurso que vai da escrita engajada contra a invisibilidade e apagamento do ser mulher até a discreta, mas inovadora, escrita do corpo e do prazer. O processo de criação do texto poético deixa entrever a gradual autonomia, quer temática, quer linguística, das poetisas demarcando, assim, tensões de ordem anticolonialista, ora da cultura, ora do indivíduo mulher.

MÔNICA GAMA (UFOP) / gamamonica@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 6. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

A FASCINAÇÃO: O DESEJO PELO DESCONHECIDO NA NARRATIVA FEMININA

Nesta comunicação, propomos a comparação de duas narrativas breves, "Bliss", conto de Katherine Mansfield (1918), e "EDickinsonRepliLuxe" (2008), de Joyce Carol Oates. Nesses textos, escritos com 90 anos de diferença, a tensão narrativa se constrói pela expectativa fascinada de mulheres que querem desvendar outras mulheres. O fascínio mobiliza a atenção e o desejo de agir segundo o desconhecido, movimento oposto à ficcionalização do masculino, que se percebe em risco diante do que vê como enigma. O conto de Katherine Mansfield é reconhecido como o texto que consagrou sua literatura e narra a história de um jantar oferecido por um jovem casal a seus amigos (modernos, interessantes, ligados às artes), encontro marcado pelo fascínio provocado por uma das convidadas. Na narrativa mais longa de Joyce Carol Oates, temos um futuro distópico que permite que possamos ir a uma loja e compramos algo semelhante a clones robóticos de personalidades (artistas e esportistas, por exemplo) – aqui também

acompanhamos a vida de um casal que deve lidar com o deslumbramento provocado pelo "clone" de Emily Dickinson. O objetivo desta comunicação é fazer uma comparação entre os textos para evidenciar como as duas autoras tematizaram a questão do corpo feminino, de sua relação com a criação ficcional e das imposições do mundo burguês patriarcal.

MORGANA MAFRA (CEFET-MG) / morganalvarengamafra@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 6. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

ORLAN: MULHERES A RE-EXISTIR

Proponho-me investigar as relações entre *fluxo/acontecimento* e *identidade/representação* na série de performances- cirurgias realizadas na década de noventa pela artista francesa ORLAN. O trabalho da artista suscita questões da imagem do corpo idealizado mulher, imerso numa lógica de *biopoder*. Já que nessas performances, de maneira irônica, a artista tem como referência ícones de beleza femininos da história da arte para as modificações plásticas de partes de seu corpo, de modo a compor na carne um corpo *múltiplo* de *virtualidades*. Alguns desses ícones são: o queixo da Vénus de Boticelli, a testa de Mona Lisa de Leonardo da Vinci; a boca de Europa de Gustave Moreau, o nariz de uma escultura de Diana da Escola de Fontainebleu e os olhos de Psiquê de François Pascal Simon Gérard. Para tanto irei debruçar sobre esses conceitos de *acontecimento, identidade, multiplicidade e virtualidade* desenvolvidos por Gilles Deleuze e o conceito de *biopoder* articulado por *Michel Foucault*. Em todas as sociedades o corpo está imerso em redes que lhe impõem certas regras, obrigações, limitações ou proibições. Cabe a nós, observarmos e refletirmos e por vezes problematizarmos esses paradigmas da sociedade ocidental capitalista contemporânea. Essa reflexão e problematização é desenvolvida de maneira visceral na obra da ORLAN, traçando o fazer de artista, como menciona *Renato Cohen*, como *ser que não se conforma com a realidade e visa através de seu processo alquímico de transformação, chegar a uma outra realidade*. Para adentrar de maneira mais minuciosa na questão da *mulher*, tão presente na obra da artista, irei lançar mão de noções feministas de gênero recorrendo a Judith Blutler, Paul Beatriz Preciado e noções de um corpo híbrido, ciborgue, evocando Donna Haraway. Esses são o objeto, alguns conceitos e autores que venho investigado e desdobrado durante minha pesquisa no mestrado.

MUNAH MALEQUE FELICIO (UERJ) / munahmalek@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 4. Sala 4, IC-3

CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM *CARTAS PARA MINHA MÃE* DE TERESA CÁRDENAS

Teresa Cárdenas é uma escritora cubana voltada ao público infanto-juvenil, que integra a geração de "escritoras negras ativistas", cuja força motriz de suas produções é a falta de representatividade de negros e negras no campo literário. Este grupo amplia a discussão da discriminação de gênero ao sobrepô-la à desigualdade racial, ou seja, abordam a intersecção de identidades sociais relacionadas de opressão, dominação e discriminação, atribuídas ao ser mulher e negra. Em *Cartas para minha mãe* (1998), publicada no Brasil em 2010 a personagem principal é uma menina negra que após a morte da mãe passa a viver com a avó, a tia e duas primas. Escreve cartas à falecida mãe na busca de romper a solidão e o silêncio. As cartas formam uma espécie de diário no qual é relatado o cotidiano da família, as descobertas da garota e as discriminações às quais é exposta devido à sua cor, traços, condição feminina e classe social. Ambientado em Cuba, o romance trata de temas como discriminação racial e de gênero, violência infantil e doméstica, estupro, pedofilia, solidão dos idosos, pobreza, relação entre brancos e negros, suicídio e morte. A menina, sem nome próprio, busca representar todas as suas iguais. À luz de Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde, Bell Hooks, Angela Davis e Lélia Gonzales, o que se propõem é uma discussão entre as opressões sofridas pela personagem pelo fato de ser mulher, negra e pobre e como essas três opressões somadas são abordadas no texto de Teresa Cárdenas.

NATHÁLIA CUNHA DE MELO NOBRE (UFF) / nathaliacmelo@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

O CANTO DE RESISTÊNCIA NA POESIA DE NOÉMIA DE SOUSA

O objetivo do presente trabalho é analisar a voz e a música como elementos de resistência na poesia de Noémia de Sousa. As poesias da moçambicana, ao convocarem o povo para o enfrentamento, enfatizam a voz como uma forte arma de reação contra os opressores. A música, além de ser um elemento de resistência e marcar as tradições e as culturas africanas, conforme observamos no poema "Súplica", é o que faz a luta da poetisa ultrapassar os limites de Moçambique e alcançar universalidade, como nas poesias "Deixa passar o meu povo" e "A Billie Holiday, cantora", por exemplo, em que o som que cruza o texto é o *spiritual* negro norte-americano. A poesia de Noémia de Sousa mostra a tomada de consciência por parte do oprimido, da mulher, do negro, e chama à resistência pela voz. Para fundamentar o trabalho e as análises dos poemas, recorremos à obra de Spivak, *Pode o subalterno falar?*, e aos artigos de pesquisadores como Laura Padilha, Carmen Lucia Tindó Secco, Simone Schmidt, Francisco Noa, Júlio Machado e Ana Mafalda Leite.

NATHALIA DE OLIVEIRA SOUZA (UEMG), BRUNA DAMAZO EVANGELISTA DE MORAES (FADILESTE), LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG / FACIG), LEONARDO GOMES DE SOUZA (UEMG), GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (UEMG) / nathyflores2@gmail.com, brunadamazo@gmail.com, lidianazare@hotmail.com,

leonardogomes.jhs@gmail.com, hottislyra@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

A VIDA TECIDA PELAS MULHERES DE MANHUMIRIM E MANHUAÇU

Este estudo tem como premissa o Projeto de Pesquisa: Estudos de gênero e etnia e sua repercussão na literatura e na sociedade em desenvolvimento neste ano de 2017, na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e Coordenação da professora Msc. Glauciene Januário Hottis Lyra. Sabe-se que, desde Homero, a mulher vem sendo representada com diferentes perfis e funções: Penélope, a esposa e sagaz tecedeira, Circe e Calypso, as amantes e sagazes traiçoeiras. Desde Platão, século IV a.C até o século XVII d.C o pensamento de Aristóteles, que concebe a literatura como imitação, toma a dianteira na história do pensamento estético. Considerava-se que a literatura assentava na "'imitação da realidade', de uma natureza interior ou exterior." (AGUIAR & SILVA, 1976, p.144), cuja propriedade de verossimilhança se definia por um não-verdadeiro que era semelhante à verdade e que, como já vimos acima, umas ações seriam representadas, enquanto outras sublimadas. Sendo assim, iniciamos uma pesquisa a fim de encontrar as tecedeiras e encontramos. Um trabalho de pesquisa na feira de artesanato de Manhumirim e Manhuaçu, visibiliza os trabalhos feitos com as mãos. Pensamos, então, no que motiva os trabalhos artesanais e encontramos, além de outros, as estórias de vida. Essas histórias aparecem nesse artigo e, também, num vídeo, que foi feito, a fim de visibilizar, para as cidades envolvidas e para as próprias tecedeiras as estórias motivadoras. Espera-se a sensibilização das cidades para as estórias contadas e trabalhos produzidos. Esse vídeo será utilizado na UEMG (Unidade de Carangola) como motivador do entendimento da relação entre a escrita, tecido, com o motivo que a faz acontecer, estória de vida da mulher. Clarice Lispector é um excelente exemplo.

NEIDE REZENDE (USP) / neirez@usp.br / Dia 21-11, 19h-21h30. Conferência. Audit. IC-2.

DE CECÍLIA MEIRELES A GRAÇA RAMOS: A IMAGEM NA LITERATURA INFANTIL

Em 1951, quando Cecília Meireles publicou *Problemas da literatura infantil*, ficava explícito um viés da crítica literária que resistia à presença de elementos visuais na literatura dirigida a crianças e adolescentes. Diante da ameaça dos meios de comunicação de massa que surgiam com força após a guerra, a crítica lamentava que esses elementos voltados para o entretenimento, representados sobretudo pelas ilustrações coloridas, desviassem o foco da linguagem verbal, considerada o único canal sólido de aprendizagem. Recentemente, em 2011, Graça Ramos publicou A *imagem nos livros infantis*. Caminhos para ler o texto visual, em que destaca com positividade a onipresença das imagens nos livros infantis atuais. Gostaria de voltar aqui à questão, explorando a historicidade de ambas as posições, a partir da ideia de *horizonte de expectativas*, de Hans R. Jauss.

NÍCEA HELENA NOGUEIRA (UFJF) / nicea.nogueira@ufjf.edu.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

"COISAS ESTRITAMENTE FEMININAS": A CRÍTICA FEMINISTA NA LEITURA DAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

Em uma crônica publicada no *Jornal do Brasil* em 24 de abril de 1971, Clarice Lispector enumera, em suas próprias palavras, "coisas estritamente femininas" ao referir-se ao lançamento de uma "Enciclopédia para mulheres" (título da crônica). Essa pequena lista, que inclui maquiagem, saber viver e trabalhos manuais, sempre foi compartilhada tanto pelo feminino como pelo masculino, o que redimensiona o conceito de gênero tão bem problematizado pela teoria literária feminista no final do século XX, principalmente nos escritos da crítica norueguesa Toril Moi (1985) e da filósofa norte-americana Judith Butler (1990). Este estudo tem como objetivo a discussão do rótulo "estritamente feminino" na problematização dos papéis sociais de gênero ainda pouco estudados nos textos jornalísticos da autora de *Perto do coração selvagem*. Clarice era uma mulher de seu tempo, com pontos de vista nitidamente circunscritos ao seu contexto histórico e social, porém, a liberdade e a ambiguidade que expõe as suas próprias opiniões nas crônicas do *JB* sobre questões de gênero revelam a sua percepção de que a realidade feminina não é monolítica, mas tem muitas nuances e variações, o que vem de encontro com as proposições de Moi e Butler quando leem a literatura de autoria feminina.

ORNELLA ERDÓS DAPUZZO (FURG) / ndapuzzo@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

O CARÁTER MÚLTIPLO DA NARRADORA EM *HOSPÍCIO É DEUS*: DIÁRIO I, DE MAURA LOPES CANÇADO

O discurso construído por Maura Lopes Cançado ao longo de seu diário intitulado *Hospício é deus*: diário I (2015), revela um processo de deslocamento dessa narradora que se vê – e é posta – ora como louca, ora como lúcida. Essa diferenciação de sentimento e imposição identitária revela a nós leitoras (es) um possível caráter múltiplo do *eu* da narrativa, que se desloca entre a loucura e a lucidez. A partir de tal consideração, o presente trabalho tem por objetivo discutir como se constroem as identidades de Maura (narradora) ao longo do movimento narrativo efetivado através da escrita quando em estado de internação no Hospital Nacional Pedro II (RJ). Com caráter bibliográfico, esta pesquisa contará com o resgate de reflexões referentes às noções de "loucura", "clausura" e "literatura" (em suas singularidades e conversações) através de discussões realizadas por diferentes autorias, tais como Monique Plaza, com o estudo "A escrita e a Loucura" (1990), Lisa Appignanesi com o trabalho "Tristes, loucas e más: a história das

mulheres e seus médicos desde 1800" (2011) e, por fim, Marcela Lagarde y de los Ríos com as considerações em "Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas" (2015).

PAULO DUTRA (Stephen F Austin State University) / paulorsdutra@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

ASPECTOS DA CRÍTICA CONTEMPORÂNEA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

A imaginada escassez de representantes femininas nas letras brasileiras no século XIX e, sobretudo, a falta de visibilidade a elas imposta podem ser explicadas tanto pelo contexto da produção e da difusão da literatura quanto pelos paradigmas utilizados como medida de valor das obras em geral no Brasil dos Oitocentos. Tais condições, associadas ao protótipo de recepção crítica levado a cabo no século XX, terminaram por reservar a esses textos jazigos e, na maioria das vezes, valas comuns da historiografia literária no Brasil. Atualmente, porém, a literatura produzida por mulheres nesse período tem despertado interesse renovado e está em marcha um processo que visa a exumar tais obras. Os efeitos dessa tendência, felizmente, conjugado ao crescente interesse pela chamada literatura negra, alcançaram a literatura da (talvez) única representante da diáspora africana na época: Maria Firmina dos Reis. Uma quantidade razoável de estudos dedicados a essa autora maranhense, que hoje em dia é considerada a primeira romancista do Brasil, já está disponível nos meios acadêmicos. Aqui, portanto, pretende-se uma revisão desses estudos em contraponto direto com o texto literário com o intuito de identificar quais são as principais ferramentas teóricas das quais se têm lançado mão no decorrer desse processo de construção da fortuna crítica de Maria Firmina. O objetivo final é desvelar quais seriam os paradigmas atuais propostos como medida de valor da mesma e, consequentemente, como essa crítica aborda o período aqui referido.

PAULO MUNIZ DA SILVA (UFES) / apollovalentin@uol.com.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 1. Sala 1, IC-3.

O MURO SOB O OLHAR FEMININO DE ÉVELYNE PÉRÉ-CHRISTIN

Diante de tantos escritos masculinos acerca dos muros como maus artefatos a serem demolidos ou erguidos para separar o diferente, como uma escrita de autoria feminina, na entrada do século XXI, pensaria esses elementos arquitetônicos a partir dum olhar teórico, crítico e poético? Em resposta, proceder-se-á a uma breve leitura do livro *Le mur*: un itinéraire architectural (PÉRÉ-CHRISTIN, 2001), pontuando contatos com a escritora Jane Jacobs (1961), Sartre (1939), Serres (1994), excertos da Bíblia (1963) e outros. Admite-se que que para além obstáculos de confinamento e discriminação, os muros também conotam a proteção, a estabilidade estruturante do "não" e os locais das espiritualidades plurais. Mas contra a liberdade para as amplas combinações e discussões que os atuais espaços democráticos conquistaram, há certa concepção política que se empenha em neutralizar as formas anárquicas geradas nos ambientes que congregam pessoas de variados gêneros e etnias, conforme seus próprios limites e aberturas às negociações (SILVA, 2014). Para isso, forças conservadoras arcaicas têm redesenhado os espaços refratários, imunes às misturas de cada um de nós. Nesse contexto, vale refletir nas múltiplas funções que o olhar feminino pode produzir acerca dos muros, nestes tempos de guerra contra os direitos das minorias. Em nível de conclusão, espera-se situar o muro a partir duma visão plural e global, na convergência da sensação, da história e da metáfora, que acomode as complexas afinidades entre o ser humano e os espaços.

PEDRO ANTÔNIO FREIRE (UFES) / gazulinazul@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

HILDA HILST: PARRICIDA E PARRESIÁSTICA

Salienta-se aqui que "em 1990, Hilda Hilst era uma autora de muito prestígio com a crítica mas de público restrito" (HILST, 2014, contracapa), para afirmar que, insatisfeita por essa notoriedade bastante seletiva, ela dá uma virada radical em sua obra e passa a produzir uma literatura visceral, escatológica, rompendo com uma série de tabus sexuais promovidos por nossa sociedade para, assim, buscar um novo nicho de leitores e, por conseguinte, alcançar uma popularidade já conquistada por autores predominantemente pertencentes ao sexo masculino. Diante disso, este trabalho propõe uma leitura de parte das obras da autora que produzidas em determinada fase e que foram recentemente reunidas sob alcunha de *Pornó Chic* (op. cit.) pela Editora Globo. Isso, já levando em consideração a infelicidade da escolha do referido título para a coletânea; a diagramação em tons de rosa da mesma; o fato de, entre os seis autores escolhidos para a fortuna crítica, presente em citada edição, apenas uma mulher constar ali; entre outros questionamentos que possam surgir. Em paralelo, será trazida à tona a noção de "parresía": "Um homem **[uma mulher]** se ergue diante de um tirano e lhe diz a verdade" (FOUCAULT, 2010, p. 49, grifos meus), apresentada pelo pensador francês em O *governo de si e dos outros*, para uma tentativa de se discutir o quanto que o despotismo do senso comum pode influenciar de maneira mais que acintosa na produção literária feminina, sobretudo naquilo que atinge as demandas do corpo, tanto seu quanto alheio.

PEDRO DORNELES DA SILVA FILHO (UFF) / dorneles.pedro@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 11. Sala 1, IC-3.

A POÉTICA DE ELISA LUCINDA: ATRAVESSAMENTOS, CONEXÕES E COERÊNCIA

O presente artigo objetiva realizar um passeio crítico-reflexivo pela atuação de uma das mais completas (no que concerne à multiplicidade de atividades) artistas da cena cultural contemporânea no Brasil: Elisa Lucinda.

Capixaba, autora de livros de poesia, e da biografia romanceada sobre o poeta português, Fernando Pessoa, tem sua produção literária amparada em características muito próprias e de significativo potencial estético. Seus textos ora declaradamente de cunho politizado, ora magistralmente destiladores dos meandros da subjetividade, convidam-nos à reflexão sobre o ser e estar no Mundo. O leitor de sua produção é estimulado a interagir a todo instante; uma vez que a linguagem utilizada em sua poética tem um caráter de altíssima comunicabilidade. Seus textos têm como aspecto marcante a intenção de inquietação/provocação do pensamento de seus destinatários. Traz como traço uma espécie de retórica poética. Elisa funda significados, harmoniza-os, ilumina-os, perfuma-os e lhes faz pulsar repletos de vida. E é sobre esta habilidade que vamos abordar aqui. Baseando-se nas palavras de Antonio Candido sobre a importância da literatura na formação do Homem, bem como as noções de texto, interação e produção de significados, tão bem expressos por Ingedore Villaça Koch em seus trabalhos na Linguística textual e, ainda, no estreitamento da relação entre a literatura e os estudos culturais, apontadas pela crítica de Beatriz Resende, é que cruzaremos alguns materiais da artesania poética da escritora com *o corpus crítico-teórico*. Pensaremos como o trabalho de Lucinda em dizer poesias, sua formação teatral, enfim, sua atividade cultural diversificada, podem ajudar a redimensionar a literatura, num gesto de circulação mais intensa deste tipo de produção e, com isso, estabelecendo uma rede efetiva de significados.

RACHEL SUTON-SPENCE (UFSC) / suttonspence@gmail.com / Dia 21-11, 9h-11h30. Conferência. Audit. IC-2.

LITERATURA EM LIBRAS FEITA POR MULHERES

Qual a importância do conceito de gênero feminino ou masculino dos autores nos estudos de literatura em Libras? A literatura é surda ou é feminina, ou pode ser ambas? Nesta palestra vou apresentar um levantamento das produções literárias das principais mulheres surdas que fazem literatura – no Brasil e em outros países. Falando dos pioneiros (e das pioneiras) de literatura surda, vemos que os homens dominam o campo numericamente, mas que as mulheres sempre participaram (ex. Nathan Lerner & Feigel 2009, Sutton-Spence et al em prelo). Vemos que as mulheres contribuíram aos diversos gêneros literários (Gilbert & Gubar 1979, Karnopp 2008, Müller & Karnopp 2015,) embora o gênero de vernácula visual, atualmente muito valorizado, seja mais produzido por homens. Considerando os estilos literários e os conteúdos dos poemas das antologias em línguas de sinais, vimos que os conteúdos não são muito diferentes entre os homens e as mulheres. Há poucos exemplos de "Literatura surda feminina" em comparação com a "literatura feminina" dos ouvintes. Devido à importância do corpo na literatura surda sinalizada (Rose 1992, 2006), podemos ainda perguntar "onde está a mulher surda na literatura em libras?" Uma análise dos conteúdos de literatura mostrou que as mulheres falam de autobiografia, mas não apenas de "ser filha, ser esposa, ser mãe" (Christie & Wilkins 2007). Mostramos a importância de as mulheres atuarem como autoras para o desenvolvimento da literatura em Libras, para a comunidade surda e para todas as mulheres.

RAYANA ABRAHÃO NETTO FRANKLIN (UFES) / rayana.netto@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

ANNE DE GREEN GABLES E O SEU PROTAGONISMO DESMISTIFICANDO O IDEAL FEMININO IMPOSTO

Há 109 anos, Lucy Maud Montgomery publicava o seu primeiro livro da trajetória da Anne, a menina ruiva e sardenta que quebraria o modelo do protagonismo feminino imposto pelos contos publicados dos Irmãos Grimm. Com o auxílio da Disney, os irmãos Grimm perpetuaram o imaginário infantil com o ideal da conduta feminina em Cinderela. No entanto, agora, com o auxílio da Netflix, possuem louvável concorrente para familiarizar os telespectadores com o discurso feminino indireto, em que deixa evidente o inconformismo da menina diante das limitantes pelo fator gênero. Os enredos das duas protagonistas são antônimos. Enquanto a Cinderela possui a roupagem da garota ingênua e desprotegida, em que faz do encontro com o príncipe encantado a sua única forma de concretizar a sua felicidade, a pequena órfã vem arrebatando o imaginário e o consciente humano deixando evidente a sua personalidade transgressora à época, e ensinando que *"meninas podem fazer qualquer coisa que um menino faz, e muito mais".* Nesse sentido, caminha a pesquisa de como obras escritas e dirigidas por mulheres, neste caso o livro Anne de Green Gables por Maud, podem desmistificar o típico perfil da mulher ideal como protagonista. Indo além, buscar-se-á averiguar como a referida obra vem gerando novos caminhos e perspectivas para as crianças ao questionar a representação das mulheres nas histórias. Para tanto será realizada análise acerca dos estudos de gênero, a partir da obra "Tendências e impasses - o feminismo como crítica da cultura", organizada por Heloísa Buarque de Holanda, com o escopo de demonstrar a importância de termos mulheres como protagonistas da própria fala.

RAYANA ABRAHÃO NETTO FRANKLIN (UFES) / rayana.netto@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 1. Sala 1, IC-3.

POR TRÁS DA MUTILAÇÃO FEMININA EM ÁFRICA: SE A CULTURA FERE O SEU CORPO, POR QUE PRESERVÁ-LA?

Planeta Terra, composto por mais de cento e noventa (190) países, no qual possui leque vasto de povos com diferentes atributos culturais, temos como ideal que ao nos depararmos com novas e desconhecidas culturas a postura que deve se sobressair é o respeito. No entanto, há práticas que ocasionam repulsa ao receptor, em que nem os argumentos das crenças místicas respondem o porquê daquele ritual. A mutilação feminina, que consiste na

remoção ritualista parcial ou integral da genitália externa, é prática milenar em povos africanos, e mesmo com a solicitação da ONU (Organização das Nações Unidas) pela eliminação e repudiando tal ação, continua-se sendo legitimada com argumento da tradição. Com o intuito de instruir as pessoas com os valores desta crença africana e suas consequências, este trabalho elabora uma pesquisa buscando os mitos por detrás das tradições da circuncisão feminina, tendo como atributo o relato da modelo somali Waris Dirie, no qual externou em seu livro 'Flor do Deserto' suas memórias ao ser circuncisada aos, apenas, cinco (05) anos. Para tanto, para passar informações atualizadas e concretas será demonstrado material jornalístico, como os da jornalista portuguesa Sofia Branco, além dos posicionamentos da ONU (Organização das Nações Unidas) perante a cruel atividade.

RAYLTON CARLOS DE LIMA TAVARES (UFPA), ROSÂNGELA DO SOCORRO NOGUEIRA DE SOUSA (UFPA) / rayltoncarlos@gmail.com, rsns@ufpa.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 18. Sala 308, prédio Bárbara Weinberg

ABUSOS DE PODER E SUBVERSÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS CONTOS *VELAS. POR QUEM?* E *CHUVAS E TROVOADAS*

Este trabalho é resultado de uma análise que buscou identificar e evidenciar, em contos de Maria Lúcia Medeiros, relações de poder, particularmente o abuso de poder e a subversão. Tem como aporte teórico-metodológico os estudos críticos do discurso, em especial a Análise de Discurso Crítica (ADC), desenvolvidos por Fairclough (2001) e van Dijk (2015), que consideram o discurso como uma prática social, moldado pelas relações de poder e ideologias. Pressupomos que esses contos seriam proveitosos à nossa pesquisa, pois os textos ambientam-se num período no qual, em Belém e em grande parte do Estado, impunham-se os costumes europeus, período conhecido como *Belle Époque*. Os contos que compõem o *corpus* desta pesquisa são *Velas. Por quem?* (1990) e *Chuvas e trovoadas* (1994). A análise deu-se de maneira interpretativa, averiguando como a materialidade linguística constrói o sentido desejado/esperado. Os resultados evidenciam que, no primeiro conto, o abuso de poder demonstra-se no fato de que a personagem principal, além de ser menor de idade, sofre abusos sexuais na residência onde é submetida a uma situação análoga à escravidão, ao passo que, no segundo conto, a subversão evidencia-se por meio do comportamento da personagem principal, que se inquieta com as normas as quais é obrigada a seguir e seu descontentamento implicava em atitudes que desestabilizavam a ideologia do que era ser feminina ou de como devia portar-se uma mulher naquela época.

REGINA DALCASTAGNÉ (UNB) / rdalcastagne@gmail.com / Dia 20-11, 9h-11h30. Conferência. Audit. IC-2.

O LUGAR DAS MULHERES NO CAMPO LITERÁRIO BRASILEIRO

Quando falamos em mulher é preciso lembrar que a condição feminina é, sempre, plural. Se é legítimo entender que as mulheres formam um grupo social específico, na medida em que a diferença de gênero estrutura experiências, expectativas, constrangimentos e trajetórias sociais, por outro lado a vivência feminina não é una. Variáveis como raça, classe ou orientação sexual, entre outras, contribuem para gerar diferenciações importantes em suas posições sociais – e elas, ao fazer suas próprias escolhas, ao aderir a conjuntos de crenças e a valores diversos, vão também perceber-se no mundo de maneiras diferentes. Os problemas e desafios que enfrentam são em parte comuns ao "ser mulher", em parte específicos, em parte, até mesmo, opostos entre si. A riqueza desta condição feminina plural se estabelece exatamente na tensão entre unidade e diferença, e a questão que se coloca aqui diz respeito a quanto desta riqueza está presente no campo literário brasileiro hoje. A discussão se dará a partir de extensos levantamentos sobre o romance e sobre a crítica literária em periódicos acadêmicos nas últimas décadas.

REJIANE DOS SANTOS TEIXEIRA (UFES) / rejianest@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 13. Sala 5, IC-3.

AS MULHERES MOÇAMBICANAS E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL POR MEIO DOS RITOS DE INICIAÇÃO FEMININOS EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA DE PAULINA CHIZIANE

Os ritos de iniciação femininos africanos fazem parte de uma tradição que apresenta as mulheres africanas de Moçambique como protagonistas destes ritos que estabelecem seu lugar em meio a sociedade, e eles dão à mulher moçambicana a responsabilidade por guardar e transmitir as práticas de seu povo às novas gerações. Mas ao serem condenados e proibidos pelo colonizador português por meio das regras e imposições da religião cristã, estas mulheres têm seu papel na tradição dissipado junto ao seu lugar na sociedade. Em *Niketche: uma história de poligamia*, da moçambicana Paulina Chiziane, estes ritos são apresentados aos leitores e tratados por uma perspectiva que situa o passado e o presente de uma sociedade que foi corrompida pelo colonizador e teve, após sua libertação, a emergência da modernidade introduzida pelo partido Frelimo que manteve a condenação dos ritos de iniciação femininos. Neste trabalho os ritos serão analisados objetivando mostrar sua importância para a mulher moçambicana e para a sociedade, além de questionar o lugar de algumas destas práticas em um mundo capitalista e eurocêntrico. Os estudos da socióloga Signe Arnfred e Isabel Maria Casimiro serão utilizados como aporte teórico para esta discussão por tratarem da relevância dos ritos para a mulher moçambicana após a colonização.

RENATA BOMFIM (UFES) / renatabomfim2006@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 11. Sala 1, IC-3.

O "TINTILAR DOS ROSÁRIOS": UM OLHAR SOBRE OS CONTOS "SÓROR MATHA" DE GUILLY FURTADO BANDEIRA E "AS ORAÇÕES DE SÓROR MARIA DA PUREZA", DE FLORBELA ESPANCA

Guilly Furtado Bandeira (1890-1980) e Florbela Espanca (1894-1930) são personalidades literárias que contribuíram para o avanço da escrita de autoria feminina em língua portuguesa. Ambas publicaram obras em poesia e prosa que abrigam múltiplas imagens femininas: a virgem, a impossível, a pária, a infanta, a deusa, a mãe, entre essas e outras mais destacaremos a da sóror. A representação da freira, ou irmã de caridade, está enraizada na cultura lusófona e oscila entre os campos da santidade e do profano. Esse estudo tem por finalidade analisar a formulação da "sóror" enquanto emblemática de um modelo feminino literário profícuo em sentidos e variações a partir dos contos "Sóror Martha", de Guilly Furtado Bandeira, nono conto da obra *Esmaltes e camafeus* (1914), considerada a primeira publicada por uma escritora capixaba, e "As Orações de Sóror Maria da Pureza", do livro *O Dominó preto,* possivelmente escrito por Florbela Espanca em 1927, mas, publicado apenas em 1982. Interessa-nos observar como as personagens femininas, — mulheres privadas do convívio social, fadadas ao silêncio e punidas por sua sensualidade —, vivenciam o interdito, a clausura e o luto amoroso, bem como, na narrativa, o riso irônico, jogos de palavras e um léxico rebuscado com adjetivação excessiva serve como camuflagem, máscara que deixa transparecer a face ambígua, —sombria e luminosa — de um modelo feminino que tem como espelho o arquétipo da virgem mãe, Maria. Esse estudo tomará como aportes teóricos a Estética da Recepção, a partir dos pressupostos de Hans Robert Jauss, a Psicologia Arquetípica de Carl Gustav Jung, a Teoria da Linguagem, segundo Mikhail Bakhtin. Lançaremos mão, ainda, da contribuição de estudiosos como Mircea Eliade, Michel Foucault, Gaston Bachelard, Maria Lúcia Dal Farra e Gilbert Durand, tendo como metodologia a Teoria Comparativista.

RENATA CRISTINA ALVES DO CARMO JANTORNO (UFES) / renatinhacris-ccb@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 10. Audit. IC-2

PIADAS EM LIBRAS: O USO DA EXPRESSIVIDADE E DA PERFORMANCE NA PRODUÇÃO DO HUMOR SURDO

Esta comunicação relaciona-se ao uso da performance na construção de piadas em Libras. Trata-se de uma pesquisa documental, cuja fonte principal são registros audiovisuais. Para este trabalho, a abordagem teórica utilizada está ancorada nos Estudos Culturais, a partir do pensamento de Stuart Hall (1997), nos estudos sobre o Humor (BERGSON, 2001; POSSENTI, 2003) e nos estudos sobre a Performance (ZUMTHOR, 2000). Pretende-se analisar a atuação do tradutor/intérprete em vídeos de piadas disponíveis no site da TV INES e no Youtube, para compreender os elementos linguístico-discursivos, culturais e performáticos que geram um efeito cômico de modo a construir o humor surdo nessas narrativas. Os resultados das análises evidenciaram que o tradutor-intérprete não faz uso apenas de sinais, mas sim constrói um contexto fazendo uso de recursos não-manuais, como expressões faciais e corporais, uso de classificadores e, muitas vezes, incorporando os personagens, para, assim, causar, no leitor, o riso, por meio de uma linguagem imagética. Desse modo, a tradução/criação de piadas exige do tradutor/intérprete o conhecimento profundo da linguagem corporal, não-verbal, da criatividade e de aspectos culturais sobre estereótipos em relação a surdos e ouvintes.

RIVANA ZACHÉ BYLAARDT (IFES São Mateus) / rivabyl@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 4. Sala 4, IC-3

AMOR, ESCRITA, SUBVERSÃO: A PROBLEMÁTICA DO CASAMENTO NOS CONTOS DE EMILIA PARDO BAZÁN

Neste trabalho, por meio da análise dos contos **El encaje roto** e **La novia fiel**, de Emilia Pardo Bazán, se estuda como a autora espanhola da segunda metade do século XIX problematiza o relacionamento amoroso entre homem e mulher, em que o casamento é considerado o momento culminante na vida dos noivos. Mulheres lutadoras, vingativas ou vencidas, caminham por possibilidades muito estreitas de transgressão dos papeis impostos pela sociedade, mas ainda assim são capazes de rechaçar a hipocrisia e a compaixão como elementos constitutivos de um matrimônio. Em uma sociedade em que o casamento era condição iniludível para que a mulher se sentisse completa, a solidão é uma forma de vida aceita com consciência por essas personagens, indo contra a moral da época que exigia submissão e resignação às mulheres, por serem consideradas as responsáveis pelos aspectos dolorosos da vida a dois. Ademais, registram-se as ações cotidianas que reapresentam ao leitor a vida social do último quarto no século XIX, sob a ótica realista/naturalista e, como seguindo a poética vigente, a autora denuncia a assimetria entre os sexos, que resulta em um baile de sedução, caracterizado pelos implícitos, pois, segundo as regras sociais de então, as jovens tinham no casamento a única possibilidade de ascensão social, mas não podiam demonstrar o interesse na busca pelo companheiro. As ideias contidas em *El amor en los cuentos de Emilia Pardo Bazán*, de Ángeles Quesada Novás (2005), *Sexo y lenguaje en Emilia Pardo Bazán:* la desconstrucción de la diferencia (1995), de Maryellen Bieder, além das concepções encontradas na produção da própria escritora corunhesa, servem de apoio teórico.

ROBERTA NUNES ANDRIÃO (UERJ) / nunesbeta@yahoo.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 5. Sala 5, IC-3

PERSPECTIVA FEMININA SOBRE A MEMÓRIA DO COLONIALISMO PORTUGUÊS EM *A COSTA DOS MURMÚRIOS* DE LÍDIA JORGE

À identidade portuguesa vincula-se a navegação, a expansão ultramarina e as conquistas além-mar. Em *A costa dos murmúrios* (1988) a escritora portuguesa Lídia Jorge procura retomar a memória de um outro aspecto do colonialismo que o imaginário português parece insistir em não relembrar: as guerras coloniais e seus aspectos de violência, irracionalidade e crueldade. Entretanto, estes aspectos não são destacados a partir da descrição de batalhas e lutas, mas na perspectiva de quem fica à espera dos combatentes. A memória é retomada pelo olhar de uma

protagonista mulher que observa as experiências das mulheres que, como ela, aguardam em um hotel pelo retorno de seus maridos oficiais, ao mesmo tempo em que vive suas próprias experiências em uma cidade que parece também esperar, mas que revela uma dinâmica própria, ainda que vinculada à guerra. Apoiando-se em um discurso que pensa a construção da narrativa à medida que a constrói, em atitude autorreflexiva, esta volta ao passado contada nas palavras da protagonista não parece ser um retorno nostálgico, mas sim uma reavaliação crítica, postura semelhante a que Linda Hutcheon (1991) atribui aos romances pós-modernos que questionam as narrativas totalizantes de nossa cultura. Explorando as reflexões de Eduardo Lourenço (1994) sobre identidade e memória no contexto português e a exposição de José Gil (2004) sobre as *mentalidades* portuguesas, este trabalho procura discutir como a distinção entre o feminino e o masculino se articulam no romance e como a perspectiva do olhar feminino escolhido pela autora contribui para uma nova abordagem para a leitura literária do colonialismo português.

ROGÉRIO SOARES (UFES) / rogeriossoares@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

A MULHER EM O *ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA*: UMA VOZ COLETIVA NO "PAÍS DA ARCÁDIA"

A partir dos ensaios de Theodor Adorno "Por que elaborar o passado" e "Palestra sobre lírica e sociedade", buscarei apontar em o *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, obra de 1953, que remonta, na perspectiva de "suplementação do moderno", conceito de Derrida, apontado por Silviano Santiago, o processo de releitura do passado histórico. Nessa perspectiva, Cecília acrescenta ao universo histórico-poético de Vila Rica, do final do século XVIII, os momentos antecedentes à Inconfidência Mineira e ao dia 21 de abril de 1789. A autora destaca por meio de 85 romances e alguns tópicos nomeados como a "Fala inicial" e a "Fala aos inconfidentes mortos" – discurso que fecha o romanceiro- passagens líricas revestidas de marcas do Arcadismo e da História. Além disso, a poeta oferece voz aos anônimos do lugar que participaram ou não desse movimento emancipacionista. Procurarei apresentar passagens em que as personagens são mulheres anônimas – caso dos romances "IV ou Da donzela assassinada" e "X ou Da donzelinha pobre"- e conhecidas, que tiveram suas vidas de certa forma modificadas para o bem ou para o mal nesse contexto lírico, apresentado por Cecília Meireles. Tais como os casos de *Chica da Silva*, *Bárbara Eliodora*, *Maria Ifigênia* e *Marília* (pseudônimo de Maria Joaquina Dorotéia de Seixas). Desse modo, constrói-se uma voz coletiva, a fim de propor uma reflexão lírica daquele acontecimento em que muitos inocentes foram mortos.

ROSANA CARVALHO DIAS VALTÃO (IFES Alegre) / rosanad@ifes.edu.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

ESSAS MULHERES: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM *OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Conceição Evaristo traz, para o universo literário, vozes e espaços que até recentemente estavam afastados desse campo; suas obras a periferia, a mulher e a negra trazendo seu próprio discurso, seu jargão, sua realidade, sem mascarar ou se dissolver na literatura elitizada; a voz da mulher negra sendo dita e ouvida não por um interlocutor, mas por si mesma. Neste trabalho, propomos, então, investigar as representações femininas das obras Olhos d'água, conto (re)publicado recentemente em uma coletânea com o mesmo nome – Olhos d'água (EVARISTO, 2016); buscamos, desta maneira, representações de mulheres a partir de outra perspectiva social, que rompa com a percepção de mundo daqueles que monopolizaram o lugar da fala no campo literário até o início do século XXI. As obras de Conceição Evaristo abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe, o que quer dizer que as representações da realidade trazidas pela autora têm o desafio de revelar a diversidade de percepção de mundo, é uma oportunidade de falar de si e do mundo ao seu redor. Para isso, dialogaremos com os estudos de Roger Chartier no que se às noções conceituais de práticas, representações e apropriações; nas contribuições de Beatriz Resende sobre as expressões da literatura brasileira contemporânea; e Silva de Oliveira no tocante à produção de Evaristo.

ROSÂNGELA APARECIDA REIS COSTA (UFES) / rosangelareiscosta@hotmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 11. Sala 1, IC-3.

AS DUAS FACES DO SACRISTÃO NO CONTO "O DOURADO E O NEGRO"

Propomo-nos uma análise do conto "O dourado e o negro", do livro *O Jardim das Delicias*, de Bernadette Lyra, autora capixaba, cuja poética é instigante. O tema do nosso olhar é o sacristão; o que mais nos chamou atenção nesse conto foi a forma sutil como a autora nos faz refletir sobre a condição humana ao retratar o "ossudo sacristão" e o seu desejo oculto pelo arcanjo escultural. Diante dessa percepção, interessou-nos investigar mais detidamente como se deu a construção do personagem sacristão. Espera-se, com essa investigação, desse modo, comprovar o desejo e a culpa presente nesse personagem que pode representar uma multidão de pessoas que muitas vezes se escondem por detrás de tantas máscaras ou faces. Para esse propósito, nos ajudará a compor esse artigo, o texto de Beth Brait, o qual nos mostra o que é um personagem, Rogério Tomaz que ressalta o lugar da diferença, fazendo crítica à sociedade patriarcal e excludente, chamando o indivíduo a libertar-se das amarras sociais e morais e Deneval Siqueira Azevedo Filho que nos ajuda a vislumbrar a escrita lyriana.

ROSE MARY ABRÃO NASCIF (UFJF) / rosemma@terra.com.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 4. Sala 4, IC-3

IMAGENS DISTORCIDAS DA MULHER PELO VIÉS MASCULINO EM *CINE PRADO*, DE ELENA PONIATOWSKA

Nossa proposta consiste na análise do relato curto *Cine Prado* (1967), da mexicana Elena Poniatowska, em que se evidenciam certos mecanismos de dominação ancorados no imaginário masculino, aqui moldado pelo esgarçamento das barreiras entre o real e o fictício. No conto, concebido no formato próximo ao epistolar, um cinéfilo mexicano, casado, se apaixona pela imagem de uma atriz francesa de filmes eróticos, cuja sensualidade ele inicialmente aceita por concebê-la como circunstancial ou artificial, postura logo abandonada por acreditar que o alvo de seu desejo, no mais recente filme, se entrega de fato a um dos personagens com quem contracena. O ciúme corrosivo enseja uma reação violenta, motivada por uma suposta inadequação comportamental da mulher, levando-o a investir sobre a tela para assassinar aquela de quem ele cobra fidelidade incondicional. Com base na divisão de papeis sociais e sexuais determinada pela lógica androcêntrica, examinada por Pierre Bourdieu, nos deparamos com o processo de objetificação do corpo feminino ao qual, por seu suposto poder de atração e de sedução, impõe-se o dever de "recusa seletiva" para preservar a exclusividade do "consumo ostentatório" do macho. Por sua vez, ratifica-se a imagem da mulher como símbolo de corrupção e devassidão, aqui retratada pela mulher francesa, mormente associada à emancipação feminina, em contraste com a ilusória e limitada tolerância disseminada como inerente ao machismo latino-americano, ainda prevalente em nossos dias.

RUTILEIA GUSMÃO PINHEIRO (SEDU), LEANDRO ALVES WANZELER (SEDI) / rutigusmao@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 19. Audit. IC-2

OS ENFRENTAMENTOS DOS PRECONCEITOS LINGUISTICOS SOCIAIS DA MULHER POBRE SURDA E NEGRA

Este estudo tem como perspectiva analisar, investigar a importância e o papel da mulher na sociedade patriarcal e machista, a qual o preconceito se torna presente nas esferas sociais. Nosso objeto de estudo contempla a mulher pobre, surda e negra que sofre tanto o preconceito linguístico quanto o racial e social. O estudo da história Afro-Brasileira torna-se obrigatório no currículo escolar, Lei (11645/08), isso mostra o ganho dos movimentos sociais e a inclusão da legitimação dessas pessoas no espaço multicultural escolar. No Brasil, as questões educacionais a respeito da surdez, foram moldadas a partir de constantes movimentos de lutas sociais da comunidade surda, uma das conquistas de maior relevância social foi o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como língua natural por meio da lei n°10.436/02 que foi ratificada pelo Decreto n° 5.626/05.O Brasil com a legitimação da Libras teve avanços, todavia, o preconceito linguístico, racial, o machismo e a homofobia, ainda se torna eminente nos espaços sociais e educacionais. As normatizações nacionais apontam a importância de uma educação bilíngue, pois, é a partir da aquisição linguística da Libras e da Língua Portuguesa na modalidade escrita, que as crianças surdas estabelecem aprendizagens significativas. É por meio da Libras que os sujeitos surdos escrevem suas próprias significações, apropriam–se dos conhecimentos da Língua Portuguesa na modalidade escrita, tornando-se assim, leitores e produtores de textos. Quando as escolas incluem todos os discentes de forma igualitária no espaço educacional, esses indivíduos conseguem encontrar seus valores e se colocarem enquanto sujeitos críticos e pensantes na sociedade, com resultados visíveis da paz social, Stainback (1999).Ao tecermos sobre as mulheres pobres surdas e negras, essas discriminações e segregações se tornam ainda mais eminentes pelos fatores socioeconômicos, raciais e sexista, tendo a escola como papel fundamental de reprodução de ex/inclusão social.

SABRINA CRISTINA DOS SANTOS (UFJF) / sabrina_sasantosjf@outlook.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

O EROTISMO EM RITA LEE: UMA ANÁLISE DE SUA LÍRICA EM UM CONTEXTO DE LUTA POR ABERTURA POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO SOCIAL DA MULHER

Em *História da sexualidade*, Michel Foucault nos leva a pensar nas relações de poder que nascem a partir da repressão da sexualidade. Sob essa perspectiva, é interessante pensar na repressão ao corpo feminino, que perpetua até os dias atuais, e em como essa negação ao corpo constrói um indivíduo subjugado por outro. Na maior parte das vezes em que o erotismo feminino aparece, embora o eu - lírico seja feminino, a voz por trás desse eu - poético é masculina. Podem-se citar obras de artistas renomados, como Chico Buarque, por exemplo. Embora muitas de suas canções possuam um eu - lírico feminino, o agente por trás da criação permanece sendo um homem (que se julga capaz de falar, com tanta propriedade, dos sentimentos mais profundos de alguém que ele não é). Obviamente, tais obras não devem ser desprezadas, mas é importante levar em consideração que, a partir da década de 70, as mulheres tomaram maior espaço no meio artístico (mais especificamente na música) e, nesse sentido, surgiram diversas canções que falavam sobre as mulheres e que eram escritas por mulheres. Em seu artigo "Políticas do corpo e música popular: mulher e sexualidade no Brasil (1970-1980)", Adalberto Paranhos discute a ascensão da liberdade de expressão afetivo - sexual que teve início na década de 70 e o consequente aumento expressivo de compositoras que tematizavam o erotismo em suas obras. Sob esse viés, é fundamental problematizar as implicações sociais que essa liberdade de expressão poderia acarretar. De forma mais específica, a análise irá se debruçar sobre a lírica de Rita Lee. Dentre suas canções, podemos fazer um levantamento de uma série de letras que tematizam o erotismo feminino. Letras como "Baila comigo", "Banho de espuma", "Flerte fatal" e "Pega rapaz" trazem à tona a sexualidade e o erotismo sob o ponto de vista da mulher (ela é o eu - lírico e é também a autora) e evidenciam a necessidade de analisar a autoria feminina e sua relevância para a luta desse grupo social.

SAMUEL DE OLIVEIRA MORAIS (UFES), JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA (UFES) / samuel.morais.oliveira@gmail.com, jefferson_lsb@hotmail.co / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 10. Audit. IC-2

A PERFORMANCE DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM PEÇAS TEATRAIS

As produções dos espetáculos teatrais cada vez mais buscam alcançar todos os públicos, entre os diferentes espectadores estão as pessoas surdas, que necessitam da interpretação do espetáculo para a sua primeira língua, a língua brasileira de sinais – Libras. Para que tenha a interpretação dos espetáculos para a Libras, é realizado um árduo trabalho, não apenas da produção e direção pensando em um novo elemento, a presença do intérprete de Libras, mas de todos os envolvidos. Pensar em acessibilidade exige conhecer a tarefa do intérprete de Libras, e principalmente o público alvo, para que obtenha uma interpretação com qualidade e o objetivo seja alcançado. O intérprete de Libras em seu trabalho perpassa por três etapas: estudo prévio, treinamento e atuação/performance (GRUTZMACHER et ali, 2014, RIGO, 2014 e HORWITZ, 2014). A pesquisa busca comentar as estratégias tradutórias e interpretativas dos tradutores e intérpretes Língua Portuguesa-Libras atuantes em peças teatrais. Problematizando os procedimentos e as técnicas de traduzir e de interpretar em espaços cênicos. Percebendo as performances e uso do efeito de corporeidade perceber o processo tradutório e interpretativo das escolhas e estratégias desses intérpretes ao incorporar os personagens das cenas e atos teatrais. A partir disso, tecer comentários sobre o processo interpretativo com base em categorias de interpretação e de elementos estéticos e estilísticos produzidos no par linguístico Português-Libras. Contribuindo para a formação de tradutores e intérpretes que atuam e/ou desejam atuar nesse contexto.

SARA NOVAES RODRIGUES (CESV) / novaes.sara@terra.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 12. Sala 3, IC-3.

UM PROFESSOR E SUA ALUNA: A VISÃO FEMINISTA DE CHARLOTTE BRONTË

Uma das forças de Charlotte Brontë como escritora é a sua determinação em mostrar a mulher como um ser capaz de produzir renda para si e sua família e de interagir na sociedade, de maneira lúcida e inteligente. Suas heroínas não carregam bandeiras de protesto, mas sabem impor tão convictamente as suas crenças que seus amados acabam cedendo e encontram nelas parceiras no trabalho e nos ideais. Ao mesmo tempo, a autora mostra, através de seus personagens masculinos, que também os homens são passíveis de incertezas e fragilidades, algo não aceitável numa sociedade patriarcal como a do século XIX na Inglaterra. Faz-se, neste trabalho, uma análise de dois personagens bronteanos, um homem e uma mulher, à luz da crítica feminista, que reconhece o esforço da autora para ver uma afirmação da mulher na sociedade.

SAYONARA BESSA CIDRACK (UFC), EDILENE RIBEIRO BATISTA (UFC) / sayonaracidrack@yahoo.com.br, ribeiroedilene@yahoo.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

FAZER LITERÁRIO DE ANA EURÍDICE EUFROSINA DE BARANDAS COM A TEMÁTICA DO AMOR EM "EUGÊNIA OU A FILÓSOFA APAIXONADA"

Por muito tempo, o cânone literário brasileiro favoreceu, exclusivamente, o masculino, considerando a contribuição feminina, em nossa cultura literária, a partir da modernidade. Entretanto, desde o processo de colonização da nossa nação, haviam mulheres que produziam textos literários. Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806-?) é um exemplo dessa afirmação. Esta Autora, situada na Segunda Fase do Neoclassicismo, rompeu com os padrões estabelecidos pela sociedade falogocêntrica e dedicou-se à poesia e à prosa (contos, crônicas, novelas e romances), fazendo-se Sujeito em uma época em que a mulher era vista apenas como o Outro. Em muitos de seus escritos, ela questiona o papel da mulher no sistema patriarcal e trata de várias temáticas, como a pátria e o amor, por exemplo. A partir do exposto, esclarecemos que, neste trabalho, analisaremos o conto "Eugênia ou a Filósofa Apaixonada" (da Autora acima citada), abordando a questão do amor romântico, baseado também na ideia proposta por Anthony Giddens (1993), do amor apaixonado (teoria que começou a ganhar forma no final do século XVIII e chegou à sua expressão plena no século XIX). Nessa análise, levaremos em conta os aspectos e as características da escola literária e o período em que se encontra o texto de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas. Também é nosso interesse, aqui apontar as possíveis causas que provocaram o silenciamento da escritora em destaque neste estudo e, consequentemente, investigar o processo de violência simbólica pela qual ela passou. Para isso, nos basearemos em teóricos como Antonio Candido, Constância Lima Duarte, Elisabeth Badinter, Mary Del Priori, Norma Telles, Zahidé Lupinacci Muzart, entres outros.

SILVANA PINHEIRO (UFES) / pinheirosilvana12@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

INTERSEÇÕES DE TEMPOS NA POESIA DE ADÉLIA PRADO

O presente trabalho trata da análise de "Com licença poética" e "Grande desejo", os dois primeiros poemas do livro de estreia de Adélia Prado, *Bagagem* (1976). A análise considera as variadas interseções de tempos presentes nos poemas, pelas vias da intertextualidade com a lírica modernista; do regime de historicidade do feminismo presente em seus versos, dialogando com as realidades da experiência do passado e o horizonte de expectativa que envolve a condição da mulher na história; e das confluências autobiográficas que entrecruzam aspectos ficcionais e auto-referenciais da poetisa. As contribuições teóricas que embasam o trabalho estão no conceito de *regime de*

historicidade, formulado por François Hartog (2015), nas categorias *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, conforme define Reinhart Koselleck (2006) e nas reflexões de Antônio Cândido (1989) a respeito da *autobiografia* nos textos poéticos de autores brasileiros do Modernismo. O objetivo do trabalho é evidenciar como, a partir dos cruzamentos entre aspectos dos poemas e das categorias teóricas explicitadas, delineiam-se algumas características da obra de Adélia Prado, que se farão presentes ao longo de toda a sua obra poética posterior, já apontadas pela crítica literária no Brasil, no que diz respeito ao lugar do feminino em sua poesia.

SÔNIA MARIA FERREIRA DE MATOS (UFJF) / soniamfmatos@yahoo.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

REALIZAÇÕES AMOROSAS: TEMPO DE TORNAR-SE MULHER

Para este texto, faremos uma análise dos poemas "*Essa moça*", de Júlia Couto, "*Cry me a river*", de Mel Adún, e "*Ensaio sobre nós*", de Elizandra Souza. Estes poemas foram publicados no livro *Ogum's Toques Negros: coletânea Poética.* Buscamos lançar nosso olhar sobre os poemas supracitados com o intuito de observar como estas mulheres afro-brasileiras tecem em seus poemas o "ser" mulher. Se, como diz Simone de Beauvoir "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher." (1990, p.9), como, em seus teceres poéticos, estas mulheres dão conta do "tornar-se" mulher. Ao dar voz ao seu "eu lírico", essas mulheres deixam vir à tona seu empoderamento diante do amor, são livres e dizem a que vieram. Deixam de ser objetos para tornarem-se sujeitos, para alçarem voo e voz, para viver a transcendência além da imanência comum ao ser humano. Com o traço firme de suas mãos traçam seus destinos e fazem-se donas de si.

SUZANE MORAIS DA VEIGA SILVEIRA (UFF) / suzanemveiga@yahoo.com.br / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 14. Sala 7, IC-3

UMA POÉTICA À SAFO: O EROTISMO, O CORPO E O FEMININO EM GILKA MACHADO

Na conjuntura do Brasil do fim do século XIX e início do século XX, o Rio de Janeiro se configurava como um polo econômico e cultural de referência nacional, num período conhecido como *belle-époque*, quando uma elite carioca procurava assemelhar-se ao modo de vida europeu. É neste contexto sócio-político de transformações que se encontra o fazer poético de Gilka Machado (1893-1980). Transgressora, provocou furor com a publicação de seu primeiro livro *Cristais Partidos* (1915), contendo poemas com alto teor sensual, cuja proposta poética de um erotismo sensorial culminará em *Meu Glorioso Pecado* (1928). O seu trabalho poético é marcado pela contestação à condição subalterna da mulher, por um erotismo ligado a Safo e pelo desvelamento do corpo da mulher através da desrepressão da sexualidade, empreendida pelo desejo. Desse modo, Gilka Machado formula em seus poemas *personas* femininas que desempenham encenações de um corpo erotizado, através da recorrência a imagens que remetem aos sentidos e à ligação da mulher à natureza (pulsões eróticas). A análise crítica, através de detalhada leitura dos poemas da escritora Gilka Machado e amparada sob os conceitos obtidos com os textos teóricos, constitui a metodologia deste estudo, que busca refletir sobre o projeto poético empreendido pela autora na construção de uma poesia centrada no desejo e em uma escrita-corpo erótica.

TAILANE DA SILVA SANTOS (UEMG), LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/ FACIG), GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (UEMG) / tailanesantos2011@hotmail.com, lidianazare@hotmail.com, hottislyra@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 7. Sala 304, prédio Bárbara Weinberg

A MULHER E A SOCIEDADE: A INFLUÊNCIA DO SOCIAL NAS PRODUÇÕES DAS ARTESÃS DE DIVINO

Este estudo tem como premissa o Projeto de Pesquisa: Estudos de gênero na literatura e sua repercussão na sociedade, em desenvolvimento neste ano de 2017, na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e Coordenação da professora Msc. Glaciene Januário Hottis Lyra. Antônio Cândido (2006) acredita que a história da literatura brasileira atravessou dois grandes momentos: um de imposição e outro de adaptação da matriz cultural Ibérica. Afrânio Coutinho (1968) acredita que a adaptação foi mais considerável que a imposição. Mary Del Priore (1997) afirma que a história da mulher é também uma história de toda sociedade, envolvendo lutas e subversão ao sistema e ideologias. Opiniões dessa natureza contribuem para que se compreenda mecanismos de construção de identidades, tais como a imposição cultural a grupos indefesos como ocorreu no Brasil, na relação Colonizador/Colonizado. Como aluno de Letras faz-se necessário debruçar-se sobre práticas discursivas hegemônicas, que deixam minar a diferença, resultando na relação centro *versus* margem. A partir de tal entendimento teórico, escolheu-se para objeto de estudo os trabalhos das artesãs da cidade de Divino -MG, objetivando-se verificar como o meio social exerce influência sobre essas mulheres e seus trabalhos e se o que é gerado segue um padrão pré-definido. Se, por exemplo, o artesanato produzido é feito com material da região ou com outro vindo de fora, se ele é produzido para sustento do lar ou como um meio de distração e se ele retrata/ representa uma realidade vivida por elas. Este estudo justifica-se, considerando-se os objetivos do projeto em questão que é o de levar à comunidade de Letras e a outras reflexões em torno da relação história/literatura/sociedade e a construção da diferença.

TANIA SARMENTO-PANTOJA (UFPA) / nicama@ufpa.br / Dia 20-11, 19h-21h30. Conferência. Audit. IC-2.

LUGARES CONTIGENTES: O CORPO, O RIO E A CIDADE COMO LOCUS POÉTICO EM SAMANTHA DE SOUSA E NATHÁLIA CRUZ

O presente estudo parte da produção poética de duas escritoras distintas: Samantha de Sousa e Nathália Cruz, ambas radicadas em Belém(PA). Na primeira observa-se a escavação da relação erótica – posto que extremamente sensorial – direcionado a um lócus que se estende do corpo humano ao corpo das paisagens em volta. Nathalia Cruz, por sua vez, constrói uma instigante trajetória sobre o conhecimento das coisas. Conhecimento que muitas vezes se faz pela desconfiança em reação ao ordinário ou pela necessidade de desconhecer ou mesmo deseducar o corpo e a paisagem ao redor. Desse modo, na busca por intensificar a trajetória do corpo potencializa-se os corpos-paisagens do rio e da cidade. É justamente por buscarem ir além da pele desses corpos vivos ou inanimados que percebemos uma aproximação entre as duas escritoras. A compreensão desses corpos vivos ou inanimados nelas se desenha como projeto poético: primeiro por estarem na condição de ser-palavra; segundo, por se encontrarem tomados em seus significantes pela possibilidade da desestabilização.

TATYANA RODRIGUES BARCELOS (IFES), LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO (IFES) / tatyrb5@gmail.com, leticiaqc@hotmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

A SUBVERSÃO FEMININA SOB A ÓTICA DA CARNAVALIZAÇÃO

Esta pesquisa propõe-se a analisar os contos "A paixão da sua vida", "Contos em letras garrafais" e "Nunca descuidando do dever", minificções presentes no livro *Contos de amor rasgados* (1986) da autora Marina Colasanti. Nesses textos, a autora, volta-se prioritariamente para o público adulto, com uma escrita metafórica de traços fantásticos e utiliza-se do gênero cômico-sério para subverter de maneira risível as relações entre homens e mulheres, construindo, assim, novos comportamentos ressignificados. Neles, o cotidiano amoroso é constituído por quebras de expectativa que têm como consequência maior a descanonização da tradição, quebrando a rigidez do tratamento dado às relações afetivas no mundo real. Dessa maneira, objetivamos analisar esses contos tendo como base o conceito-chave de Mikhail Bakhtin sobre carnavalização proposto no livro *Problemas da poética de Dostoievski*. Em uma sociedade cuja cultura dominantemente androcêntrica é sempre monologicamente séria, absolutista, homogeneizante, em que a existência do outro (esse outro, no caso, a mulher) é cotidianamente negada, se faz necessário ser subversiva no seu sentido dialogicamente alegre, relativo, heterogêneo. Faz-se imprescindível trazer o outro, também sujeito, para o centro "da festa", dos olhares, da existência na sociedade. Assim, analisar esses contos sob o viés de da carnavalização bakhtiniana se constitua de alguma maneira uma possibilidade de se refletir, de maneira burladora e sarcástica, sobre o processo de redescoberta da mulher negando risivelmente a cultura dominante e propondo uma possibilidade de pensamento, um outro ponto de vista que ao invés de negar o indivíduo mulher, o acolhe como sujeito dialógico, agente transformador da realidade ao seu redor e de si mesmo.

THIAGO LEONELLO ANDREUZZI (Unicamp) / thiago.literato@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 6. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

DESAFIANDO O CONCEITO DE "MONSTRO": *FRANKENSTEIN* E A "MONSTRIFICAÇÃO" DOS *OUTSIDERS*

Analisando a obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, busca-se compreender a crítica de um padrão racionalista de interpretação do mundo, em auge no século XIX, bem como sua relação com o contexto sócio-cultural pós revoluções francesa e industrial, quando confronto étnico-social é agravado e vem à tona através do progresso e discurso científicos. Para tanto, será levado em consideração os critérios de construção do(s) monstro(s) formulado pela literatura Gótica em língua inglesa, tais quais os critérios étnicos, físicos e estéticos de grupos *outsiders* (ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*). Através da figura do monstro, busca-se compreender as discussões entre natureza, artificial e sobrenatural, discurso político e literatura, discurso científico e normatização de preconceitos, na formação e/ou apropriação do monstro, visto como uma contrafação de humano. Ou seja, será explorado como a figura do monstro e seu antagonista e criador serviram como um aviso ao avanço científico desprovido da ponderação sobre suas consequências, ao mesmo tempo em que foram apropriados pelo discurso dominante, especialmente no que se refere à política. A análise se centra na representação das figuras do monstro, dotada de potencial transgressor, e na figura do filósofo natural que detém o poder de decisão sobre os benefícios e prejuízos que o monstro carrega, e que aparece como o elemento normatizante do corpo individual e social da sociedade industrial e da literatura produzida por ela, criando, assim, um diálogo entre sociedade, ciências e literatura.

THIARA CRUZ DE OLIVEIRA (UFES) / cruzthiara@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 11. Sala 1, IC-3.

A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA EM *CIÇA* E *CIÇA E A RAINHA*, DE NEUSA JORDEM POSSATTI

A literatura, entendida como componente importante na constituição do indivíduo, tem lugar significativo na construção e representação identitária, o que pode implicar na elaboração positiva ou negativa de si e do outro, sobretudo, para crianças. Significa dizer que especialmente a literatura infantil requer uma atenção às representações, sendo de suma importância que haja, cada dia mais, estudos críticos acerca dos livros de literatura voltados à criança. Sendo assim, proponho analisar neste trabalho a construção e representação da personagem negra na obra da escritora capixaba Neusa Jordem Possatti, tomando os livros *Ciça* e *Ciça e a rainha*, ambos publicados em 2012. Para tanto, recorro a estudos críticos sobre relações étnico-raciais e literatura infantil no que se refere à representação da criança negra, principalmente a apontamentos de Aracy Martins. Dessa forma, espero contribuir para o conjunto de

estudos que vem analisando a questão dos estereótipos na literatura infantil, bem como alertar sobre os possíveis efeitos dessa representação para a formação da identidade das crianças leitoras.

VALCI VIEIRA DOS SANTOS (UNEB) / valci@ffassis.edu.br / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 5. Sala 5, IC-3

O UNIVERSO TRÁGICO MODERNO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE FLORBELA ESPANCA

Florbela Espanca, escritora portuguesa de Vila Viçosa, desde quando iniciou sua produção literária, deixou transparecer a força produtiva de uma escrita feminina marcada pela fusão definitiva da arte e da vida. A voz pulsante que se acha presente em sua poesia, nos contos, cartas e diário é denunciadora de estados d'alma que atravessam a poética e a narrativa com temas multifacetados: a melancolia dolorosa, a solidão dilacerante, a visão desencantada, o sentimento nostálgico, a morte e o litígio com o social etc. Para lidar com esse universo permeado de contradições e conflitos, Florbela Espanca aciona sua veia transgressora para melhor saber lidar com o sentimento trágico moderno. Sentimento este que revela profundas experiências de homens e mulheres que tentam sobreviver às ambiguidades de uma sociedade marcada pela insensibilidade. Ao penetrarmos no universo trágico moderno de Florbela Espanca, pretendemos fazê-lo à luz dos estudos de Raymond Williams (2002), o qual, em sua obra *Tragédia moderna*, apresenta-nos escritos sobre a literatura trágica moderna, especialmente a que se refere à tragédia social e pessoal. O pensamento de Georg Lukács (2009), em seu *A Teoria do Romance*, também servirá de base para as nossas reflexões, sobretudo quando evidencia a solidão como algo paradoxalmente dramático, sendo, assim, a verdadeira essência do trágico. Lukács traz uma outra problemática que abre caminhos para a compreensão do "eu" trágico moderno florbeliano: "essa solidão enseja novos problemas trágicos, o verdadeiro problema da tragédia moderna: a confiança." Pretendemos, pois, com fulcro nas concepções de Raymond Williams e de Georg Lukács acerca das noções de tragédia moderna, e seu campo de atuação, a exemplo da figura do herói trágico, dilemas, valores e suas provocações contextuais, compreender a literatura caleidoscópica de uma eminente escritora portuguesa que não mediou esforços para fazer valer o seu "afinado desconcerto", e cujos estilhaços ainda sentimos propagar nos nossos dias.

VANDA LUIZA DE SOUZA NETTO (UFES) / vluizaletras@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 5. Sala 5, IC-3

AS *CARTAS PORTUGUESAS* E AS QUESTÕES DO FEMININO, 300 ANOS DEPOIS

O presente artigo busca analisar alguns aspectos relativos às relações intertextuais e aos estudos culturais, em duas obras da Literatura Portuguesa, *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado e *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Dentre as várias linhas de análise literária, a Literatura Comparada revelou-se proveitosa, pelo cotejo de semelhanças e diferenças entre os textos que dialogam entre si. Para isso, foi fundamental o suporte teórico de Antoine Compagnon, Terry Eagleton, Stuart Hall, Massaud Moisés, dentre outros autores.

VANESSA FERNANDES DIAS (UEMG), LIDIA MARIA NAZARÉ ALVES (UEMG/FACIG), GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA (EST Brasil) / vanessafernandes088@gmail.com, lidianazare@hotmail.com, hottislyra@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA ATRAVÉS DA ARTE

Este trabalho está inserido no Projeto de Pesquisa: Estudos de gênero na literatura e sua repercussão na sociedade, em desenvolvimento neste ano de 2017, na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e Coordenação da professora Msc. Glaciene Januário Hottis Lyra. O presente estudo tem por finalidade mostrar como a mulher pode criar diferentes realidades com as artes desenvolvidas e se tal arte influencia ou é influenciada pela sociedade onde vive. Pretende-se analisar os motivos que geram o trabalho das mulheres de Divino-MG e se seus feitos são produzidos com itens locais ou vindos de outra região. Para embasar tal pesquisa elegeu-se como escopo teórico os autores Antônio Candido e Afrânio Coutinho, pois ambos realizaram estudos acerca do processo de imposição e adaptação cultural por parte da matriz colonizadora ibérica e a autora Mary Del Priore, que desenvolveu estudos a respeito da história das mulheres e suas produções no Brasil desde o período colonial. A escolha dos autores supracitados deu-se devido ao fato de que suas pesquisas condizem com nosso objeto de estudo e, portanto, serão muito relevantes para o presente artigo. Como corpus para análise serão realizadas entrevistas com as moradoras de Divino, a fim de verificar as influências por trás de cada arte desenvolvida.

VITOR CEI (UNIR) / vitorcei@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 9. Sala 313, prédio Bárbara Weinberg

NOTÍCIA DA ATUAL LITERATURA BRASILEIRA FEITA POR MULHERES: ANÁLISE DE ENTREVISTAS

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados parciais projeto de extensão "Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas", que é um esforço no sentido de mapear a literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva das próprias escritoras. Através da realização e publicação de uma série de entrevistas com autoras de todas as regiões do país, este projeto pretende constituir-se em atividade voltada para a formação de leitores da literatura brasileira contemporânea feita por mulheres, produção que tem tido reconhecimento regional e nacional, conquistando os principais prêmios literários do país. A partir da análise de entrevistas online estruturadas que fizemos com Aline Dias (ES/PE), Ana Martins Marques (MG), Andreia Delmaschio (ES), Andressa Zoi Nathanailidis (ES), Bernadette Lyra (ES/SP), Laureane Antunes (RO), Mônica de Aquino (MG) e Natalia Borges Polesso (RS),

constatamos a possibilidade de protagonismo feminino oferecido pela internet e a "vitalidade incomum" do circuito literário feminino, com um grande número de publicações, novas autoras, revistas eletrônicas, pequenas editoras, eventos literários, novas traduções e projetos de divulgação; avaliamos quais são os principais desafios para a edição de novas escritoras; delineamos quais são as linhas de força que atualmente orientam a constituição do campo literário no país; concluímos que para a autoria feminina em geral, os movimentos de apoio e de conscientização fazem emergir novos discursos e vozes a serem ouvidas.

VIVIANE ARAÚJO ALVES DA COSTA PEREIRA (UFPR) / viviane.pereira.fr@gmail.com / Dia 20-11, 13h30-18h. Mesa 6. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

CHAHDORTT DJAVANN E VIRGINIE DESPENTES: VOZES FEMININAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA FRANCESA

O objetivo desta comunicação é discutir as obras *Bas les voiles!*, da escritora iraniana Chahdortt Djavann, e *King-Kong Théorie*, da francesa Virginie Despentes, partindo especialmente do limite entre o autobiográfico e a escrita ensaística. As duas escritoras têm se mostrado atuantes, e mesmo militantes, no cenário da literatura contemporânea em língua francesa. Em comum, Despentes e Djavann partem de suas experiências muito singulares para colocar em discussão a representação da mulher e afirmar o lugar de fala numa sociedade excludente. Propõe-se aqui uma leitura comparativa com ênfase dupla na questão do(s) gênero(s): o gênero feminino e a afirmação da mulher; e o limite entre o gênero ensaio e a escrita de si. Pretende-se com este trabalho refletir sobre o lugar da mulher no ambiente literário atual em narrativas que se encontram na crise do sujeito; na tentativa de construir (ou reconstruir) uma identidade desestabilizada; na inscrição de um nome de autor e de uma postura autoral. As questões ora levantadas não se restringem à literatura em língua francesa e refletem, em alguma medida, inquietações que tocam à literatura contemporânea em qualquer língua. Refletir sobre essas obras, especificamente, deve servir como um recorte que permite pensar as práticas escriturais na contemporaneidade: as relações entre autoria e identidade; a escrita de si como performance; a inscrição da identidade fragmentada na história/memória.

WILBERTH SALGUEIRO (UFES / CNPq-Fapes) / wilberthcfs@gmail.com / Dia 21-11. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

CORPOS CORTADOS: LEITURA DO POEMA "NESTE MESMO MUNDO" (2015), DE ADRIANA LISBOA

A ideia é analisar o poema "Neste mesmo mundo", de Adriana Lisboa (*Parte da paisagem*, 2015), de uma só estrofe com dezessete versos: "A vida íntima / de uma menina de dez anos / na Somália (*Somália* é qualquer lugar / neste mundo, neste mesmo mundo): / o clitóris e os lábios vaginais são decepados / a menina é costurada em seguida, deixando-se / apenas uma pequena abertura para a urina e a menstruação / a menina é imobilizada até que a pele grude / entre suas pernas / e no dia em que estiver pronta para o sexo / seu marido / ou uma mulher respeitada na comunidade / vai abri-la de novo, cortá-la / como se corta uma fruta, como se corta / a aba de um envelope que traz um documento importante / como o avião corta a nuvem / como a nuvem corta o céu.". Como se vê, o poema fala da mutilação genital feminina. Mais de 130 milhões de "meninas" – na Somália, em outros países africanos e ainda em muitos outros países – foram vítimas da brutal e bárbara intervenção. Reafirmando o vigor atuante e crítico da lírica comprometida, e tendo em mira o imperativo categórico de Theodor Adorno, em "Educação após Auschwitz", a leitura atenta do poema contribui para que o esclarecimento se expanda, contra o medo e a opressão, contra a alienação e o obscurantismo.

YAN PATRICK BRANDEMBURG SIQUEIRA (UFES) / wgypbs@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 16. Sala 204, prédio Bárbara Weinberg

A AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM *OLHOS D'ÁGUA*

Regina Dalcastgnè, no texto "A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea", afirma que ao manusear as representações sociais, o autor pode, de forma esquemática: (a) incorporar essas representações e reproduzi-las de maneira acrítica; (b) descrever essas representações e evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos e exigir o nosso posicionamento – mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, implica numa tomada de posição para reflexão sobre nossa própria visão de mundo marcada, muitas vezes, por estereótipos. É essa visão questionadora da realidade que encontramos em *Olhos D´água* de Conceição Evaristo: ao colocar a mulher negra como centro das narrativas, a autora evidencia e contesta a representação feminina na literatura brasileira. Isso também é enfatizado no ensaio "Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira" em que Evaristo demonstra em vários exemplos literários a predominância de um discurso que insiste em proclamar a diferença negativa para a mulher negra. Assim, sua representação literária é fortemente pela negação da maternidade e da ancestralidade africana, bem como seu corpo se torna objeto para o prazer masculino. Dessa forma, com base nas discussões teóricas de Serge Moscovici e Denise Jodelet sobre o conceito de representação social, e apoiado nas reflexões de Dalcastgnè e de Evaristo, pretende-se analisar a representação da mulher negra em alguns contos de *Olhos D´água* com o objetivo de demonstrar que ocupar esses lugares de produção do discurso, representando-se, exprime a capacidade de pluralizar o discurso literário e diversificar a gama de personagens e histórias de nossa literatura.

YASMIN ZANDOMENICO (UFES) / yzandomenico@gmail.com / Dia 21-11, 13h30-18h. Mesa 15. Sala 104, prédio Bárbara Weinberg

PAIXÃO CHINESA PELO PARTICULAR – ANÁLISE DE "MULHER DE POSSES", DE ANGÉLICA FREITAS

A presente proposta consiste numa análise do poema "mulher de posses", de Angélica Freitas, publicado em *Um útero é do tamanho de um punho* (2012). A obra da poeta gaúcha desautomatiza, em tom irônico e contundente, alguns discursos estereotipados sobre as mulheres. Em "mulher de posses" é encenado – a partir do contraste entre despojamento oriental ("em comum com o mestre zen/ que quebrou a sua xícara/ porque a ela se apegava") e acúmulo ocidental ("mas nada pretende vender/ e se é uma arte perder/ desolée, não a domina") – um certo arquétipo feminino, que a poeta problematiza, dissimulando-o. Esta comunicação pretende examinar (a) a recuperação via poesia do diálogo com a tradição zen, (b) a formulação de um olhar crítico *de mulheres* sobre o falatório *sobre mulheres* e (c) a configuração de certo antagonismo social no poema, em termos de relações de gênero. Para tanto, a orientação se dará, principalmente, pelos textos "Literatura e zen-budismo", de Wilberth Salgueiro, "Literatura e mulher: essa palavra de luxo", de Ana Cristina Cesar, e "Palestra sobre lírica e sociedade", de Theodor Adorno.

INFORMAÇÕES RELATIVAS
A TRANSPORTE, HOSPEDAGEM E ALIMENTAÇÃO

Como chegar

Para quem vem de ônibus: a Rodoviária de Vitória fica na região do Centro da cidade, no bairro chamado Ilha do Príncipe. Da Rodoviária ao Campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde ocorrerá o evento, o trajeto é de 10 km, aproximadamente, e leva em torno de 20 ou 30 minutos de carro, táxi ou ônibus.

Para quem vem de avião: o Aeroporto de Vitória fica no bairro Goiabeiras, próximo ao Campus da Universidade Federal do Espírito Santo, onde ocorrerá o evento. O trajeto é de 6 km, aproximadamente, e leva em torno de 10 ou 20 minutos de carro, táxi ou ônibus.

Saindo do Aeroporto ou da Rodoviária em direção à Ufes, pode-se embarcar em qualquer ônibus que passe pela avenida Fernando Ferrari, no bairro Goiabeiras (são muitas opções).

Saindo do Aeroporto ou da Rodoviária em direção à Orla de Camburi (onde ficam os hotéis recomendados pela organização), pode-se embarcar em qualquer ônibus que passe pela avenida Dante Michelini (são também muitas opções).

A Ufes e o entorno

O Campus Universitário em que ocorrerá o evento fica na Av. Fernando Ferrari, no Bairro Goiabeiras, Vitória. O bairro mais próximo com melhor infraestrutura chama-se Jardim da Penha. O bairro de Jardim da Penha fica entre a Orla de Camburi (onde ficam os hotéis recomendados pela organização) e a Ufes; também os bairros da Praia do Canto e de Jardim Camburi oferecem boas opções de restaurantes, hotéis e diversões em geral.

Uma vez no Campus Universitário de Goiabeiras, informações podem ser pedidas na SIP – Secretaria Integrada das Pós-Graduações, no térreo do Prédio Bárbara Weinberg, que fica localizado em frente à Adufes, próximo ao CCHN.

Mais informações sobre a Universidade podem ser obtidas em: http://portal.ufes.br/.

Hotéis recomendados

Recomendam-se, pela proximidade com o Campus e com a Orla de Camburi, os seguintes hotéis, todos localizados na Avenida Dante Michelini (os valores das diárias em apartamentos duplos variam entre R$ 120,00 e R$ 280,00 reais):

Bourbon – (27) 3203-6550
Camburi Praia – (27) 3334 0303
Íbis – (27) 3203-5450
Intercity Píer – (27) 3434 0000
Minuano – (27) 2121 7877
Red Roof – (27) 3041 9500
Sol da Praia – (27) 2127 1500

Restaurantes

O Restaurante Universitário da Ufes fica próximo à Biblioteca Central, a menos de 5 minutos do local de realização do evento, e com preços bem acessíveis.

Ainda na Ufes, há o restaurante Cia. do Sabor, situado no Centro Tecnológico (CT), próximo do IC-IV.

Há vários restaurantes self-service populares muito próximos à Ufes; ficam na Avenida Anísio Fernandes Coelho, conhecida como Rua da Lama – que também congrega os bares mais frequentados pelo público universitário, à noite. Todos em torno de R$ 40,00 o quilo. Esses ficam a 5 minutos a pé, em relação ao portão principal do Campus.

Algumas outras opções, no próprio bairro de Jardim da Penha, são: os restaurantes self-service Chico Bento, Ferreirinha Grill e Sabor e Arte; Corais e Panaché; o Cantina de Bacco, a Churrascaria Minuano, o Divino Botequim, o Partido Alto etc. A cafeteria Kaffa também serve almoço executivo.

Todos ficam a 5 ou 10 minutos de carro ou táxi em relação ao portão principal do Campus.

Pontos de táxi

Em Vitória, os táxis raramente ficam "rodando" pela cidade; é necessário telefonar para um ponto e solicitar um carro. A corrida entre o aeroporto e a Ufes fica em torno de R$ 25,00; entre a rodoviária e a Ufes em torno de R$ 45,00.

Pontos mais próximos à Ufes: (27) 3314 1372 / 3314 0003 / 3314 3774 / 3324 0758 / 3325 7925 / 3325 6106.

Pontos turísticos da cidade de Vitória

Informações podem ser obtidas pelo site da Prefeitura de Vitória: http://www.vitoria.es.gov.br/turismo.php.

Para mais informações:

HOTÉIS:
https://drive.google.com/file/d/0B1pSGnkghOP4OFpqV0FHQ04wTXVSZnZLS240M1Jsa1I2NkdB/view

BARES E RESTAURANTES:
https://drive.google.com/file/d/0B1pSGnkghOP4RmVsUFBGcFNxOGhhREUydVNsamIwbExVRGlz/view

OPÇÕES DE LAZER:
https://drive.google.com/file/d/0B1pSGnkghOP4Y0I6WWRNV3h3YVl1VThOUmZqa2dFX1BoRmNF/view

NORMAS PARA ENVIO DO ARTIGO

O texto, **a ser enviado até o dia 21 de dezembro de 2017** para xixcel.mulheres@gmail.com, deverá ter entre 10 e 12 páginas, em formato A4 e salvo como arquivo doc; margens superior e esquerda de 3 cm, margens inferior e direita de 2,5 cm; fonte Times New Roman 12; espaçamento 1,5; citações de menos de três linhas no corpo do parágrafo e com aspas; citações de mais de três linhas em destaque, com recuo apenas à esquerda de 4 cm; sistema de referência (autor, ano, p.); notas de rodapé exclusivamente de caráter explicativo; bibliografia organizada segundo as normas da ABNT.

AVISOS IMPORTANTES

1) **Solicitamos, por favor, que o participante que for usar notebook traga, se possível, o próprio equipamento.**
2) **Os Certificados serão enviados por e-mail até o dia 5/12/17.**
3) **O tempo de apresentação de cada comunicação é de ATÉ 20 (vinte) minutos.**
4) **Nos dias 20 e 21/11 as professoras Rachel Sutton-Spence e Fernanda Machado oferecerão o minicurso "LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS" das 18h30 às 20h30. Local: sala 03 do Edifício Didático / CCHN.**

Programação disponível em: http://www.literatura.ufes.br/

Secretaria do evento: sala 301, prédio Wallace Corradi Viana
(perto da Cantina do CCHN)

E-mail: xixcel.mulheres@gmail.com

Whats app: (27) 9-9918-3460

Universidade Federal do Espírito Santo
Reitor: Reinaldo Centoducatte

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

Centro de Ciências Humanas e Naturais
Diretor: Renato Rodrigues Neto

Programa de Pós-Graduação em Letras
Coordenadora: Maria Amélia Dalvi

Comissão organizadora
Arlene Batista da Silva
Maria Amélia Dalvi
Paulo Dutra
Wilberth Salgueiro

Secretaria geral
Letícia Rodrigues

AGRADECIMENTO ESPECIAL a TODOS OS MONITORES
da Graduação e da Pós-Graduação,
sem os quais, decerto, o evento não se realizaria:
muito obrigados!